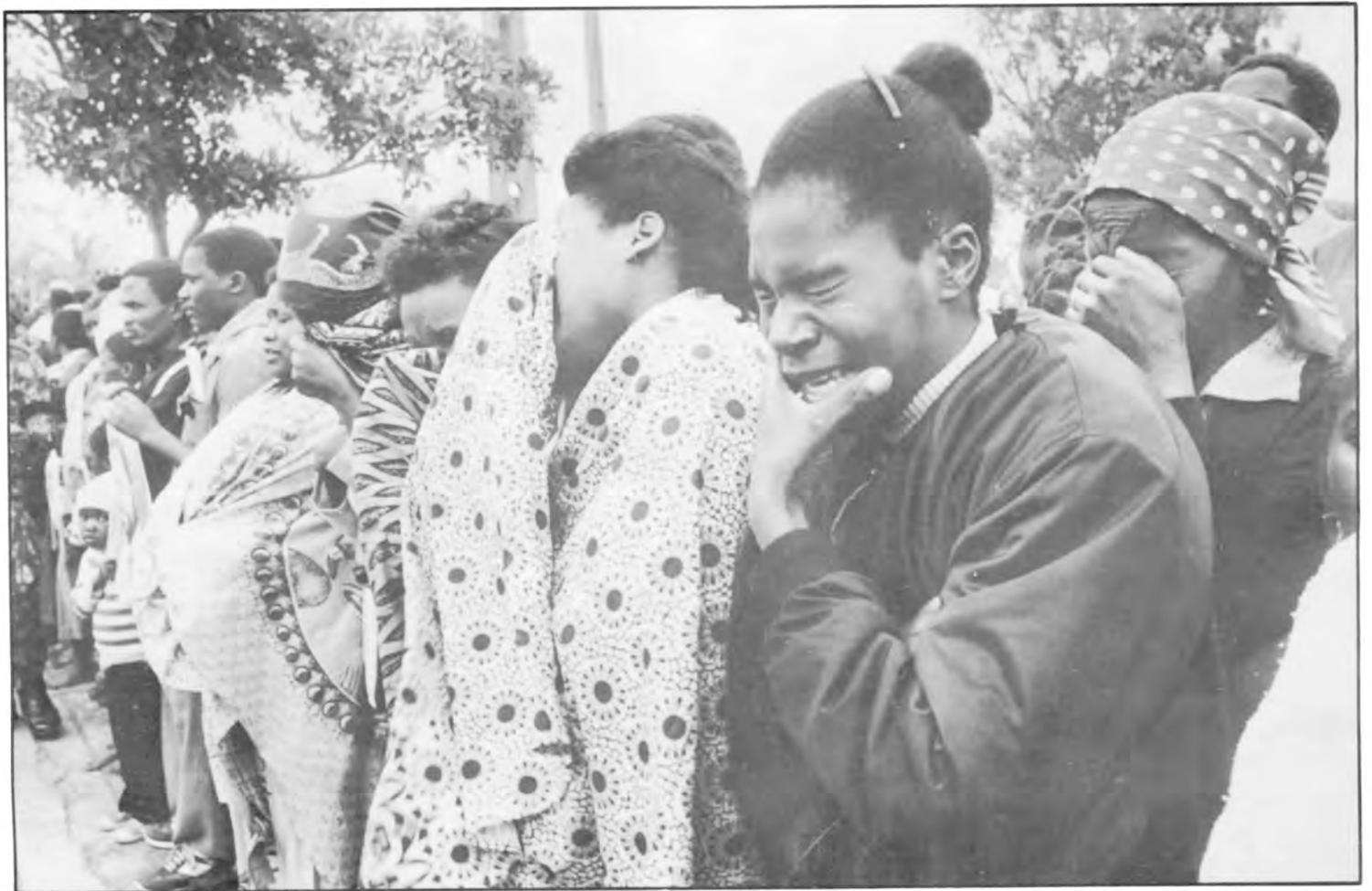
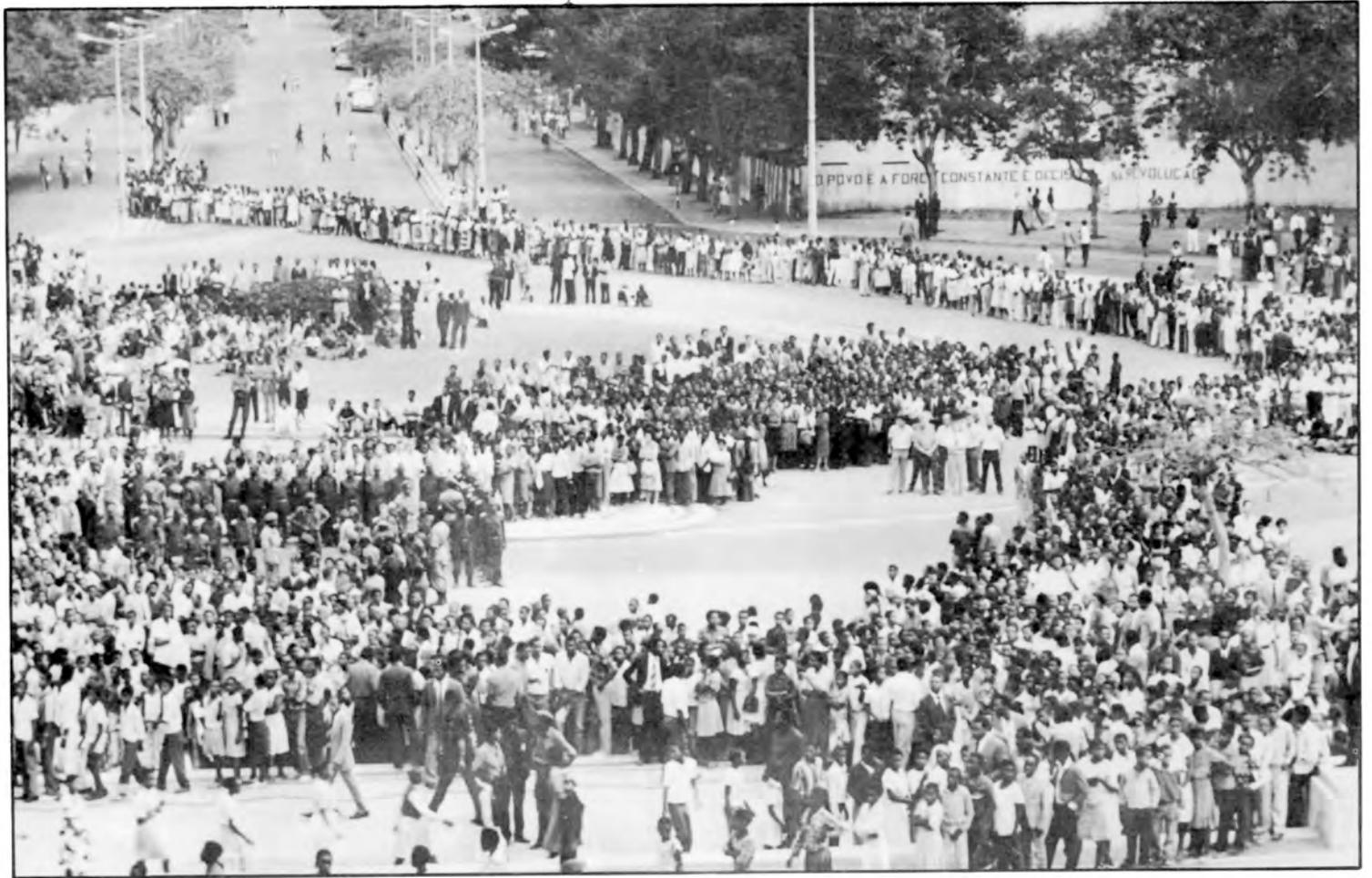


N.º 838 — 2 DE NOVIEMBRE DE 1986 — 25.00 MT
HAPUTO — REPUBLICA POPULAR DE MINAMBIQUE

Tempo





Tempo

SEMANÁRIO ILUSTRADO

DIRECTOR

Albino Magaia

CHEFE DE REDACÇÃO

Luís David

TEXTOS DE:

Albino Magaia, Luís David, Fernando Manuel, Hilário Matusse e Alfredo Tembe.

FOTOS DE:

Kok Nam, Naíta Ussene, Jaime Macamo, Albino Magaia, AIM e Notícias.

MAQUETIZAÇÃO

Eugénio Aldasse

REVISÃO

Guilherme Morbey

Endereço Postal: Av. Ahmed Sekou Touré, 1078
C.P. 2917 — Telefones, 26191/2/3
Telex: 6 - 486 TEMPO MO
REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE
Preço: Moçambique 25,00 MT, Angola 100 Kwanzas

EDIÇÃO 838 2 DE NOVEMBRO DE 1986

CAPA: Slide de Kok Nam

SUMÁRIO

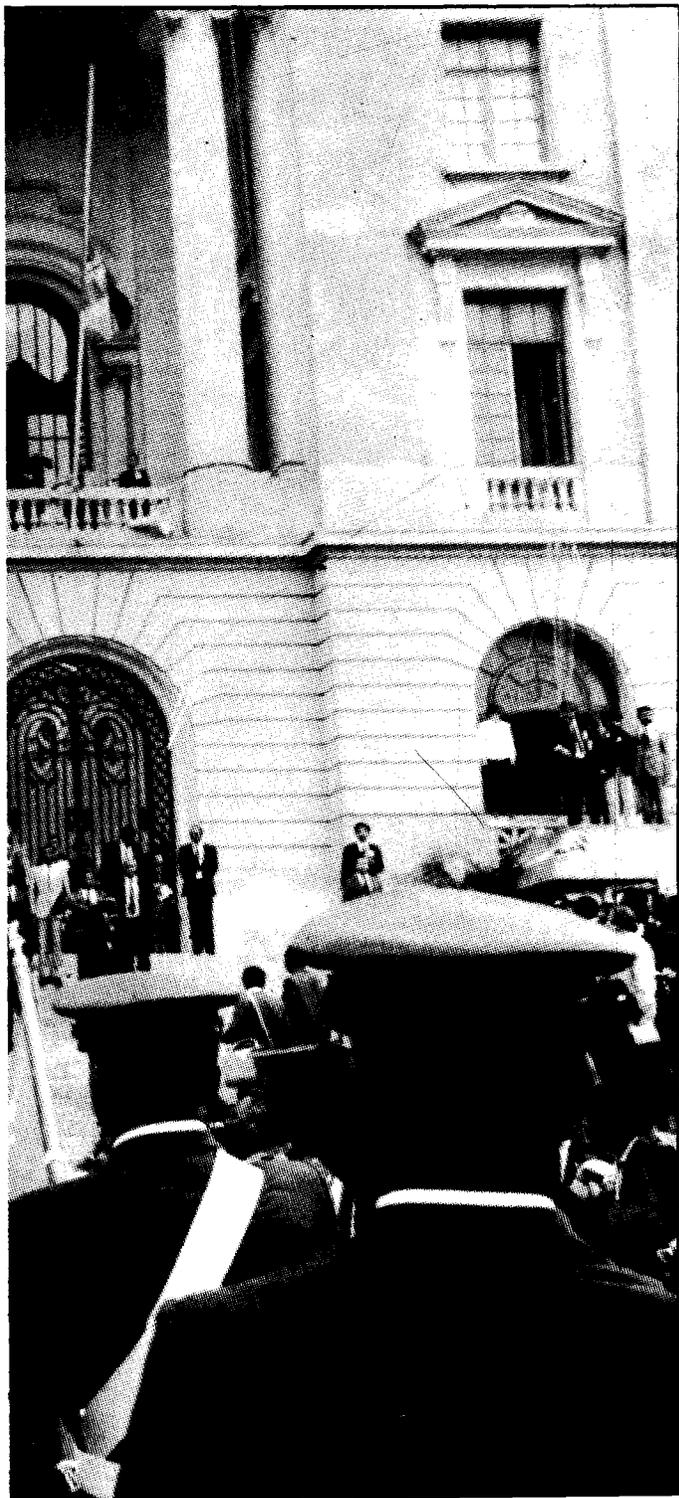
Povo que chora é povo que ama ...	2	Pesar pela morte de Samora Machel	64
Lágrimas incontidas na homenagem derradeira	10	Requiem por Samora	72
Samora descansa ao lado de Eduardo Mondlane!	16	Samora Machel: Morreu um homem... não os ideais	79
Tua vida é história	20	Jornalista moçambicano previa: «Sa- mora um alvo possível»	84
Viverás sempre nos corações dos que amam a liberdade. — A tua voz de comando é a voz da Pátria	31	Falta de assistência imediata fez au- mentar número de mortos?	88
Quando o povo ulula	34	«Até prova em contrário eu acu- so-os abertamente.» — Presidente Kaunda	90
Habitam o coração de cada um de nós	40	Linha da Frente: Prosseguir com os ideais de Samora	94
Vidas que enriqueceram as nossas vi- das	50	Confiança no futuro	96



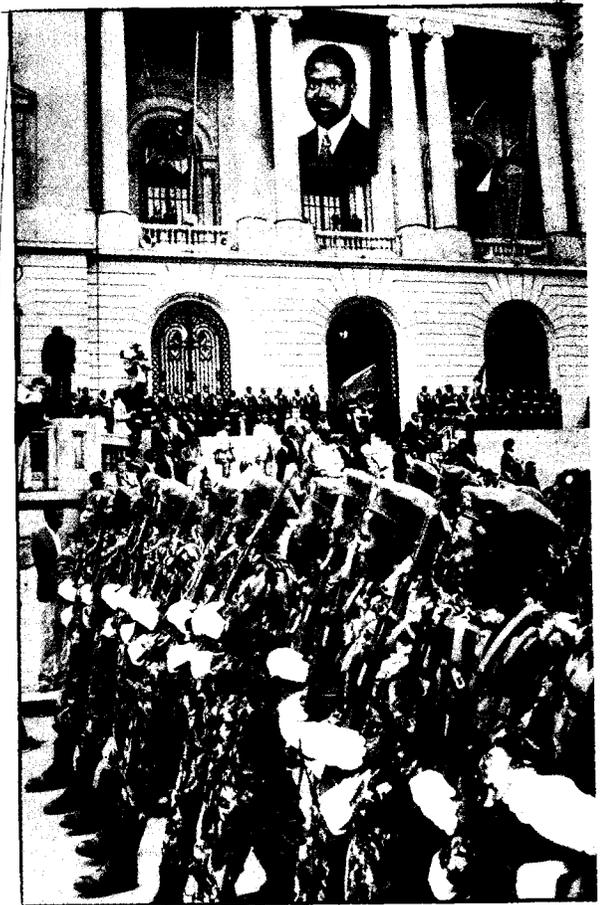
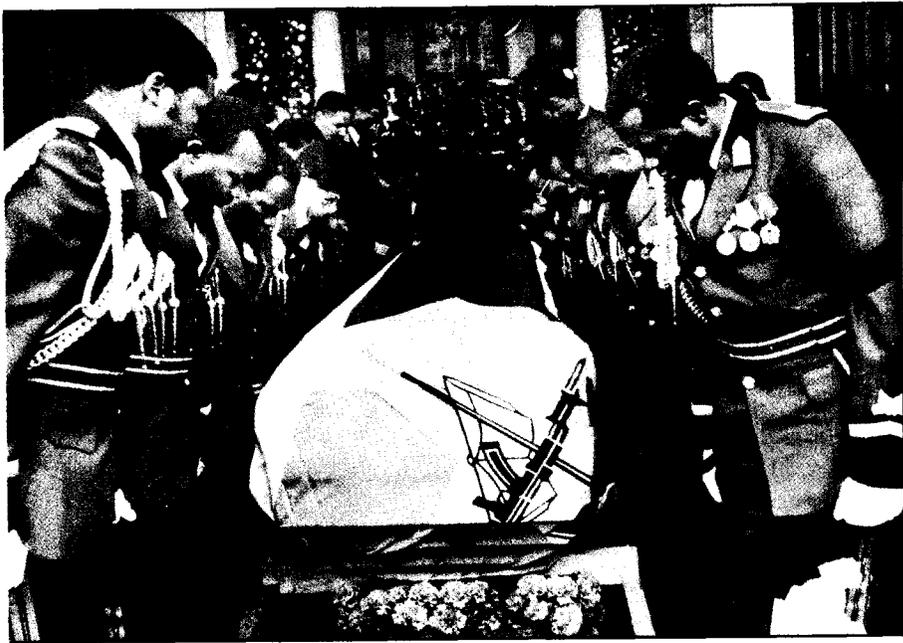
**Povo que chora
é povo que ama**



Uma menina dos seus nove/dez anos, camisola branca e saia escura, num repente irrompe em choro convulsivo. A seu lado, uma senhora do protocolo puxa-a para si, tenta confortá-la, acaricia-lhe o rosto e encosta-a ao seu peito. A criança não consegue reter as lágrimas nem conter os soluços. Não consegue controlar a emoção: Ali mesmo na sua frente, a escassos cinco metros, o armão que transportava a urna com os restos mortais do Pai da Nação moçambicana acabava de se imobilizar. Dentro de instantes, iria ser colocada, para to-





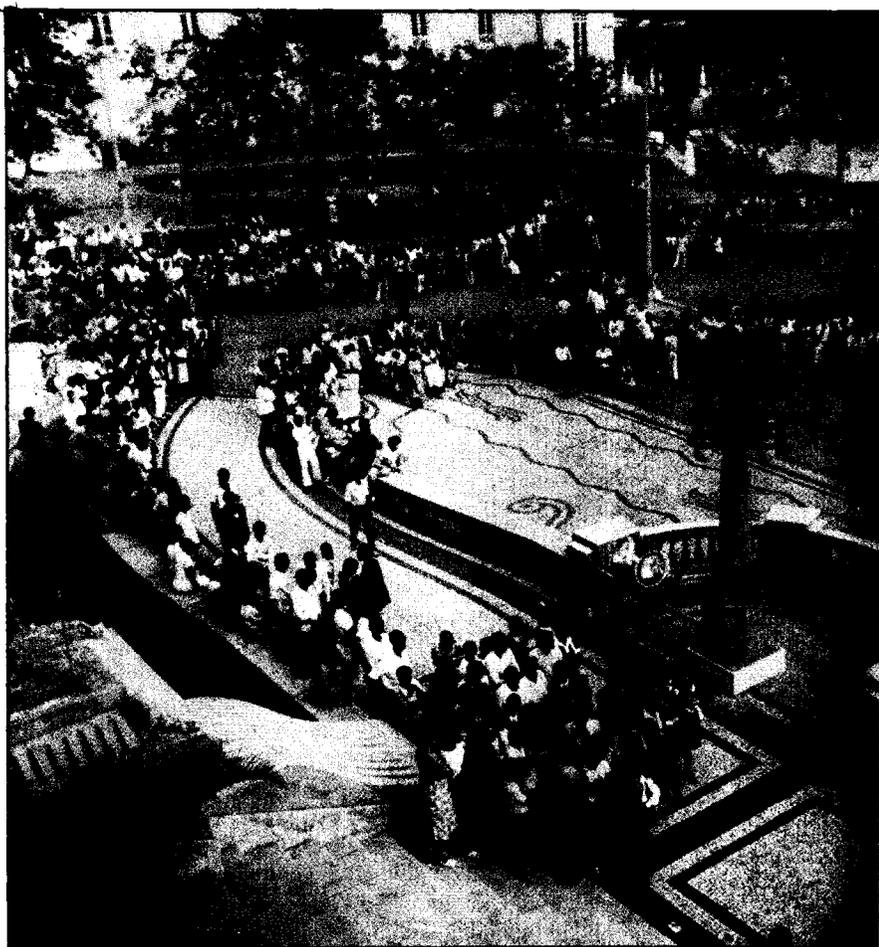


do o sempre, no local onde repousa já toda uma plêiade de Heróis, razão de ser da nossa existência como Povo, como Nação.

O choro desta criança, era o choro repetido de tantas outras crianças que, naquela manhã triste e chuvosa, carregada de luto e carregada de silêncio, ali em círculo na Praça dos Heróis não conseguiam conter lágrimas de dor, lágrimas de saudade já, pela morte prematura daquele a quem se haviam habituado a chamar de Papá Samora.

O choro destas crianças, era também o choro repetido de tantas mulheres e homens prostrados ao longo do último percurso por onde transportaram Samora Machel. Era um choro de dor e de saudade, mas era também um choro de ódio e de raiva àqueles que não podendo



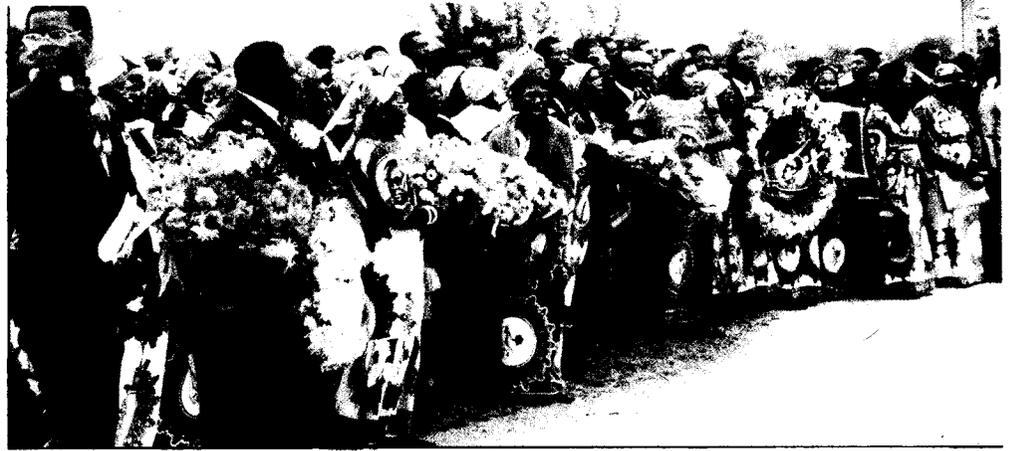
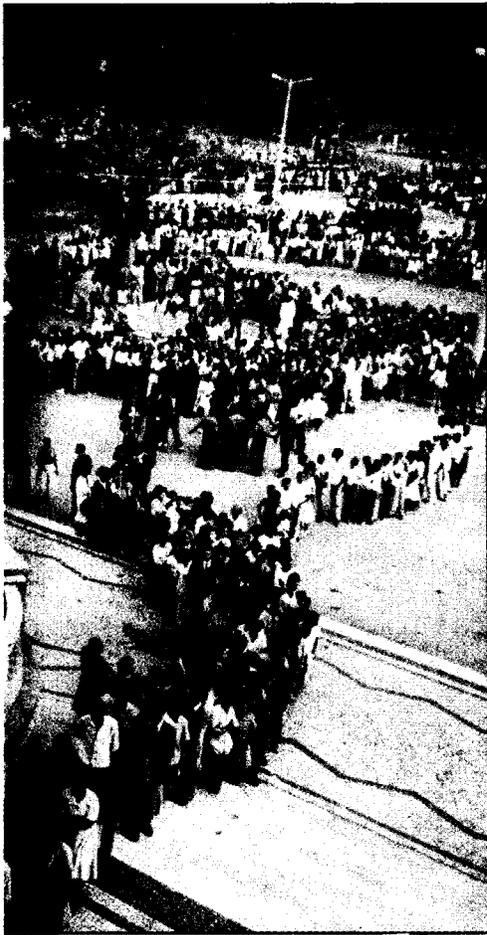


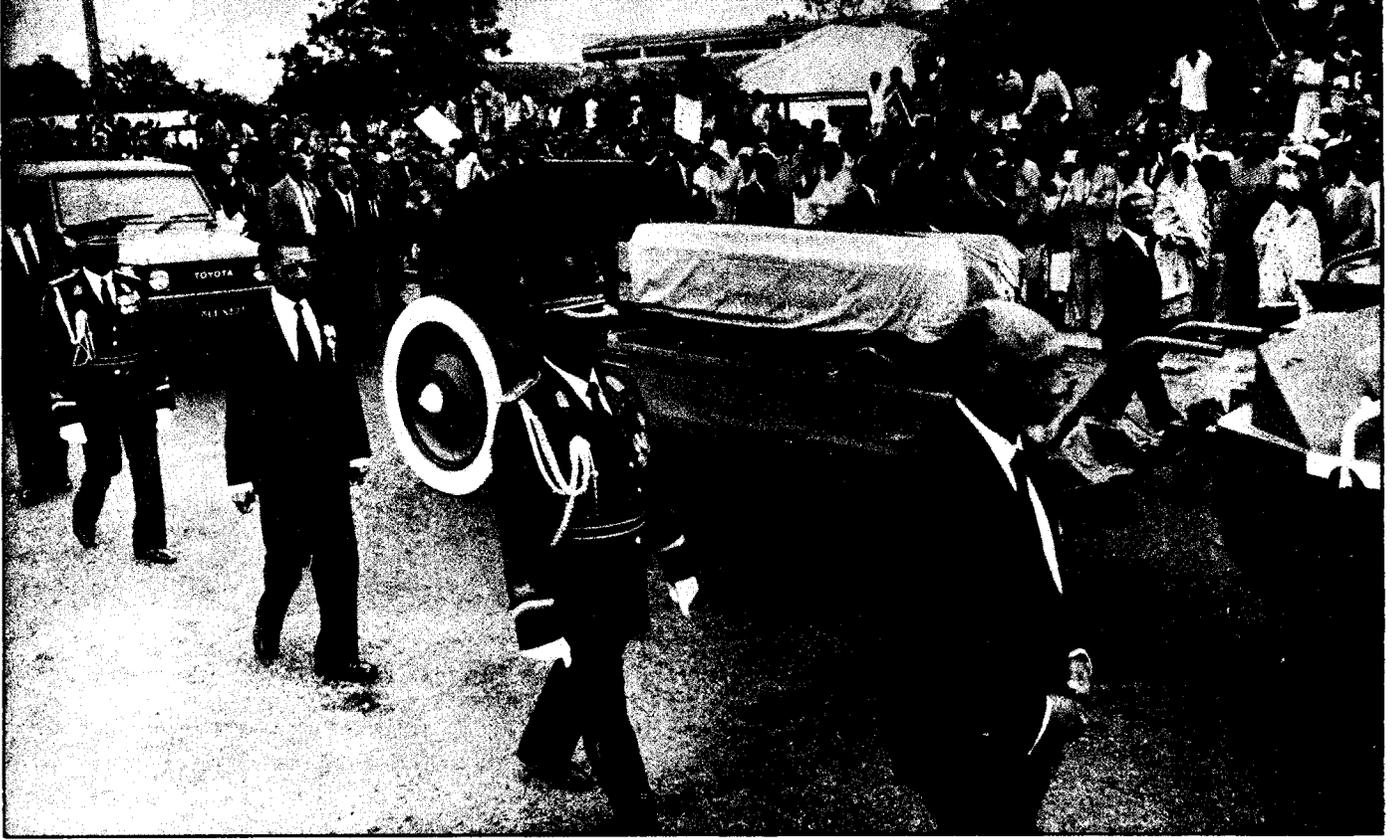
compreender a sua luta pela paz e igualdade entre os homens o eliminaram fisicamente. Como se o pensamento de um homem se pudesse cortar a golpes de catana, como se fosse possível eliminar a História já escrita, como se fosse possível ignorar a vontade e a força de um povo, que é a vontade e força de muitos povos.

O choro de tantas mulheres e homens, era

também o choro de Marcelino dos Santos que, ao proferir o elogio fúnebre daquele que não nos ensinou a chorar, não conseguiu suportar a emoção, deixando que lágrimas e a voz embargada contagiassem a Praça da Independência. Lágrimas que escorreram dos olhos de muitos dos convidados estrangeiros, lágrimas que brotaram dos olhos do cidadão anônimo, lágrima-







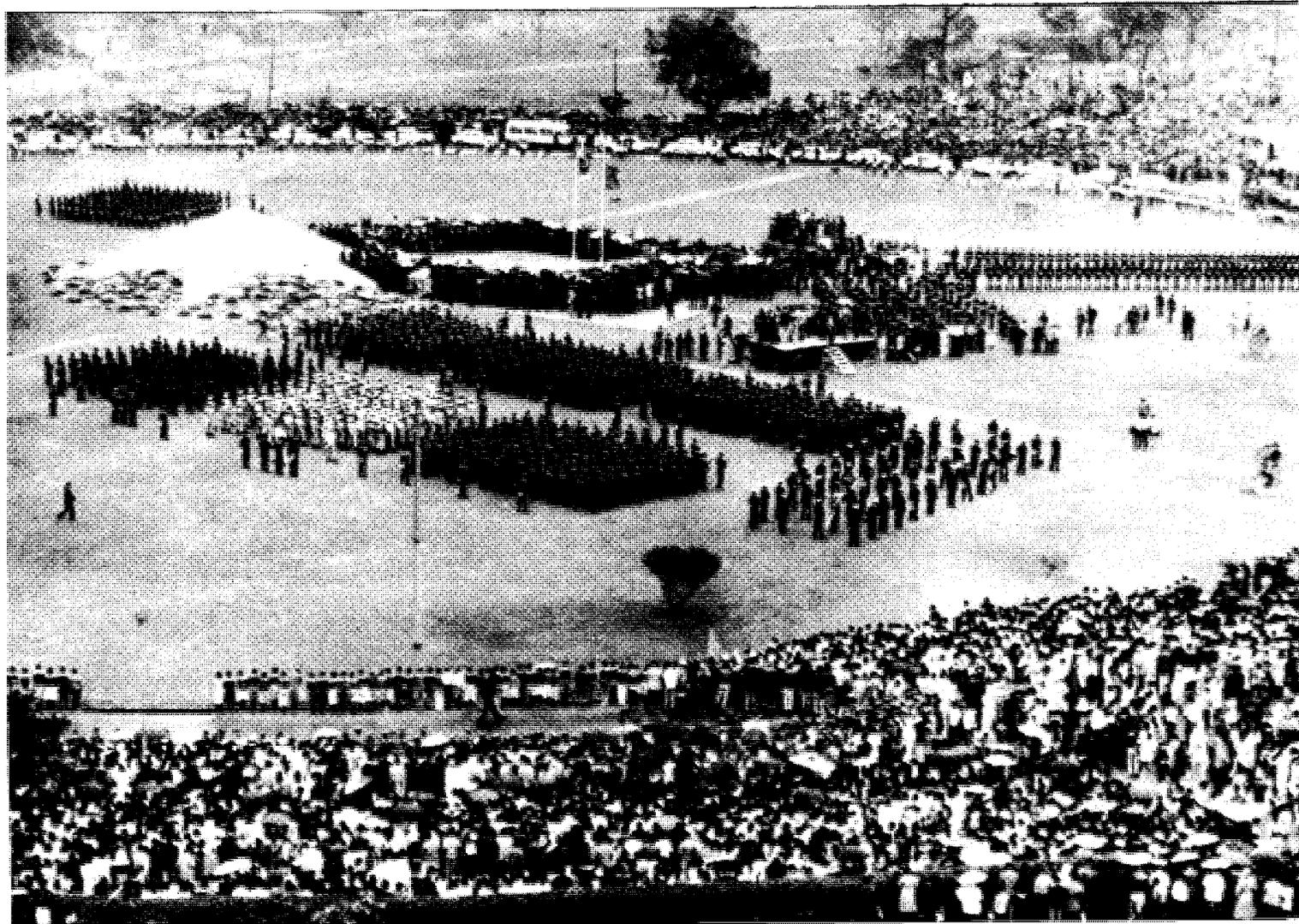
mas que rebentaram nos olhos daquelas jovens do Destacamento Feminino e as obrigaram, por momentos, a destroçar da impecável formatura.

Mas, ao choro de tantos, neste dia em que para muitos foi o da confirmação de que a vida de Samora Machel já era História, juntou-se o choro, o pesar, o respeito, a saudade, de tantos e tantos outros que ao longo dos dias de velório disseram com a sua presença, disseram com a sua atitude de silêncio, disseram com voz ciciada e olhar triste, como amavam e como queriam a Samora.

Nestes dias dramáticos, a cidade capital e com ela o país inteiro, viveram num profundo e respeitoso silêncio. Um silêncio por vezes difícil de suportar, um silêncio que era também ansiedade, incerteza, dúvida. «Mas será verdade? Como é possível?»

Era verdade!

E esta dor e estas lágrimas, este choro da criança e da mamã, este choro do soldado e do papá, este choro é o choro de um Povo. Que ama o seu Presidente.





Lágrimas incontidas na homenagem derradeira

A Praça da Independência, que muitas vezes acolhera Samora em vida em contacto directo, vivo e cheio de calor com o povo que tanto amava, foi terça-feira, dia 28 de Outubro findo, um recinto de luto e choro. Maputo, e através dela a Nação moçambicana toda, rendia a sua última homenagem ao

obreiro de tantas vitórias, ao Homem que soube fundir a sua história à História do seu povo, por quem acabaria sacrificando a vida. Samora foi a enterrar. No entanto, «à terra entregamos apenas o teu corpo. Tu ficas connosco». A História não se enterra.

Desde o anoitecer de segunda-feira, o céu cobrira-se de escuras nuvens, alimentando ligeiros chuviscos acompanhados por um vento frio e cortante. Terça-feira nasceu, assim, cinzenta. Logo às primeiras horas da manhã, entre

as centenas de pessoas que começavam a afluir à Praça da Independência, notavam-se alguns guarda-chuvas e capas impermeáveis dobradas e acomodadas por debaixo dos braços.

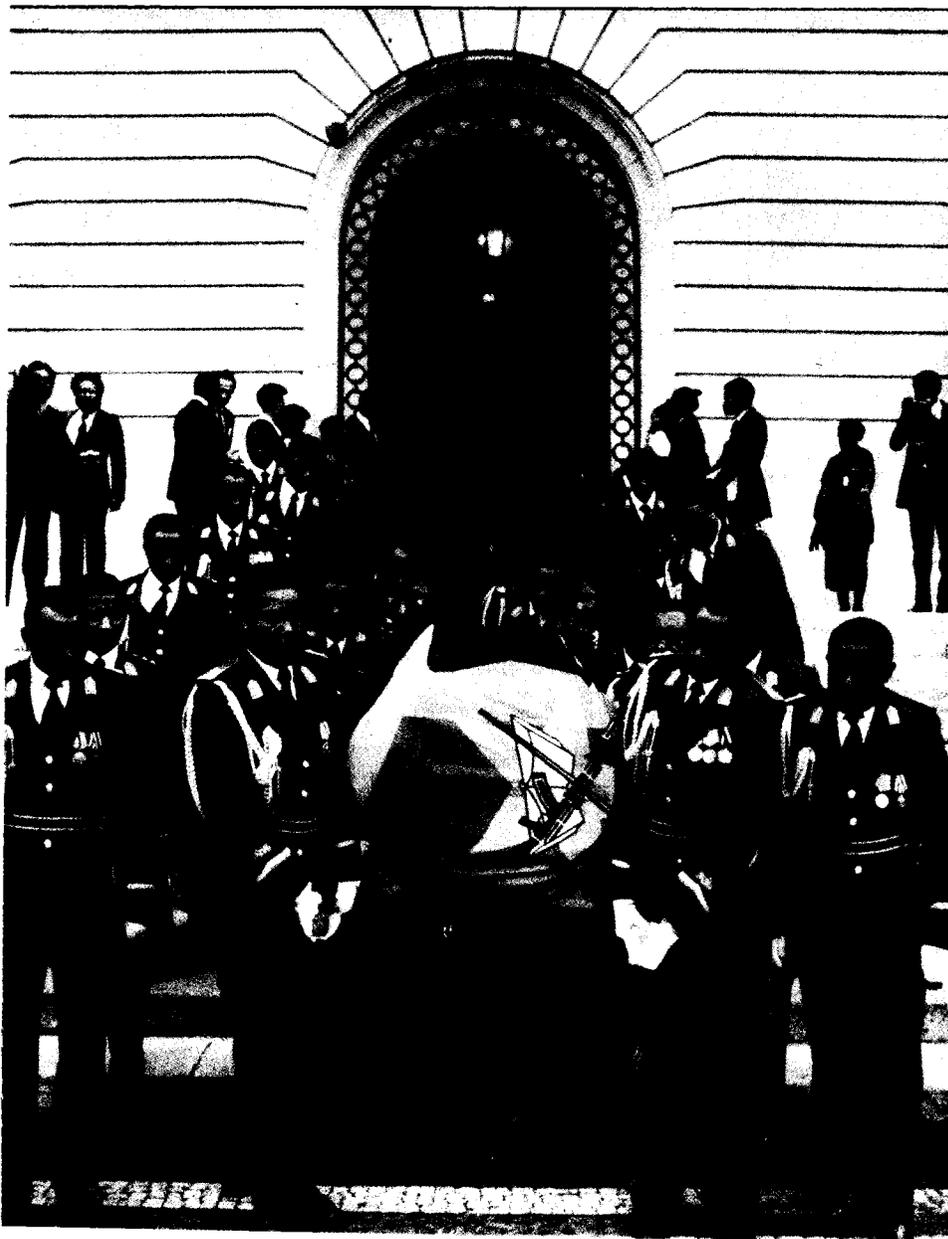
Cerca das oito horas, o recinto

já albergava um enorme semicírculo humano, enquanto na frontaria do edifício do Conselho Executivo os profissionais da imagem se afadigavam na montagem das câmaras de televisão e cinema, no estudo de uma ou outra posição





Chefes de Estado e Governo presentes às cerimónias fúnebres ocuparam uma das alas do átrio do Conselho Executivo, numa última homenagem a Samora



que daí a pouco facilitasse a captação das imagens do que seria o último adeus ao homem cuja memória não morrerá jamais: «Um povo não pode despedir-se da sua História», como o deixaria bem expresso o elogio fúnebre ao Presidente Samora Machel lido pelo membro do Bureau Político, Marcelino dos Santos.

Um por um, chegavam enquanto os estadistas que se quiseram associar a este momento de dor ímpar para o Povo moçambicano, dando entrada pela porta principal, no rosto a indisfarçável marca de uma consternação a que a palavra dificilmente pode dar corpo. José Eduardo dos Santos, Oliver Tambo, Nino Vieira, Pinto da Costa, Thomas Sankara, camaradas de luta, a mesma em que Samora Machel viria a perder a vida, foram dando entrada e tomando assento numa das alas do átrio do Conselho Executivo, enquanto cá fora a população ultrapassava as dezenas para entrar nas centenas, ultrapassava as centenas para atingir os milhares, numa massa compacta e silenciosa que se confrontava ainda com a brutalidade de um choque que nem o decorrer de uma semana tinha aliviado.

O céu ainda cinzento, as nuvens brindando a terra ora com um levíssimo chuvisco, ora com uma carga um pouco mais densa. Um choro além, mais outro e outro,



«Que lágrimas chorar por ti, se durante a vida toda, ao longo dos sacrifícios, das duras caminhadas ao encontro da liberdade, não nos ensinaste a chorar?»

ao Salão Nobre, onde Samora recebera nos últimos três dias as últimas homenagens, antigos combatentes preenchendo os lanços da escadaria.

Ao silêncio da entrada seguiu-se uma canção, ao som da qual a urna foi levantada por um grupo de militares que a foram colocar por sobre um cavalete ornado de cravos, junto à porta do acesso principal.

«Viverás sempre nos corações de todos os que amam a liberdade, a igualdade entre os homens, a paz, o progresso e o bem-estar dos povos». As palavras ecoavam por toda a praça, multiplicadas pelos olhos e ouvidos de todos os presentes. Zacarias Kupela lia a mensagem das Organizações Democráticas de Massas. Lá fora, gestos instintivos, a multidão apertava mais um botão no casaco, dava um jeito no sobretudo, enquanto o vento e a chuva apostavam na continuidade da sua presença: «Até sempre Camarada Samora». Levantou-se o coro a encher o átrio do edifício com mais uma canção, entoada pelos antigos combatentes, convidando os presentes a um acompanhamento sussurrado do refrão: «Frelimo ya wina»...

Um silêncio, logo depois rasgado pela firme voz do Ministro da Defesa: «Fica em paz. As Forças Armadas, a Polícia e Segurança que tu fundaste, ouvirão sempre

as lágrimas misturando-se à dádiva celeste, cimentando no chão os pés cujas vontades entendiam ser ali, cada vez mais, naquela ocasião, o seu lugar. Ninguém arredava pé.

A solenidade exterior da enorme moldura humana em nada perdia com a que no interior se vivia. Um interior igualmente pejado de gente — delegações estrangeiras, membros do BP, antigos combatentes — que num gesto único se pôs de pé, à entrada de Graça Machel. À esquerda desta, após sentar-se, estava a urna contendo os restos mortais do Presidente Samora Machel. À sua direita, na mesma fila, os filhos; soldados com os galardões que o Pai da Nação conquistara em vida e ao fundo, nas escadas de acesso

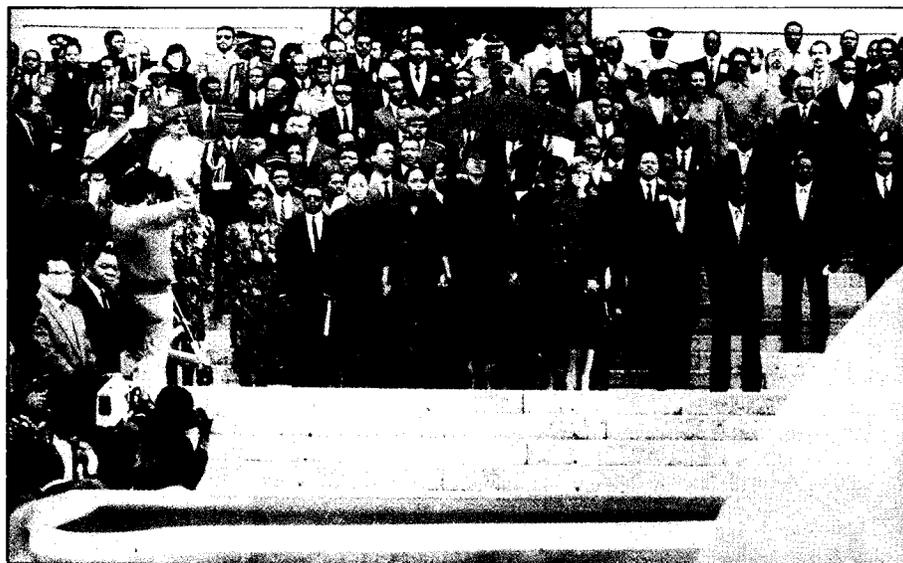


Membros do BP do CC do Partido Frelimo, ladeando a urna, fizeram uma parte do percurso a pé, até à Praça dos Heróis



Homenagem última das Forças de Defesa e Segurança ao Marechal Samora Machel, na Praça da Independência

a tua voz de comando, conuua-
 rão a obedecer a ela, porque ela é
 a voz da Pátria moçambicana». Alberto Chipande dá novo vigor à voz e enche a Praça: «As ordens, Comandante-Chefe.» O fundo é o silêncio, a postura firme dos militares perfilados em frente à urna para lá do primeiro lanço das escadarias do Conselho Executivo, a atitude digna dos milhares que ali acorreram e que a custo continuam ainda a reter as lágrimas. Estas irromperiam definitiva-



Familiares do Presidente Samora na escadaria do Conselho Executivo. A dor pungente de perder também o chefe da família



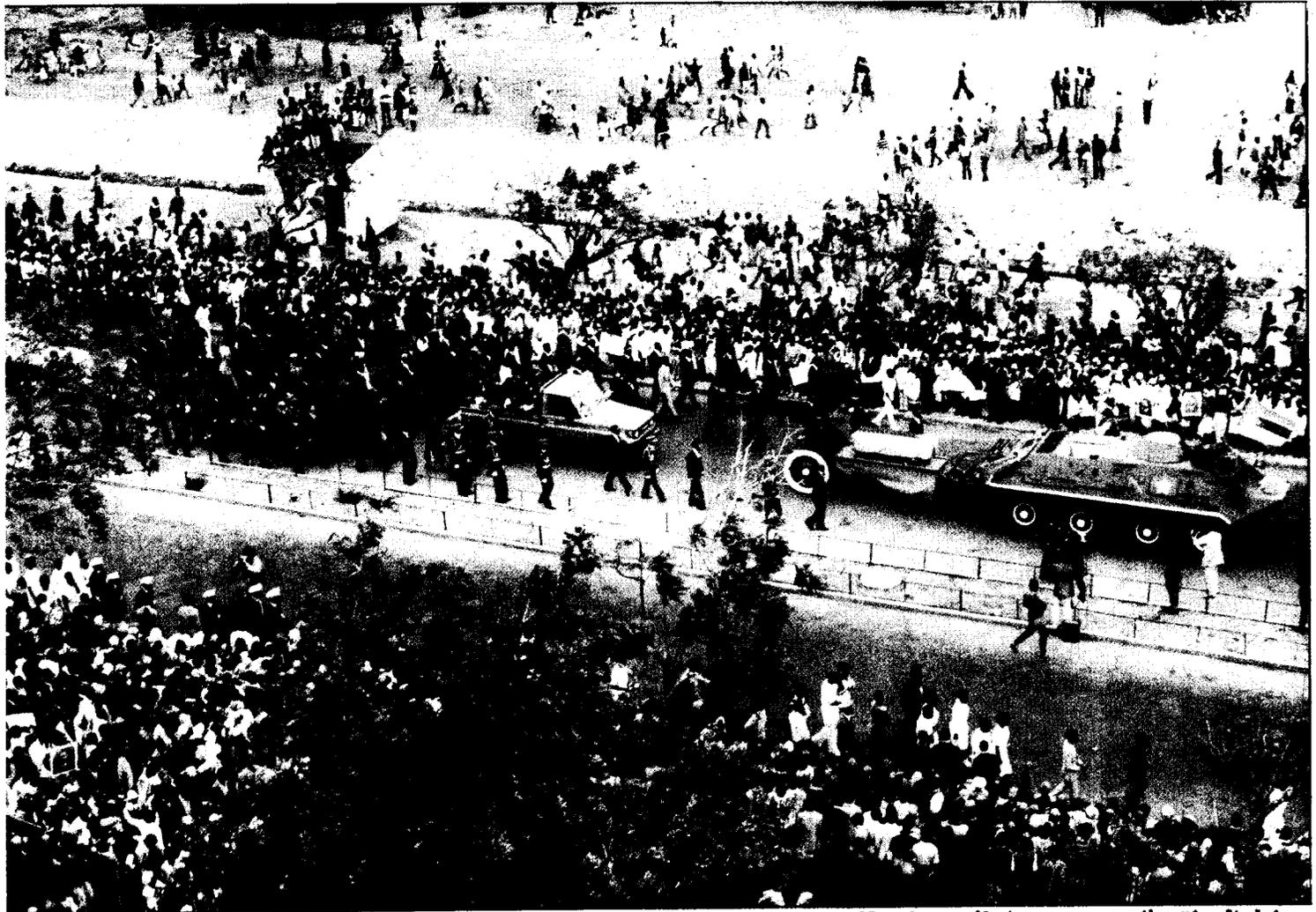
As FAM (FPLM), abrindo o cortejo, renderam uma última homenagem ao seu Marechal



A derradeira caminhada, para um repouso prematuro

mente com o elogio fúnebre lido por Marcelino dos Santos, ele próprio que as não soube conter. Foi, sem dúvida, o elogio que mais lhe custou em todos estes anos de luta e prossecução dos ideais que Samora lega à Pátria moçambicana, à África e ao mundo: «Que lágrimas chorar por ti, se durante a vida toda não nos ensinaste a chorar?» O consolo desta certeza: «À terra entregamos apenas o teu corpo. Tu ficas connosco.» Ao ulular do vento, à suave música da chuva, sobrepõe-se agora o avulmar do choro dos que enchem a Praça.

Logo de seguida, dois porta bandeiras abrem a cerimónia de prestação da última homenagem ao Marechal da República, com o desfile das Forças de Defesa e Segurança em frente à urna, ao som de uma marcha. Esta é depois des-



Passagem do cortejo fúnebre por uma das avenidas da capital: a população de Maputo manifestou o seu sentimento de luto



A Nação moçambicana ficou orfã do carisma do seu obreiro.



cida do átrio, carregada pelos braços de oficiais das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), que a vão depositar no armão militar que daí a pouco seria levado por uma viatura igualmente militar rumo à Praça dos Heróis Moçambicanos. Uma última homenagem na Praça da Independência seria ainda a salva de artilharia, que ressoou pela cidade fora.



«Nunca te diremos adeus. Um povo não se pode despedir da sua História»

Em marcha lenta, o cortejo fúnebre abandonaria a Praça tomando pela Av. Ho Chi Min, pela Karl Marx, Eduardo Mondlane e Acordos de Lusaka, rumo ao local de descanso prematuro do Presidente Samora Machel ao lado de outros companheiros de luta, aqueles que, como Samora, souberam confundir as suas vidas com a história deste país. Ao longo de todo este trajecto, a população verteu lágrimas sentidas e a expressão mais profunda de uma dor que palavra nenhuma jamais conseguirá retratar. □



Samora descansa ao lado de Eduardo Mondlane!



Momento em que os membros do BP transportavam, a urna para a entrada da cripta, no Monumento aos Heróis Moçambicanos

A urna contendo os restos mortais de Samora Machel, Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, foi depositada na passada terça-feira na Praça dos Heróis, em Maputo, no final das cerimónias fúnebres que lhe foram prestadas. A abrir o cortejo que acompanhava a urna, dois oficiais transportavam uma fotogra-

fia ampliada, emoldurada, de Samora Machel. Dois outros oficiais traziam em seguida duas almofadas suportando os galões e o boné militar do Marechal da República, Samora Machel, enquanto demais oficiais transportavam condecorações nacionais e estrangeiras atribuídas ao malgrado em vida.

Passava já das doze horas quando o armão militar transportando a urna de Samora Machel chegou à Praça dos Heróis. Ia a enterrar o primeiro Presidente da República Popular de Moçambique, o seu fundador e pre-

cursor da construção da Nação moçambicana.

Oficiais gerais acercaram-se da urna, transportada numa carreta, que a levaria pela passarela que conduz à cripta. Atrás seguiam os familiares mais direc-

tos do Presidente, esposa, filhos e irmãos, enquanto outros familiares e parentes aguardavam perfilados próximo da entrada para a cripta.

Os membros do Bureau Político do Comité Central do Partido Fre-



A chegada à Praça dos Heróis, a urna foi retirada do armão militar por oficiais das FAM (FPLM) e colocada numa carreta



Delegações estrangeiras de todo o mundo estiveram presentes na Praça dos Heróis, acompanhando o Presidente Samora Machel à sua última morada

limo, consternados, vinham depois seguidos pelos membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular. Outros dirigentes, permaneceriam no exterior da cripta, enquanto os membros do BP acompanhavam os familiares directos do malogrado dirigente, na sua viagem para a última morada.

A ÚLTIMA MORADA

Os oficiais generais transportando o seu Comandante-Chefe, já falecido, colocaram a respectiva urna num cacifo ao lado daquele que recolhe os restos mortais do fundador da FRELIMO e seu primeiro Presidente, Dr. Eduardo Chi-

vambo Mondlane. Ali, tal como nos radiosos tempos de esperar e lutar por um Moçambique independente, forte e próspero, esses dois heróis do nosso povo voltaram a estar lado a lado, desta vez para um descanso sem fim.

O cacifo foi selado com mármore, para em seguida Graça Machel e filhos depositarem flores em homenagem daquele que foi marido, companheiro e pai.

As delegações estrangeiras que às 11.20 horas haviam começado a chegar à Praça dos Heróis, terminada a cerimónia na Praça da Independência, encontravam-se postadas do lado direito do monumento, de onde seriam depois convidadas para, alguns com os olhos marejados, visitarem a última morada do malogrado dirigente moçambicano.

O primeiro dos Chefes de Estado estrangeiros a entrar na cripta, depois que saíram os familiares e membros do BP foi o Presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia, Líder africano dos primeiros a acusarem Pretória de estar por detrás da morte de Samora Machel. Kaunda é actualmente o Presidente da Linha da Frente.

Robert Mugabe, Primeiro-Mi-

nistro do Zimbabwe e Presidente do Movimento dos Países Não-Alinhados desceu em seguida ao interior da cripta, acompanhado por sua esposa, a ele seguindo-se os Presidentes Ali Hassan Mwinyi, da Tanzânia, José Eduardo dos Santos, Presidente de Angola e dos «cinco».

Foi depois a vez dos Presidentes Aristides Pereira, de Cabo Verde, João Bernardo Vieira, da Guiné Bissau, e Manuel Pinto da Costa, de S. Tomé e Príncipe. Foi, então que desceram também à cripta Chefes de Estado africanos dos países socialistas e de todas as partes do mundo, para igualmente renderem a sua homenagem ao falecido Chefe do Estado moçambicano.

A DOR TRANSPARECIDA

A dor transparecia em todos os semblantes carregados. A indignação fez-se sentir, na Praça dos Heróis, quando a primeira das 21 salvas de canhão ressoou no espaço. Simultaneamente, as sirenes das fábricas, de navios e locomotivas soaram durante um minuto,

ao longo do qual, em pé, todo o país rendeu homenagem ao homem que conduziu o país à independência nacional.

As nuvens, de que se carregara o firmamento desde o dia anterior terça-feira última, descarregavam miúdo e intermitentemente chuva que nem por isso fez arrepiar quem quer que fosse. É de tradição que quando grandes homens vão a enterrar, a chuva faz a bênção. E assim foi.

A terra moçambicana que viu nascer Samora Machel recolhia-o assim como que a uma semente que vai germinar, e cujos ideais e obra a chuva veio regar. As crianças que circundavam a Praça, vestindo de vermelho, branco, azul e verde anunciavam essa certeza da vitória que o malgrado dirigente sempre soube transmitir e representar.

QUANDO AMIZADE É IRMANDADE...

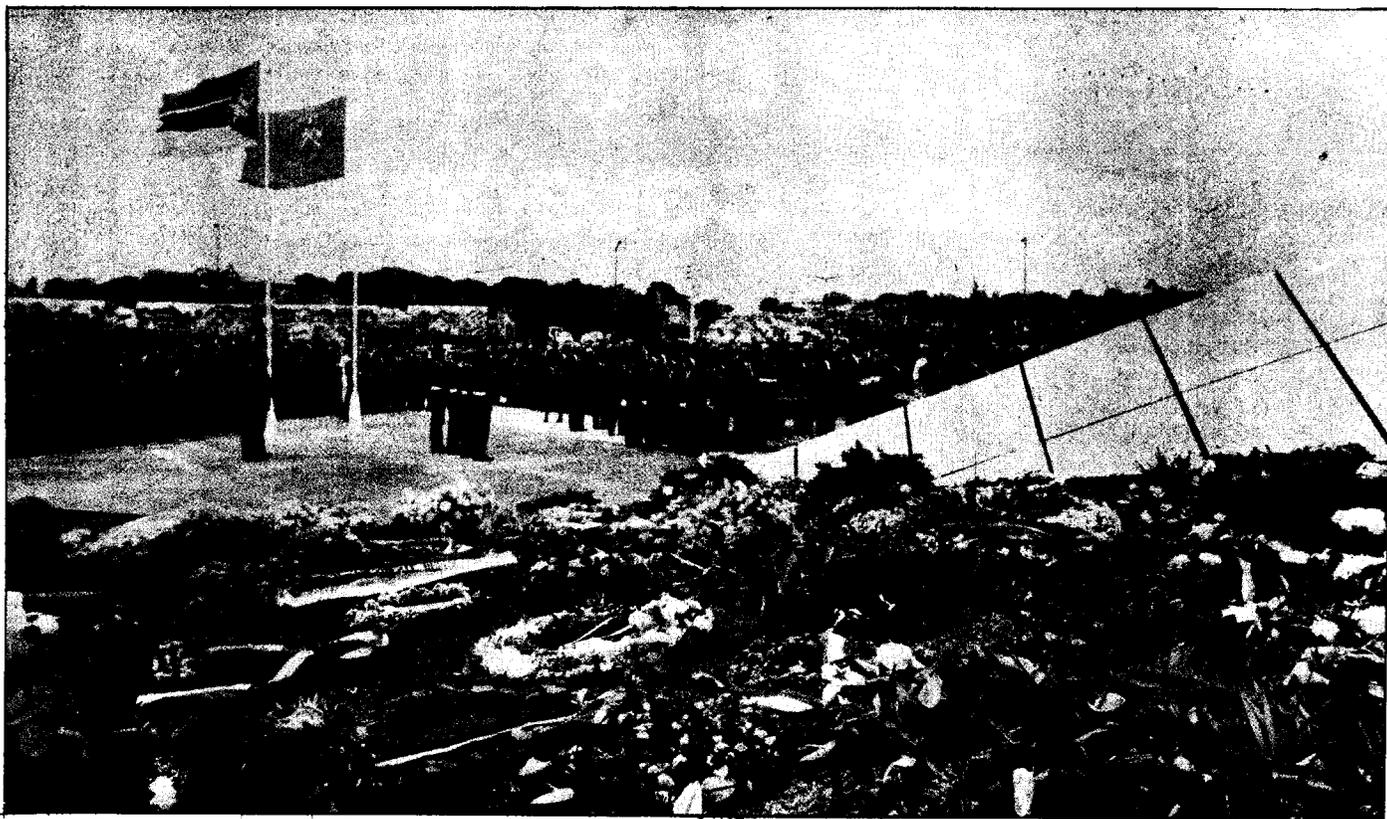
Desde a manifestação de estudantes logo após a morte brutal e trágica do Presidente Samora Machel em Harare, passando por

comícios e manifestações para chegar a múltiplas outras formas de solidariedade, o sentimento do povo zimbabweano mostrou-se de simpatia para com os moçambicanos e de revolta pelas causas que levaram à morte o Líder do nosso país.

Na Praça dos Heróis, perto de duzentas mulheres zimbabweanas cantavam evocando a memória do mais alto dirigente moçambicano ora falecido. Elas, haviam desembarcado naquela manhã vindas do seu país, onde veementemente manifestaram a sua vontade de estarem presentes nas cerimónias fúnebres daquele que era um irmão.

As mulheres zimbabweanas, trouxeram consigo mantimentos para o tempo que aqui passariam e não se preocuparam com atenção especial, uma vez que estavam conscientes das enormes ocupações com que se deparavam os moçambicanos. Mas vieram, testemunhando que a amizade entre dois povos pode assumir o valor da irmandade.

Tal ideia pode ser estendida a representações de outros países



E as flores engalanavam toda a área em redor do Monumento



Depositada a urna na cripta, seguiu-se a cerimónia de lavar as mãos, no Parque de Campismo; o respeito pelos rituais

visivelmente tocados pela morte do Presidente Samora Machel. É o caso dos Presidentes Thomas Sankara, de Burkina Faso, Jerry Rawlings, do Gana, de Daniel Arap Moi, do Quênia e de muitos outros.

A chegada das delegações estrangeiras à Praça dos Heróis Moçambicanos, despertou a atenção a filha do Presidente norte-americano, Maureen Reagan, acompanhada pelo representante diplomático do seu país em Moçambique, Peter Jon de Vos. Também dos Estados Unidos da América, esteve presente o reverendo Jesse Jackson, que há relativamente pouco tempo visitou o nosso país.

Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo da OLP, deitou lágrimas ao lado de outras figuras destacadas da luta pelo progresso e paz no mundo. Grande parte de todos estes líderes e personalidades políticas, prestou declarações às centenas de jornalistas de todo o mundo, pronunciando-se sempre com dor pela morte do Presidente Samora Machel e muitos outros acusando a África do Sul de estar por detrás do acontecimento.

CHORAR LÁGRIMAS QUE SÃO DETERMINAÇÃO

Antes do cortejo fúnebre partir do Conselho Executivo, percorremos o itinerário que aquele seguiria, apercebendo-nos da forma pro-



Pelas ruas, o povo chorou

funda como o povo chorava o seu Líder. Nas avenidas Ho Chi Min, Karl Marx, Eduardo Mondlane, Guerra Popular e Acordos de Lusaka, as pessoas abriam alas empunhando dísticos, cartazes e bandeirolas pretas e vermelhas.

Trajando predominantemente de preto e outras cores escuras, o povo chorava ao mesmo tempo que proclamava a sua vontade e determinação de continuar a luta pelos ideais e pelo ideário por que morreu Samora.

Nos dísticos, podia-se ler que enganaram-se os inimigos que «assas-

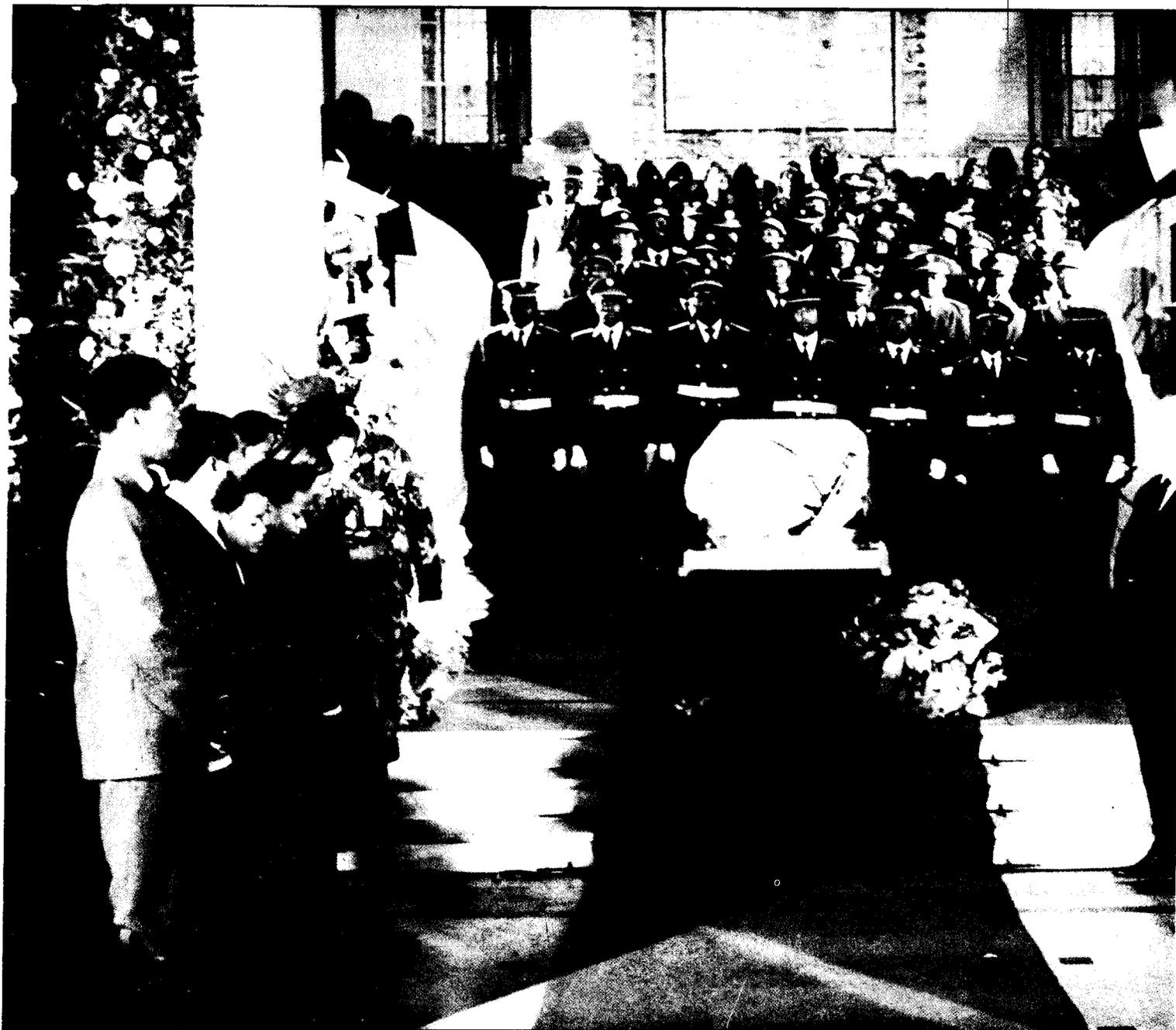
sinando-te pensaram ter erradicado o teu sonho de Moçambique». Outros, diziam apenas que a «luta continua», e que «Samora não morreu porque será eternizado pelo povo moçambicano». Os estrangeiros residentes também perfilavam-se aqui e acolá, lado a lado com os nacionais, para renderem homenagem à passagem dos restos mortais do fundador da República Popular de Moçambique.

RESPEITAR A TRADIÇÃO

Terminadas as cerimónias na Praça dos Heróis, uma pequena pausa separou esse momento e um reencontro no Parque de Campismo, próximo da Praia da Costa do

Sol, onde procedeu-se ao tradicional ritual de lavar as mãos.

Esta cerimónia consiste num encontro para servir um chá ou outra refeição depois de se proceder à sepultura do defunto. Bacias e sabões estavam dispostos à entrada do local onde se realizou a cerimónia para que todos lavassem as mãos à chegada. Estava assim respeitada a tradição e cumprido um ritual da nossa vida como moçambicanos e africanos. □



Tua vida é história

● *Elogio fúnebre lido por Marcelino dos Santos*



Coube a Marcelino dos Santos, proferir o elogio fúnebre de Samora Machel cuja vida evocou desde os primeiros anos. Marcelino dos Santos fez uma separação no tempo entre o momento em que «termina a história do menino que apascentava gado em Xilembene, do adolescente que estudou na Missão de S. Paulo de Messano, do jovem enfermeiro do Hospital Central Miguel Bombarda e do posto da Inhaca» que é o momento em que «começa a história do guerrilheiro, do combatente, do revolucionário, do dirigente que sabia encarnar, como nenhum outro os anseios e aspirações do seu povo», afirmando a seguir:

«Por isso, a partir de então, o teu destino confunde-se cada vez mais com o nosso destino colectivo, faz parte da vida de cada um de nós. A tua biografia confunde-se cada vez mais com o relato exaltante da nossa luta, a tua vida passa a ser História.»

Publicamos, a seguir, na íntegra, o elogio fúnebre:

Camarada Presidente,

Como falar de ti? Como evocar-te, tanto e tão bem como mereces, se ainda repercute em nós, insubstituível, o eco da tua voz amiga? Da tua voz, por vezes vibrante de emoção, outras carinhosa, sempre envolvente como o abraço dum pai, dum irmão, e quantas vezes com aquele tom de simplicidade e densidade humanas de que só tu tinhas o segredo da grandeza?

Como falar de ti, se era precisamente em ti que buscávamos as palavras mais adequadas, as ideias mais justas, para nos aproximarmos de nós próprios, da alma do povo, do coração do mundo?

Como falar de ti, Camarada Presidente, enquanto ainda vibra, no corpo do país inteiro, o espanto da tua viagem sem regresso?

Como dizer-te que nos recusamos a aceitar que não mais sentiremos o aperto forte da tua mão, mas que nos ficou a certeza do calor dessa mão amiga apoiada para todo o sempre nos ombros da nossa Pátria?

Que lágrimas chorar por ti, se durante a vida toda, ao longo dos sacrifícios, das duras caminhadas ao encontro da liberdade, não nos ensinaste a chorar?

Ensinaste-nos, sim, a transformar a dor em força redobrada, ainda mais poderosa que a razão das próprias lágrimas.

Incansável combatente, tombaste em luta contra o «apartheid».

Um imenso vácuo se abriu à nossa volta. A tua morte caiu sobre nós, súbita, envolveu os moçambicanos num manto pesado de dor e angústia. Contigo morreu uma parte de cada um de nós.

Vozes de todo o mundo, vozes de África, de todos os continentes, nos chegam de minuto a minuto. Revoltadas, buscando o inimigo que te roubou aos amigos. Lancinantes, clamando pela razão desta perda sem razão.



Vozes de todo o mundo, vozes de amigos, de admiradores, que tantos soubeste criar, por onde foste, por onde caminhaste. Vozes daqueles que te ouviram e conheceram os teus ideais, o teu amor pela paz, pelo progresso, pelo bem-estar de toda a humanidade.

Vozes de camaradas, de combatentes, que ainda lutam, que ainda morrem pela libertação dos seus povos, pela construção duma pátria.

Vozes de humilhados, de oprimidos dispostos a dar a vida para que nasça a liberdade, para que se imponha a dignidade.

Vozes de todo o mundo nos chegam e nos garantem que não nos abandonaste porque não morre quem tanto vive no coração de tantos amigos.

Representantes de povos de todo o mundo, amigos, camaradas, companheiros de combate aqui conosco te rodeiam no adeus que nunca será definitivo.

Sabemos-te ao nosso lado, vivo como nunca, e isso nos dá a coragem, a infinita coragem de continuarmos a nossa luta até à vitória final. Nunca mais tu partirás. Conosco estarás sempre em cada novo combate, em cada nova vitória.

Garantimos-te, Camarada Presidente: estamos fortes, unidos, seguros, determinados como nunca para o combate final contra os inimigos da Pátria moçambicana.

Camarada Presidente,

Em poucos homens, como em ti tão completamente se confunde a vida com a História do seu Povo.

Falar de ti, dos teus antepassados, da educação que recebeste na infância, é falar da tradição secular de resistência do nosso Povo ao colonialismo português.

Os teus primeiros anos foram povoados pelas memórias heróicas das guerras que Sochan-

gane, Muzila, N'Gungunhane, Maguiguane, travaram contra o invasor.

Teu pai falava-te das proezas do teu avô Malengani, soldado que combateu sucessivamente nos exércitos dos três reis de Gaza e em todos se distinguiu, recebendo por isso o cognome de Maghivelani. Falou-te, teu pai, da coragem indomável desse avô glorioso que não chegaste a conhecer: contou-te como o seu corpo estava marcado pelas cicatrizes honrosas dos ferimentos recebidos em inúmeras batalhas.

A pouca distância do local onde nasceste ergue-se, ainda hoje, a árvore frondosa à sombra da qual Maguiguane se sentava para receber aqueles que o visitavam.

Perto dali apascentaste, criança, o gado de teu pai. Ali participaste com os outros rapazes da tua idade, nas lutas entre pastores, lutas em que tradicionalmente se forjavam a coragem, o carácter, o espírito indómito dos jovens de um povo orgulhoso e guerreiro. Povo que nunca se submeteu, que sempre soube manter viva a chama da resistência contra o invasor e preparar-se para o momento de, uma vez mais, pegar em armas para expulsar o ocupante estrangeiro da nossa terra.

Nesta tradição cresceste. De teus pais aprendeste a vontade de ser livre e o direito inalienável à terra onde nascemos e que enriquecemos com o trabalho das nossas mãos e o suor do nosso rosto.

Eles te ensinaram também que, para vencer o colonialismo, não bastava saber lutar. Era preciso igualmente estudar, dominar as letras e os números, penetrar nos segredos da ciência e da técnica.

Estudar, para um moçambicano da tua geração, era em si uma luta que exigia a vitória em muitas batalhas. Nos obstáculos que o sistema colonial levantava ao teu desejo de estu-



«Vozes de todo o mundo, vozes de África, de todos os continentes, nos chegam de minuto a minuto. Revoltadas, buscando o inimigo que te roubou aos amigos. Lancinantes, clamando pela razão desta perda sem razão»

dar, conheceste as primeiras manifestações directas da discriminação e da injustiça profunda desse sistema que já roubara a teus pais a terra fértil que cultivavam.

Quando na ânsia de prosseguires os teus estudos, deixaste a terra natal, logo te confrontaram, primeiro em Xai-Xai, depois em Lourenço Marques, novas formas de exploração, discriminação e humilhação.

Em teu íntimo se foi fortalecendo e desenvolvendo a vontade inquebrantável de combateres contra o colonialismo. Aprendeste a tradição de luta e resistência do nosso Povo em todos os pontos de Moçambique. Ressoavam no teu coração os nomes de Bonga, Farelay, Mataca e de tantos outros heróis da resistência. Sofreste o sofrimento do nosso Povo, choraste os mártires de Xinavane e Mueda. Participaste no movimento nacionalista que nascia.

Acompanhaste, com apaixonada atenção, as lutas de libertação nacional no Congo-Leo-

onde queremos que cresçam felizes os nossos filhos.

Nesse momento fundiste o teu destino com o destino histórico do povo a que pertences, da Nação que ajudaste a nascer.

Termina a história do menino que apascentava gado em Xilembene, do adolescente que estudou na Missão de São Paulo de Messano, do jovem enfermeiro do Hospital Central Miguel Bombarda e do posto da Inhaca.

Nesse momento começa a história do guerrilheiro, do combatente, do revolucionário, do dirigente que saberia encarnar, como nenhum outro, os anseios e aspirações do seu povo. Por isso, a partir de então, o teu destino confundese cada vez mais com o nosso destino colectivo, faz parte da vida de cada um de nós. A tua biografia confunde-se cada vez mais com o relato exaltante da nossa luta, a tua vida passa a ser História.

Falar de ti, a partir de então, é contar a



«Em ti tivemos o dirigente que assumiu corajosamente a necessidade profunda de resolver os problemas políticos no seio da Frente para que a luta pudesse avançar vitoriosamente.»

poldville, na Argélia e no Vietname, as primeiras independências africanas.

Sabias que também a nossa hora estava próxima e preparavas-te para ela.

Quando Mondlane e outros patriotas fundaram a FRELIMO aderiste imediatamente e foste dos primeiros a seguir para a Tanzania. Um novo e exaltante capítulo se abria então na História do nosso Povo. Um novo capítulo se abria também na tua vida. Deixavas para trás a família, os amigos, a própria terra que te vira nascer. Abandonavas a segurança de uma profissão, o estatuto relativamente favorecido que já alcançaras no contexto da sociedade colonial.

Deixavas tudo isso, sem um momento de hesitação, para seguir um sonho. Sonho que já havia sido dos teus pais e avós, que era o de milhões de moçambicanos, que era o sonho de um povo inteiro: o de vermos outra vez livre a terra onde morreram os nossos antepassados e

História da FRELIMO, a História de Moçambique.

É recordar como os primeiros grupos de jovens seguiram para o treino na Argélia, fazendo ao Povo a dádiva generosa da sua juventude.

É, ao mesmo tempo, evocar como, desde o primeiro momento, sentimos em ti a diferença, como as tuas qualidades te fizeram destacar de todos os outros até todos te reconhecemos como o melhor entre os melhores.

Das ideias fecundas de Mondlane foste o mais fiel intérprete, foste o realizador mais dinâmico e criativo. Foste, em todos os momentos, em todas as crises, o mais intransigente defensor da linha correcta e revolucionária no seio da organização.

Por isso, a FRELIMO te foi atribuindo tarefas de cada vez maior responsabilidade.

E quanto maior era a responsabilidade mais crescias, primeiro à altura dela e depois para

«Foi do povo a luta pela independência. Do povo dos operários e camponeses, devia ser o Estado. A construção do Estado, tu a concebeste e dirigiste como a extensão a todo o país do poder popular que nascera nas zonas libertadas, das conquistas revolucionárias que ali desabrocharam»



te tornares maior do que ela. Cresceste com a FRELIMO, cresceste à medida do crescimento da consciência do Povo. Fizeste crescer a FRELIMO, contigo crescemos todos.

Combatente da primeira hora, lançaste a semente do exército guerrilheiro que libertou o País. Em Kongwa, sob a tua direcção, iniciou-se o longo processo de formação do homem para ganhar a guerra.

Formaste soldados, transformaste homens sem preparação em combatentes conscientes pela libertação da nossa Pátria.

Quando necessário, assumiste pessoalmente o seu comando na abertura de novas frentes, na consolidação de outras, no aprofundamento da guerra popular.

Sempre encaraste a formação do combatente no sentido mais amplo. Para ti, formar soldados não era apenas ensinar-lhes a disciplina, a táctica e a ciência militares.

Era, essencialmente, formar homens conscientes dos objectivos da luta, claros quanto à definição do inimigo. Homens com uma moral revolucionária, com um comportamento exemplar, com relações irrepreensíveis com o Povo.

Homens com espírito criador, capazes de construir, de produzir a partir da terra os bens essenciais à vida, misturando, como dizias, a inteligência com o matope.

Foste, desde a primeira hora, um defensor intransigente dos direitos e da dignidade da mulher. Foste dos primeiros a compreender que a libertação da mulher era uma condição fundamental do triunfo da Revolução, e que a mulher só se libertaria engajando-se na tarefa principal.

Veio a criminoso e covarde acção inimiga que nos roubou o nosso primeiro Presidente. Foi então para ti que todos nos voltámos, foi em ti que todos reconhecemos o novo chefe que, gerado e forjado na própria luta, seria capaz de prosseguir a obra imorredora de Mondlane e conduzir o combate até à vitória final.

Por isso te escolhemos para Presidente.

Em ti tivemos o dirigente que assumiu corajosamente a necessidade profunda de resolver os problemas políticos no seio da Frente para que a luta pudesse avançar vitoriosamente. Fizeste-nos compreender a importância do comportamento exemplar como factor determinante que nos demarca do inimigo. Foste o principal obreiro da mudança qualitativa que transformou a Luta Armada de Libertação Nacional em Revolução.

Tu eras o combatente sem compromissos, o homem sem preconceitos, o dirigente que só tinha por inimigos os inimigos do Povo. Por isso tinhas a autoridade política e moral para apontar os erros, denunciar os desvios, propor soluções e aplicá-las mesmo quando elas tinham de ser duras e difíceis. Ensinaste-nos que também no corpo político é preciso raspar as feridas para que elas não infectem e contaminem tudo à sua volta.

Tu foste o grande mobilizador dos combatentes e do povo para o desenvolvimento permanente da luta. Sob a tua direcção, os combatentes assumiram profundamente o amor e o respeito pelo povo e eram, por isso, os seus filhos mais queridos.

A unidade baseada em princípios claros, a coerência política e ideológica, a disciplina conscientemente assumida impuseram a FRELIMO à admiração do mundo inteiro.

Em ti tivemos o chefe, o camarada, o amigo que soube ganhar a admiração, o respeito e o amor de cada militante e de todo o Povo.

Em ti tivemos o estratega político e militar que nos guiou à vitória sobre um colonialismo poderoso e antigo de cinco séculos.

A notícia alegre da vitória tu a levaste pessoalmente ao povo, do Rovuma ao Maputo. E do Rovuma ao Maputo, nas bases guerrilheiras, nas zonas libertadas, nas vilas e nas cidades, o povo inteiro, unido como um só homem, com uma só voz falando nas nossas muitas línguas,

te recebeu e aclamou libertador, chefe indiscutível e amado, num imenso e jubiloso plebiscito.

Eram os momentos exaltantes da vitória. Na alvorada luminosa da independência era preciso começar a construir o Estado moçambicano.

Sempre os teus olhos, atentos às realidades do presente, abarcavam as perspectivas do futuro. Inabalavelmente certo da vitória sobre o colonialismo, procuraste no processo da luta, na vida nova que surgia nas zonas libertadas, nas razões profundas do combate e nas aspirações mais caras do povo, a natureza que devia ter o Estado a construir depois da vitória.

O essencial da Constituição da República Popular de Moçambique estava contido nas obras que escreveste durante a Luta Armada de Libertação Nacional, é produto da nossa prática colectiva iluminada pelo teu pensamento revolucionário e genial.

Durante a luta disseras: a nossa arma principal é a unidade. A Pátria que concebeste é a Pátria de todos os moçambicanos, a Pátria da igualdade acima da raça, da cor, da tribo, da etnia, do sexo e da crença.

Tu próprio eras o mais importante elemento dinamizador da unidade nacional, és o símbolo imperecível da moçambicanidade. Recordaremos sempre como apontavas a nossa bandeira e afirmavas com orgulho: esta bandeira cobre-nos a todos.

Nunca esqueceremos como te referias ao anti-racismo da nossa sociedade e declaravas: esta é a nossa arma sofisticada.

Elevaste o combate ao racismo à dimensão de uma componente fundamental do nacionalismo africano.

Para ti não se tratava apenas de aceitar a colaboração de cidadãos de todas as raças. Ensinaste-nos que em nenhum continente as nações podem ser definidas em termos raciais.

O anti-racismo não tinha, para ti, a dimensão limitada de uma tática: era um princípio em que nunca transigiste. Hoje na nossa Pátria, homens de todas as raças partilham plenamente dos mesmos direitos e obrigações.

Foste um inimigo implacável do tribalismo e do regionalismo. Diziaś: é preciso matar a tribo para que a Nação possa nascer.

Sabias ver, em todas as manifestações de tribalismo ou regionalismo, outras tantas lanças apontadas ao coração do nosso Povo. Identificavas em todas elas o veneno corrosor da nossa arma mais valiosa — a unidade.

Ensinaste-nos que, por detrás do racismo, do tribalismo e do regionalismo esconde-se sempre o rosto mesquinho da ambição. Ambição que, tantas vezes, leva ao crime e à traição.

Estas concepções reflectiam-se não só nas tuas posições políticas mas também na forma como, completamente despoído de preconceitos, te relacionavas com pessoas de todas as tribos e de todas as raças, na escolha das tuas amizades, em toda a tua vida pessoal.

Em cada homem, vias exclusivamente as suas qualidades concretas. No homem, a sua dimensão universal.

Durante a luta disseras: não lutámos para mudar a cor dos exploradores, para substituir a opressão estrangeira por uma opressão nacional.

Foi do povo a luta pela independência. Do povo, dos operários e camponeses, devia ser o Estado. A construção do Estado, tu a conce-

«Firme no comando da guerra contra o banditismo, na defesa da independência e soberania da nossa Pátria Socialista, procuraste sempre os caminhos justos da paz para o nosso povo e para os outros povos da nossa região»



beste e dirigiste como a extensão a todo o país do poder popular que nascera nas zonas libertadas, das conquistas revolucionárias que ali desabrocharam. Sob a tua direcção, a terra foi devolvida ao povo, a educação deixou de ser privilégio de poucos, os hospitais e os prédios abriram-se aos moçambicanos, a justiça tornou-se popular.

Os mecanismos de opressão, de humilhação, de exploração e de discriminação gerados pelo colonialismo foram derrubados. Guiados pelo teu pensamento e pela tua acção, edificámos o Estado popular, democrático, instrumento do povo para a materialização das suas aspirações mais profundas: a liberdade, a paz, o progresso, a justiça social.

Durante a luta de libertação nacional, insistias que devíamos contar antes de mais com as nossas próprias forças, caminhar sempre sobre as nossas próprias pernas. Desse modo, ensinavas, crescemos de pequenos para grandes, de fracos para fortes.

Assim também, concebeste o modo de enfrentarmos as tarefas gigantescas da reconstrução nacional. A tua voz mobilizava poderosamente o nosso povo. Ensinavas a planificação e organização. Contigo aprendemos a vencer os complexos, a tomar nas nossas mãos o destino da Pátria, a construção do futuro.

Mãos moçambicanos, sob o impulso do teu encorajamento, aprenderam a manjar o tractor, o guindaste, a locomotiva, a fazer funcionar a fábrica, a operar a autocombinada, a empunhar o bisturi.

Definiste as grandes linhas de combate contra o subdesenvolvimento.

O teu sonho maior, a tua preocupação dominante, era o bem-estar e a felicidade do nosso povo. Ensinaste-nos que a batalha principal do desenvolvimento se trava no campo, que como durante a luta de libertação, a nossa base principal de apoio, são os camponeses.

Traçaste as orientações para a organização da nova vida no campo. Sob o impulso da tua direcção, nasceram em todo o País as aldeias comunais, desenvolveu-se a vida colectiva e organizada.

Sempre fiel ao teu princípio de que no detalhe está o segredo da vitória era frequente a tua atenção aos projectos económicos, a todos os sectores vitais para o desenvolvimento do nosso País.

Ensinaste-nos que a política deve estar sempre no posto de comando.

Da natureza da luta, das aspirações do povo, da experiência de organização da vida nas zonas libertadas, retiraste a definição da sociedade que a elas corresponde. Uma sociedade sem exploração, uma sociedade de homens livres e iguais. Uma sociedade socialista. Para este novo objectivo nos guiaste.

Sob a tua direcção criámos o Partido Frelimo, vanguarda das classes trabalhadoras moçambicanas.

Sob a tua direcção formulámos, na síntese da experiência de luta do Povo moçambicano e dos princípios universais do marxismo-leninismo, a ideologia do nosso Partido. Ideologia profundamente enraizada na história e nos valores do nosso Povo, torjada no combate contra a opressão e a exploração.

Durante a luta de libertação, sempre, mesmo nos momentos mais acesos do combate, lembravas que a guerra era uma imposição do inimigo, que a travávamos para estabelecer a paz na nossa terra.

Guerrilheiro valoroso, estratega de génio, comandante firme, foste sempre um lutador incansável pela paz. Sabias que a guerra não é a vocação, não pode ser o destino dos povos. Herói comandante de heróis no combate armado, anunciavas emocionadamente os heróis futuros do combate pacífico pelo desenvolvimento, pelo progresso, pela prosperidade do povo.

As Forças Armadas de Moçambique (FPLM), que criaste e comandaste concebeste-as exclusivamente para a defesa da nossa Pátria, para a garantia da nossa independência e soberania, para a preservação da integridade territorial do nosso País.



«Sabemos vencer. Sabemos derrotar esta dor profunda e olhar em frente. Tu definiste os alvos do nosso combate, ensinaste-nos a empunhar as armas. Vamos ter mais força ainda, vamos crescer desta raiva que sentimos por te terem roubado ao nosso convívio»



«Na voz dos nossos continuadores — «flores que nunca murcham», como tu lhes chamavas» — o teu nome será recordado com infinita ternura. Serás para sempre o Papá Samora

Marechal da República, as missões que conferiste aos nossos soldados sempre tiveram como objectivo restaurar a paz violada e impedida pelas forças da guerra e da agressão. Sempre, sob a tua direcção, os nossos soldados empunharam as armas da liberdade, da justiça, da solidariedade.

Com essas armas derrotámos o agressor rodesiano. Com elas enfrentamos hoje as hordas criminosas dos bandidos armados, com elas os venceremos também.

Firme no comando da guerra contra o bandidismo, na defesa da independência e soberania da nossa Pátria socialista, procuraste sempre os caminhos justos da paz para o nosso povo e os outros povos da nossa região.

Sentiste sempre no humanismo do teu grande coração, soubeste sempre na lucidez da tua clara inteligência que a paz é a condição fundamental da felicidade dos povos.

Foi esta mensagem que levaste a todos os quadrantes do mundo quando incansavelmente participavas na procura de soluções para os conflitos e defendias com energia e dinamismo a cooperação fraterna entre as nações.

O mundo conhece o Povo moçambicano, a nossa personalidade, os nossos anseios mais caros, as nossas realizações e conquistas principalmente por teu intermédio.

A tua acção internacional, acção de grande dirigente revolucionário, de estadista de estatura universal, afirmou o Partido Frelimo e o Estado moçambicano em todo o mundo.

O teu nome está e permanecerá ligado indissoluvelmente às causas mais importantes, às lutas fundamentais dos povos na nossa época. Nunca será possível estudar a luta anticolonial e anti-imperialista sem estudar o teu pensamento e a tua acção.

A África reconheceu em ti um dos seus filhos mais brilhantes e mais dedicados à causa da sua libertação e da unidade africana.

Em momentos decisivos, a tua voz levou à Organização de Unidade Africana a defesa firme dos princípios, o enunciado corajoso das posições correctas.

Compreendeste profundamente que a luta de libertação nacional dos países africanos não se completava com a conquista da independência política. Defendeste com energia e persistência o desenvolvimento da cooperação entre os países africanos como alimento indispensável da sua unidade e instrumento essencial da libertação de África.

No relacionamento fraterno com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, soubeste contribuir para que os laços forjados na luta de libertação nacional, se tornassem elemento dinamizador do nosso desenvolvimento e da nossa acção diplomática.

Na África Austral, com os teus companheiros da Linha da Frente e da SADCC, que aqui também estão contigo, soubeste combinar o apoio activo à luta dos povos oprimidos e o desenvolvimento da cooperação regional, como armas fundamentais do combate pela independência total da nossa região.

Materializavas sempre na tua acção internacional os nobres ideais de independência, paz, desenvolvimento e igualdade dos povos do Movimento dos Países Não-Alinhados. Na memória do mundo estão bem vivas as palavras vibrantes que em defesa destes ideais pronunciaste em Harare.

Forjaste e valorizaste as nossas relações de amizade e solidariedade com todos os Países Socialistas. No interesse da Pátria levaste Moçambique a relacionar-se com todos os países pela causa da paz, da liberdade, da cooperação e do progresso.

Sempre combateste consequentemente o «apartheid». Encaravas o «apartheid» como um problema que diz respeito a toda a humanidade porque compreendeste que é o próprio con-

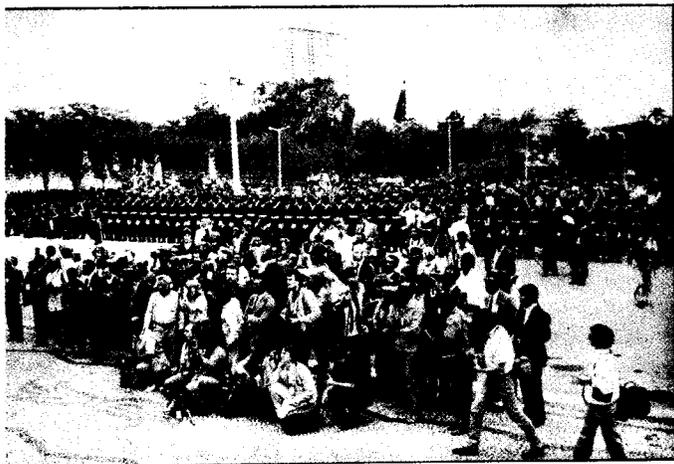
ceito de humanidade que se joga na África do Sul. Odiavas profundamente o sistema racista. Consideravas a destruição do «apartheid» como a libertação política de todo o povo sul-africano, da maioria oprimida e da minoria branca, aprisionada em grades de medo por ela própria construídas. Por isso dizias que só quando todos subissem ao topo da montanha da igualdade poderiam ver a beleza do seu país e do povo sul-africano.

A morte não permitiu que visse esse teu ideal cumprido. Mas a história provará a tua razão, que nem todos puderam ainda compreender.

Camarada Presidente,

Tombaste num momento crucial, difícil da nossa História. A agressão prolongada contra o nosso País provocou já feridas profundas. Não temos a tranquilidade de que necessitamos para reconstruir a nossa terra. Sofremos ainda a fome. Os esforços que empreendemos para refazer a produção são constantemente sabotados pelos nossos inimigos. Temos ainda a nudez, a doença, a ignorância, o atraso deixado pela dominação colonial.

Contigo tínhamos a certeza de remover os obstáculos. Contigo desconhecíamos o medo, a dúvida, a vacilação. Contigo tudo era possível. Tu eras a certeza, eras o caminho.



Agora teremos de aprender a prosseguir. Saberemos continuar a luta, Camarada Presidente. Porque a tua dimensão não se extingue. Ficaste connosco, com cada um dos moçambicanos. Permaneces vivo, presente. Deste forma e conteúdo ao nosso futuro. Superaste a condição do tempo e, por isso, continuarás guiando a nossa luta, a nossa esperança.

Saberemos vencer. Saberemos derrotar esta dor profunda e olhar em frente. Tu definiste os alvos do nosso combate, ensinaste-nos a empunhar as armas. Vamos ter mais força ainda, vamos crescer desta raiva que sentimos por te terem roubado ao nosso convívio.

Faremos mais forte o Partido Frelimo, a vanguarda que tu sabias ser condição de todos

«O soldado via em ti o Comandante-Chefe mas também o irmão mais velho a quem obedecia por respeito, confiança e admiração»



os triunfos. Aprofundaremos o papel dirigente do Partido em cada local, em cada sector.

Cumprindo as tuas orientações, fortaleceremos o nosso exercício, passaremos à ofensiva permanente. As nossas Forças de Defesa e Segurança vão crescer em organização, preparação, disciplina e combatividade. Como tanto querias, faremos renascer Nachingwea em cada centro de preparação político-militar. O nosso soldado será cada vez mais um modelo de comportamento, coragem, respeito pelo povo. Os nossos soldados prosseguirão o exemplo dos heróicos guerrilheiros que sob o teu comando derrotaram o exército colonial.

Liquidaremos o banditismo armado, a agressão externa.

Temos bem vivas na memória as directivas claras que nos deixaste em vésperas da tua partida. Os objectivos que definiste serão alcançados.

As estradas ficarão livres dos criminosos e salteadores. As aldeias comunais deixarão de ser massacradas. Nas escolas as crianças jamais conhecerão o terror. Os hospitais que construímos não serão destruídos. O nosso povo conhecerá a paz e a tranquilidade. Tudo isto alcançaremos porque somos um povo cuja unidade o teu sangue consolida e a tua memória fortalece. E aqueles que vierem depois de nós saberão orgulhar-se destes anos heróicos. A luz do teu exemplo manter-se-á como fonte de inspiração, motivo de orgulho e renovada confiança.

Vamos desenvolver as nossas organizações democráticas de massas, os braços do Partido.

As mulheres moçambicanas, a quem sempre dedicaste um carinho e uma atenção especiais, saberão corresponder à tua constante

preocupação, empenhando-se ainda mais no processo da sua total emancipação.

Para a juventude moçambicana, continuarás a ser o modelo a seguir. Mais do que nunca, a siva da Nação, como a chamavas, revigorará o corpo da Pátria.

Na voz dos nossos continuadores — «flores que nunca murcham», como tu lhes chamavas — o teu nome será recordado com infinita ternura. Serás para sempre o Papá Samora.

Os nossos sindicatos, as organizações sócio-profissionais que nasceram da tua iniciativa não esmorecerão com o teu desaparecimento físico. O mais importante, dizias, é organizar. A vitória prepara-se, a vitória organiza-se. A parte mais difícil, tu já a realizaste. Deste-nos os instrumentos e a ciência de os tornar eficazes. Nós seremos fiéis ao teu empenho, à tua orientação.

Prosseguiremos a construção das estruturas do Poder Popular, as Assembleias do Povo. Cada Assembleia será mais eficaz, mais funcional. Os deputados terão tarefas concretas, participarão nas frentes da economia, da cultura, do ensino, da saúde, da produção.

Praticaremos a tua maneira extremamente humana de estar na vida. Para ti, os outros mereciam sempre toda a atenção. Ninguém era anónimo.

Para ti, nenhum problema humano era pequeno. Apesar de todas as preocupações e responsabilidades de estadista, ocupavas-te pessoalmente de inúmeros casos individuais que a confiança do povo trazia ao teu conhecimento.

O teu gesto firme era ao mesmo tempo carregado de ternura e simpatia humana.

Foram sempre profundas as amizades que cultivaste. O povo inteiro via em ti um verdadeiro pai. Governar era, para ti, uma forma de amar. Por isso eras tão amado por todos.

O soldado via em ti o Comandante-em-Chefe mas também o irmão mais velho a quem obedecia por respeito, confiança e admiração.

Colheremos esse teu exemplo de inextinguível humanismo. Servir o povo será para nós, como para ti, um acto de amor.

Foste um dirigente único: estavas na rua, na fábrica, no quartel.

Não esperavas o relatório, os gabinetes não te limitavam. Nenhum formalismo te impedia o contacto directo com o povo, com a vida. Não havia outra prioridade: os problemas do povo eram sempre a primeira preocupação.

Foste implacável para com a prepotência, a injustiça. Denunciaste a ilegalidade mesmo quando ela partia de dentro das nossas estruturas.

Saberemos impor o respeito da legalidade, combateremos a arrogância, a arbitrariedade.

Ensinaste-nos a grandeza do nosso País, estimulaste o orgulho de sermos moçambicanos. Encorajaste-nos a compreender como a nossa sociedade é complexa, a respeitar a diversidade, que é a riqueza da nossa cultura.

Com o teu próprio exemplo, ensinaste um método de direcção, uma maneira nossa de exercer o poder. Nós colhemos o teu ensinamento. Na República Popular de Moçambique o Poder será exercido dessa forma viva e envolvente.

Estaremos sempre onde se combate, onde se produz, onde se constrói.

Saberemos odiar tanto como tu odiaste os traidores da nossa causa revolucionária.

Saberemos apontar as armas também para dentro, saberemos neutralizar aqueles que enriquecem com a miséria dos outros. Aplicaremos os princípios da nossa opção socialista, resolveremos os problemas do povo.

Estamos armados do teu exemplo. Estamos armados das nossas irreversíveis conquistas. Ainda que assediados pela guerra, fomos capazes de fazer da unidade uma fortaleza inexpugnável.

Somos já moçambicanos, cidadãos sem raça, sem tribo, sem distinção de origem ou de crença. Somos um povo que ascendeu à consciência do seu lugar e do seu papel na História.



«Somos já moçambicanos, cidadãos sem raça, sem tribo, sem distinção de origem ou de crença. Somos um povo que ascendeu à consciência do seu lugar e do seu papel na História»



«Assumimos aqui o compromisso solene de prosseguirmos a tua obra, de continuarmos fiéis ao teu exemplo de homem e de combatente»

Não abdicaremos dos nossos princípios internacionalistas. Manteremos inalterável o apoio solidário à luta contra o racismo, o colonialismo e a opressão. A República Popular de Moçambique continuará a ser retaguarda segura da luta dos outros povos. Nenhuma força, nenhum obstáculo será capaz de nos desviar do caminho que contigo traçámos.

Graça,
Juscelina,
Edelson,
Olívia,
Ornila,
Ntewane,
Samito,
Josina,
Malengane,
Família Machel,
Camarada Graça Machel, querida Irmã:

Soubeste assumir os sacrifícios impostos pelas múltiplas tarefas que a Revolução vos atribuiu. Soubeste dividir-te entre as responsabilidades do Estado e as obrigações de Esposa e Mãe.

Transformaste o vosso lar no recanto harmonioso onde o nosso dirigente recobrava as forças para novas batalhas.

Soubeste, exemplarmente, assumir-te não só como esposa do Chefe do Estado mas também como a companheira de um homem de dimensão universal, amado pelo seu povo e respeitado e admirado em todo o Mundo.

A nossa revolução continua a necessitar da tua dedicação, da tua inteligência, da tua capacidade de mobilizar quadros e militantes.

Sabemos que nada pode minorar a imensa ausência que sobre a tua vida se abateu.

Mas sabemos também que empunharás connosco a arma de Samora para prosseguir a luta.

Camarada Graça, querida irmã: estamos contigo nesta hora dolorosa, contigo estaremos sempre.

Queremos dizer-te que os teus filhos são os nossos filhos. Em cada uma das nossas famílias tens uma família, em cada moçambicana um irmão.

Aos filhos, aos irmãos, a todos os membros da família Machel, queremos dizer que o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, partilha da vossa imensa dor.

O Camarada Presidente deu-nos o exemplo de que é à sombra da família que o homem aprende a amar a Pátria e a respeitar a sociedade.

O Camarada Presidente era o chefe da vossa família. Mas era também o chefe de toda a família moçambicana. Por isso choramos todos o nosso Pai, o nosso irmão, o nosso tio.

As vossas lágrimas são nossas lágrimas. Que a coragem do Povo, nesta hora de dor, seja também a vossa coragem.

Presidente Samora,

Assumimos aqui o compromisso solene de prosseguirmos a tua obra, continuarmos fiéis ao teu exemplo de homem e de combatente.

Juramos defender, com as nossas próprias vidas, cada palmo de terra da nossa Pátria sagrada.

Juramos consolidar cada vez mais a unidade nacional, arma e instrumento da vitória.

Juramos construir o Moçambique que sonhaste, o país desenvolvido e próspero, a Pátria Socialista moçambicana.

São nossos os teus sonhos. É nossa a tua luta.

Camarada Presidente,

Chegou o momento mais difícil para todos nós, o momento da despedida.

Mas, à terra entregamos apenas o teu corpo. Tu ficas connosco.

Nunca te diremos adeus. Um povo não pode despedir-se da sua História. SAMORA VIVE!

A LUTA CONTINUA!



Viverás sempre nos corações dos que amam a liberdade

● Mensagem das organizações democráticas de massas e sócio-profissionais lida por Zacarias Kupela

«Viverás sempre nos corações de todos os que amam a liberdade, a igualdade entre os homens, a paz, o progresso e o bem-estar dos povos», afirmou Zacarias Kupela, Secretário-Geral da OJM ao ler a mensagem das organizações democráticas de massas e sócio-profissionais. É a referida mensagem que a seguir publicamos:

Querido Camarada Samora Moisés Machel:
O teu desaparecimento físico deixa um vazio profundo no seio de todos nós, constitui uma perda irreparável para:

- A mulher moçambicana;
- Os trabalhadores moçambicanos;
- A juventude moçambicana;
- Os professores e jornalistas;
- Os continuadores da Revolução;
- Os artistas, escritores e fotógrafos;
- Todo o Povo moçambicano.

É uma perda que nos atinge num momento difícil da vida da Nação.

Momento em que as forças reaccionárias do imperialismo se atiram encarniçadamente contra a nossa jovem República.

Momento decisivo da luta pela paz, progresso e justiça social.

Querido Camarada Samora.

Toda a tua vida dedicaste à libertação da Pátria, consolidação da independência e da Unidade Nacional.

Ensinaste-nos o valor da organização do nosso Povo, sob a direcção do Partido Frelimo.

Compreendendo o papel importante que a mulher desempenha na nossa sociedade, foste o grande impulsor da criação da Organiza-



«Viverás sempre nos corações de todos os que amam a liberdade, a igualdade entre os homens, a paz, o progresso e o bem-estar dos povos» — Zacarias Kupela

ção da Mulher Moçambicana, defensor consequente da sua emancipação.

Recordamo-nos da tua voz firme e vigorosa, aquando da realização da Conferência Extraordinária da OMM, onde nos ensinaste o valor do amor e da família como Célula-base da nossa sociedade.

Nós, trabalhadores, recordamo-nos do desencadeamento da Ofensiva Política e Organizacional generalizada na frente da produção, que culminou com a criação dos Conselhos de Produção. Eles foram a base para a criação da

Organização dos Trabalhadores de Moçambique.

A tua contribuição para o movimento sindical atinge o auge com a Conferência Constitutiva dos Sindicatos, onde indicaste caminhos para a liquidação da fome, nudez e subdesenvolvimento.

A juventude vê no Camarada Samora cristalizado o modelo do Jovem Moçambicano, identificando na juventude a seiva e futuro da Nação. Sempre dedicaste uma atenção especial nela. A II Conferência Nacional da OJM é o exemplo mais vivo de quanto amavas, ensinavas e dirigias a juventude.

Os teus ensinamentos foram e serão sempre, para a juventude, uma fonte inesgotável de inspiração.

Através deles ganhámos maior determinação na defesa intransigente da nossa Pátria e da Revolução Socialista.

Camarada Samora,

Foste tu que nos ensinaste que as crianças moçambicanas são as flores mais belas germinadas desde a luta de libertação nacional. São elas a certeza do nosso amanhã, os continuadores do grande sonho dos nossos Heróis.

Os teus continuadores, que tanto te amam, para quem continuarás a ser sempre o Papá Samora, recordar-te-ão com todo o carinho, amor e ternura.

Na frente da educação reuniste as qualidades de educador consequente, na formação do Homem Novo, que é o garante no estabelecimento de uma Sociedade Nova e Revolucionária. Os professores moçambicanos recordarão

sempre os teus valiosos ensinamentos, inspirando-se neles para a formação do Homem Novo.

Os jornalistas, os artistas, escritores e fotógrafos, todos aqueles que, constituindo a frente cultural, sempre foram alvo da tua atenção e apoio, manterão acesa a chama da inspiração que neles despertaste. O teu exemplo será uma fonte permanente onde todos encontrarão as raízes dos seus artigos, quadros, esculturas, canções, poemas e fotografias.

Toda a nossa acção no campo da solidariedade internacional visará fortalecer os laços de amizade, compreensão e total respeito pela soberania e independência de cada Povo, de cada nação, valores esses de que foste um intransigente defensor.

Fecundaremos o sentido de solidariedade humana através dos organismos humanitários que operam no nosso País.

Camarada Samora,

Inclinamo-nos profundamente emocionados, diante do teu corpo. Neste momento de dor queremos reafirmar a determinação inabalável de defendermos a nossa Pátria agredida, de defendermos as conquistas revolucionárias e construirmos o Socialismo.

Viverás sempre nos corações de todos que amam a liberdade, a igualdade entre os homens, a paz, o progresso e o bem-estar dos povos.

Até sempre Camarada Samora.

A LUTA CONTINUA!

Maputo, 28 de Outubro de 1986.

A tua voz de comando é a voz da pátria

● Mensagem das Forças de Defesa e Segurança lida por Alberto Chipande

«Fica em Paz. As Forças Armadas, a Polícia e a Segurança que tu fundaste, ouvirão sempre a tua voz de comando, continuarão a obedecer a ela, porque ela é a voz da Pátria Moçambicana», afirmou o Ministro da Defesa Nacional, Alberto Chipande, ao ler a mensagem das Forças de Defesa e Segurança no decorrer das cerimónias fúnebres do Presidente Samora Machel.

Segue-se o texto da referida mensagem:

JURAMENTO DAS FORÇAS ARMADAS DE MOÇAMBIQUE (FPLM), POLÍCIA POPULAR

DE MOÇAMBIQUE, SERVIÇO NACIONAL DE SEGURANÇA POPULAR

Camarada Comandante-Chefe,

Quando cumprias uma missão pela paz na África Austral, uma missão pela liberdade dos nossos Povos, pela cooperação e progresso dos nossos Estados, tombaste.

Pensa o inimigo que com a tua morte cairá a nossa Pátria Soberana, Livre e Socialista.

Nós combatentes das Forças Armadas, da Polícia e da Segurança, nós que do nosso corpo, do nosso sangue, fazemos a muralha intransponível, que defende a Pátria e o Povo, juramos-te que defenderemos a Pátria, venceremos o subdesenvolvimento, construiremos o Socialismo.

Juramos manter bem alta a bandeira do 4.º Congresso. Através do nosso combate e disciplina que sempre nos ensinaste, garantiremos o cumprimento das decisões, servindo resolutamente os interesses nacionais.

Prosseguiremos os teus ensinamentos de fazer dos nossos quartéis, das nossas bases e dos nossos Centros, Nachingweas, forjadores de combatentes revolucionários.

A Unidade Nacional é a força principal que tu nos transmitiste e sempre defenderemos com todo o empenho. Vivate e morreste com homens de todas as raças e regiões do nosso país. Os nossos quartéis, os nossos Centros, as nossas Unidades combativas, reflectirão sempre este exemplo da tua vida e da tua morte. Continuaremos a matar a tribo, a raça e a cor da pele para que floresça a Nação.

Sob a tua direcção durante a Guerra Popular de Libertação fizemos nascer o poder do nosso Povo e levámos ao triunfo a Revolução Socialista.

Prosseguiremos esta missão, construindo a sociedade nova.

Sempre nos educaste no internacionalismo. Os nossos voluntários dirigidos por ti, transportaram esta bandeira de glória e pureza para outras terras.



«Solenemente, no momento em que recolhes à terra, que libertaste, te juramos intransigentemente defender a Pátria, garantir as nossas fronteiras, aniquilar os bandidos e expulsar os invasores» — Alberto Chipande

Este combate continua. Reforçaremos a nossa aliança natural e fraternidade de armas com todos os países irmãos, com os países da Linha da Frente, da África, com os Países Socialistas e do mundo progressista.

O nosso combate é pela paz e pela paz te sacrificaste. Continuaremos a fazer a guerra contra os bandidos e seus patrões para que na nossa Pátria cresça preciosa e regada pelo nosso sangue a árvore maravilhosa da paz.

Repetidas vezes ordenaste o respeito da Legalidade. Perante ti, reafirmamos o nosso juramento de obedecer à Constituição, cumprir as ordens do Partido e do Governo, respeitar e fazer respeitar a Lei, defender o Povo.

Com intransigência continuaremos a purificar as nossas fileiras de todos aqueles que ousarem utilizar a nossa farda, a nossa arma, os nossos poderes para abusar o Povo, servir interesses mesquinhos e egoístas.

**Camarada Comandante-Chefe,
Meu Marechal,**

Nas nossas fileiras, nas Forças Armadas, na Polícia, na Segurança estão monumentos vivos, muitos companheiros teus da primeira hora. Estão homens e mulheres com os olhos vermelhos de lágrimas, rostos marcados com rugas de dor, cabelos e barbas embranquecidos nestes vinte e três anos de guerra. Nas nossas fileiras estão jovens, o sangue novo que sempre nos ensinaste a fazer para crescermos e garantirmos o futuro. Tal como os veteranos, estão os jovens feridos pela dor.

Mas que ninguém se engane. As nossas lágrimas são também balas e a nossa dor transforma-se em baionetas que perfurarão os inimigos da nossa Pátria, os bandidos e invasores.

Solenemente, no momento em que recolhes à terra, que libertaste, te juramos intransigentemente defender a Pátria, garantir as nossas fronteiras, aniquilar os bandidos e expulsar os invasores.

Continuaremos a fazer da floresta o nosso teatro de operações como tu nos ordenaste.

Meu Marechal,

Fica em paz dentro da estrela que construímos na nossa Praça dos Heróis, em companhia de tantos teus companheiros de luta.

Fica em Paz. As Forças Armadas, a Polícia e Segurança que tu fundaste, ouvirão sempre a tua voz de comando, continuarão a obedecer a ela, porque ela é a Voz da Pátria Moçambicana.

Às Ordens, Comandante-Chefe!

A LUTA CONTINUA!



Quando o povo ulula



Os comunicados tinham sido já lidos, o facto estava consumado. Os moçambicanos tinham deixado desde o domingo anterior de poder contar com a clareza do pensamento de Samora, do intenso timbre da sua voz, do gesto largo e envolvente dos seus braços, suas mãos. Sexta-feira, dia 24. Na zona onde a Avenida Salvador Allende é marginada pelos largos portões da capela da Casa Mortuária do Hospital Central de Maputo, vultos perfilados, envergando a farda

de gala das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) com o sinal de luto na manga esquerda aguardavam, serenos, solenes, os rostos assinalando insuspeitas rugas na testa.

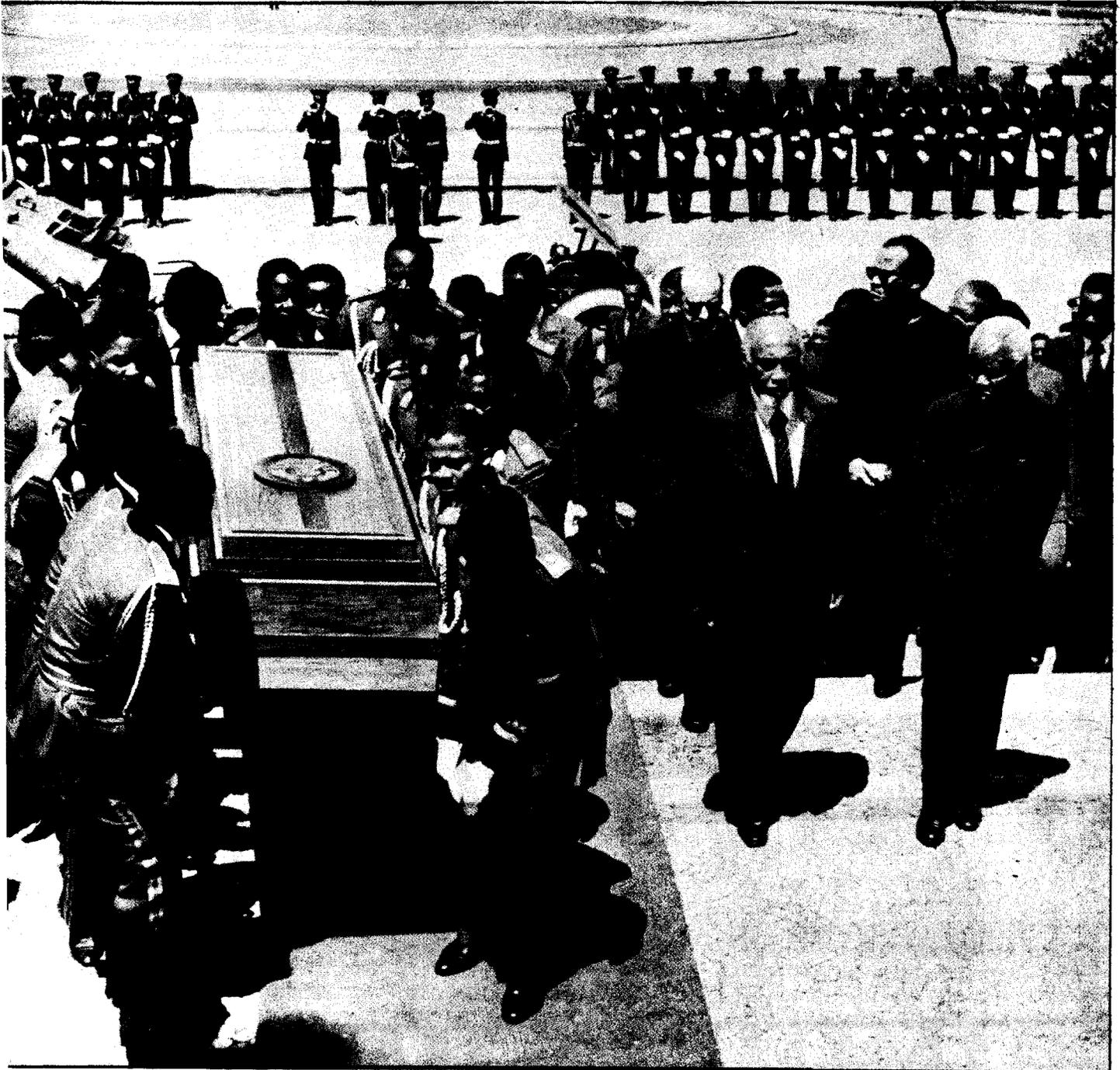
Ao longe, o povo aguardava.

A aglomeração popular iniciava-se no ponto da esquina da Salvador Allende com a Av. Eduardo Mondlane. Prosseguia por esta e fazia uma esquina aberta em círculo com a Karl Marx, prolongava-se um pouco até à Ho Chi Min

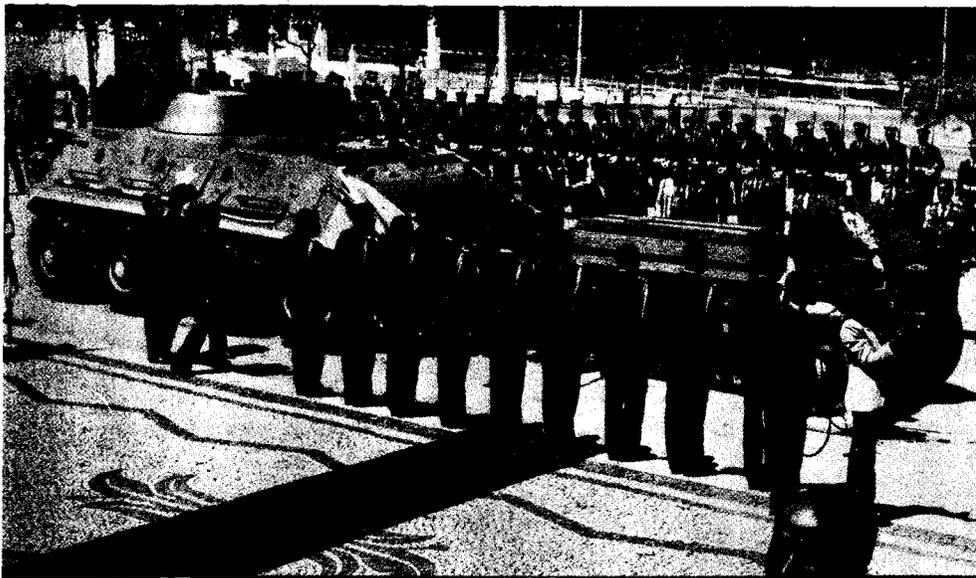
e desaguava num delta junto à entrada principal do edifício do Conselho Executivo, na Praça da Independência.

Era por esta via que os restos mortais de Samora iriam circular, até ao Salão Nobre do Conselho Executivo, na frontaria do qual perdura o quadro que retrata o obreiro da Independência, os olhos fazendo odes à vida que tão, prematuramente abandonara.

Manifestação de esperança ainda? O povo queria ver a urna.



A urna contendo os restos mortais do Presidente Samora Machel sobe as escadarias do Conselho Executivo, após o choque, a confirmação de uma verdade a que ninguém se queria ater



O armão militar que transportou a urna: uma dura e prematura verdade

O silêncio assim imposto é violento. O choro não alivia esta violência mas dá vazão à voz que não seria capaz de articular outra cosia.

O povo era ordeiro apenas nas filas da frente. Por detrás, uma multidão heterogênea, em passo de corrida, apostava em acompanhar o cortejo a pé até à praça. O tempo eternizava-se na marcha lenta do cortejo de motos, de carros, do carro militar que transportava a urna. Nem todos chegaram ao final: muitos houve que caíram exaustos no meio da caminhada. E sempre uma mão amiga, ocasional, aconchegando a dor que sabia não alheia, apoiando o corpo que sabia ser de irmão na dor.

Eram mulheres e eram homens;

Querida dar livre curso às lágrimas que chorara isolado num obscuro canto de uma esquina, no conforto isolado de algum quarto, em casa.

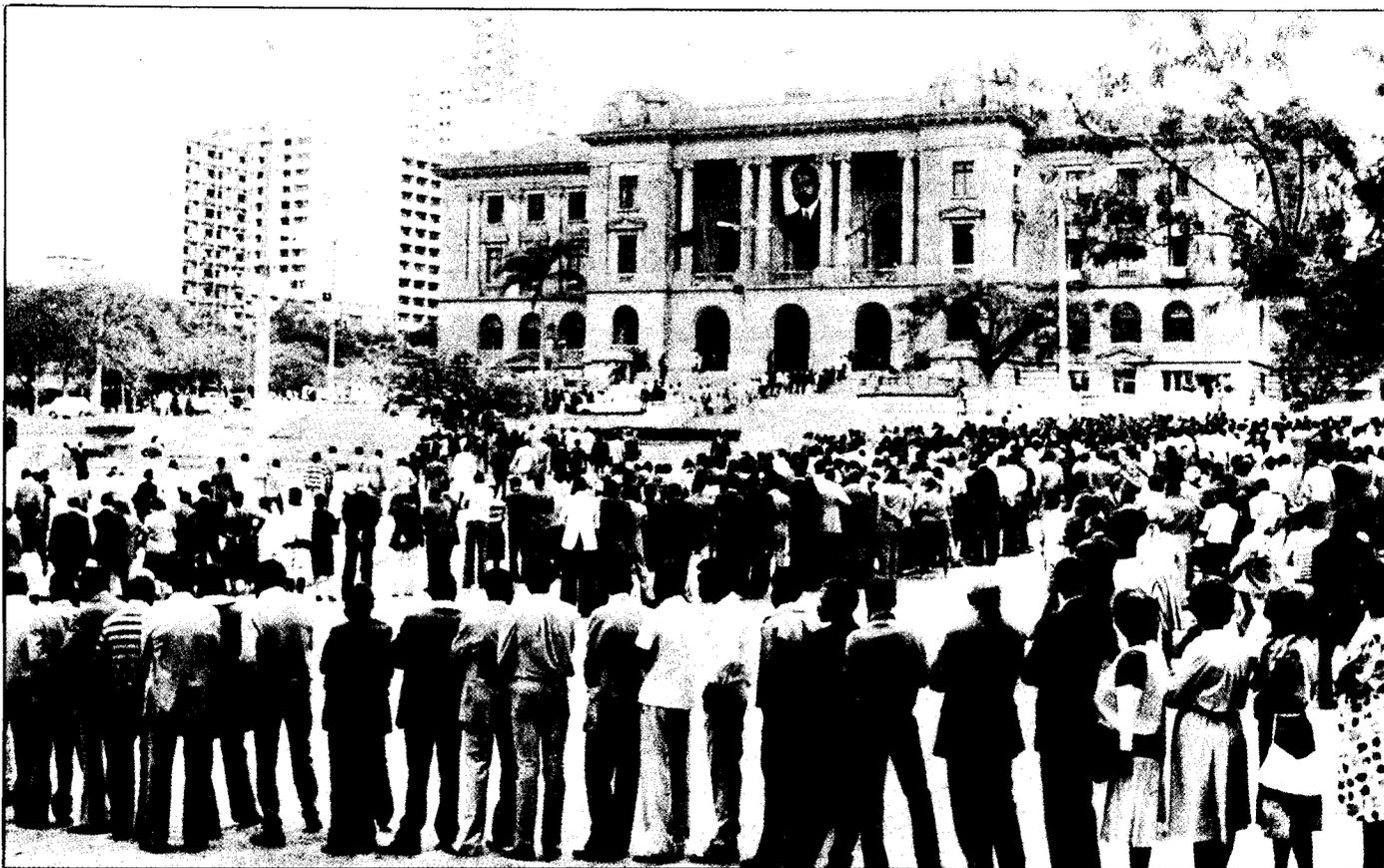
A esperança não morre nunca. A urna saiu precedida por dois porta-bandeiras — a do Partido, a do Estado — e por uma foto ampliada de Samora, carregada por dois oficiais que se foram postar num dos lados do armão militar que a transportaria. Os militares em farda de gala perfilados, homenagem ao seu Marechal. E o povo, de longe, espreitando, as lágrimas assomando silenciosas pelo rosto, pelos olhos, finalmente quase libertas.

Palavras sussurradas aqui, um gesto emendado ali, a urna era depositada no armão, as honras militares prestadas e tudo em condições de iniciar o chorado percurso rumo à Praça da Independência. Numa onda foi o choro se propagando desde o início do cortejo, avolumando-se em milhares de bocas, em cada olhar incrédulo, em cada corpo caído, desmaio inevitável.

E foi assim por todo o trajecto: era a primeira vez que Samora passava pelo povo sem corresponder à sua presença; era a primeira vez — era a última — que Samora passava silencioso perante a muralha que se concentrava de cada um dos lados da faixa da rua sem levantar a mão direita e perguntar, voz viva: «aló, meus amigos, como estão?»



Familiares, membros do BP e do Governo, estadistas, renderam a sua última homenagem àquele que soube ser Pai, camarada e irmão



«Um imenso vácuo se abriu à nossa volta»

eram crianças e velhos, eram jovens, eram negros e brancos, eram moçambicanos. Não fora ele o combatente intransigente do racismo, do tribalismo? Para que a Nação viva, como dizia...

Não dizia: a urna transportava a voz silenciada. A população da-

va voz ao silêncio chorando a sua dor.

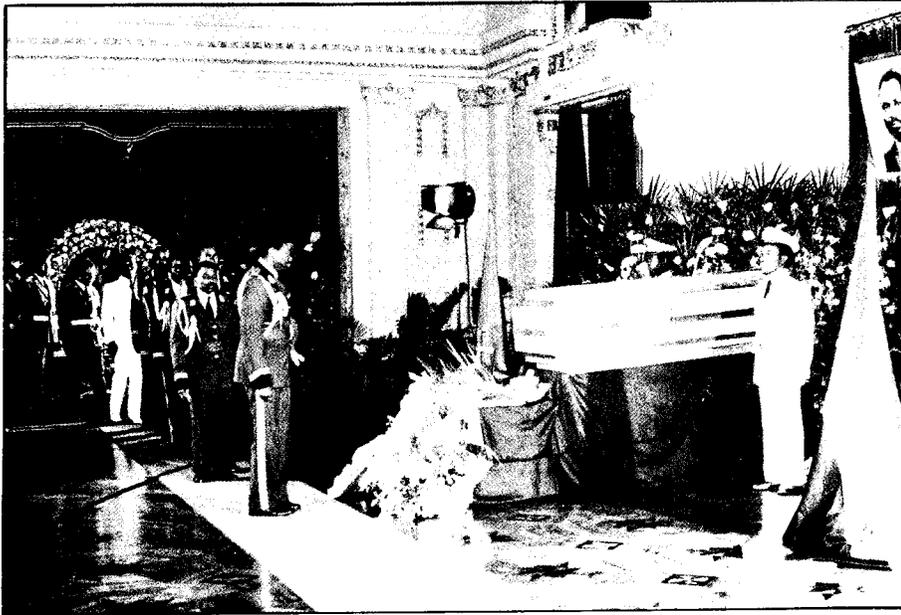
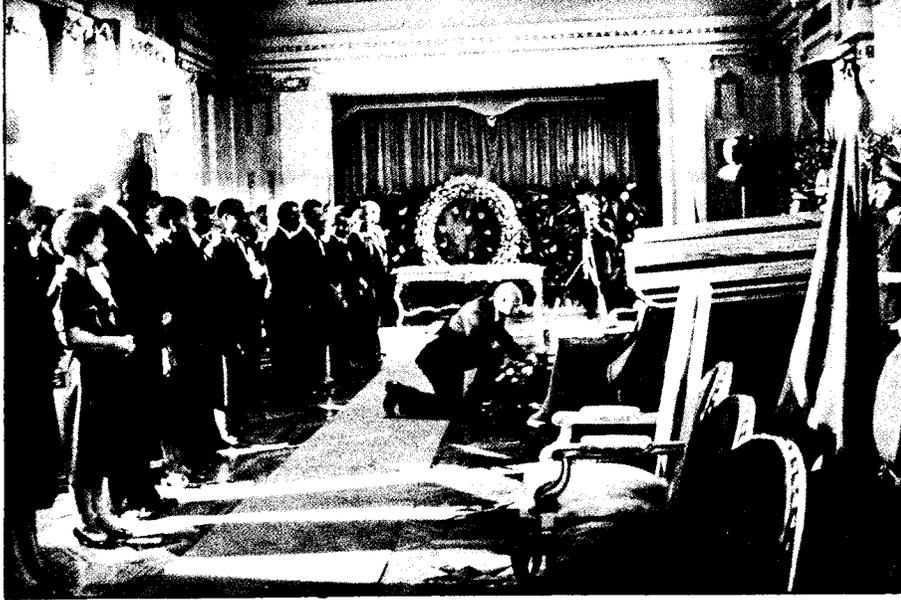
Choraria, ainda por três dias, num interminável cortejo que, dando ao Salão Nobre do Conselho Executivo, descia as escadarias, contornava a praça, descia a Avenida Samora Machel e perdia-se



«Incansável combatente, tombaste em luta contra o apartheid». Marcelino dos Santos assina o livro de condolências



E foram muitos os que não contiveram a dor



A urna, o boné, as medalhas, as flores e o luto: «A terra entregamos apenas o teu corpo»

nos confins do horizonte que no fim se confundia com o mar, janela aberta à dor que não é só de Moçambique.

Os restos mortais de Samora subiram a escadaria do edifício transportados por altos oficiais das FPLM, deram entrada no Salão Nobre onde foram depositados. À frente da urna, o boné; a seu lado, os galardões; a toda a volta, ramos de flores diversos, de diversas cores, o seu perfume. E o silêncio.

À tarde dessa mesma sexta-feira teria início o velório: membros da família Machel lavados em pranto; membros do Bureau Político do CC do Partido Frelimo inconformados com a perda; membros do Comité Central, das ODM's, sócio-profissionais, do Go-

verno, banhados em lágrimas inclinavam-se respeitosamente perante a urna, num assomo de coragem que era de seguida desmentido pelo choro convulsivo, pelo gesto a tentar estancar com as mãos as lágrimas que resvalavam pelo rosto.

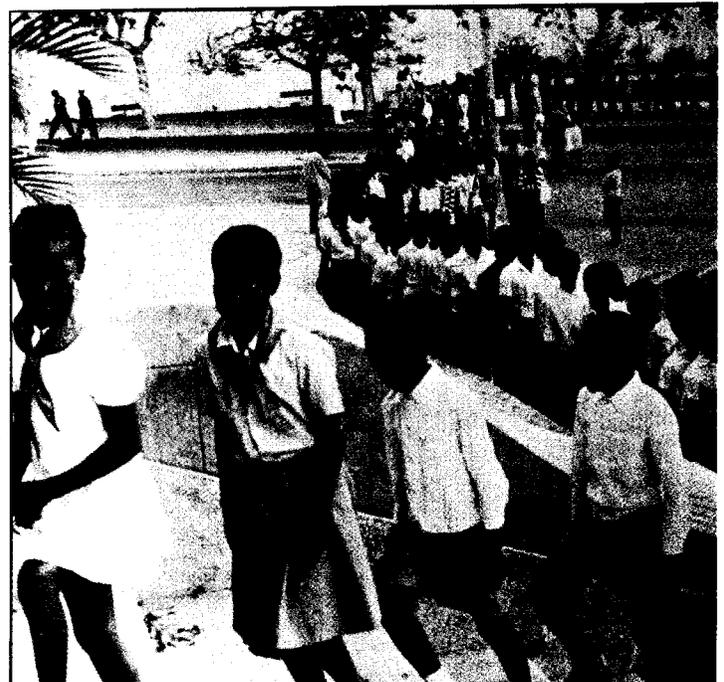
O resto poderia ter parecido igual: durante os dias que se haveriam de seguir, milhares de testemunhos deste sentimento desfilaram pelo Salão Nobre, um testemunho que acabaria por obrigar a que o velório se declarasse prolongado até às zero hora, contrariamente ao horário inicial, que indicava o seu término diário para as 20 horas.

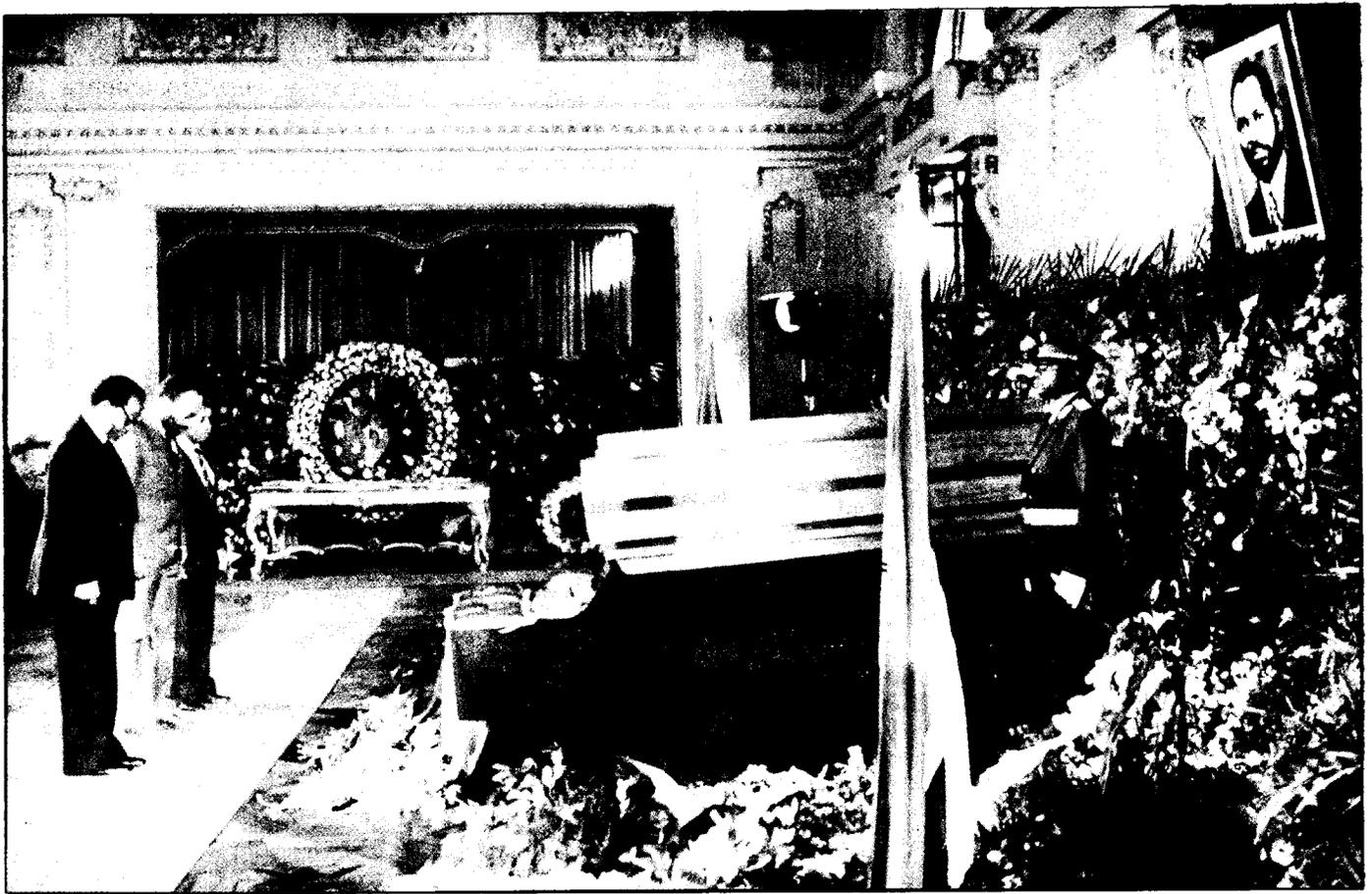
Muitos foram os que, após aguentar estoicamente as horas que passavam à espera da vez, chegada esta caíam prostrados após a visão da urna. Muitos foram os que não puderam deixar o seu sentimento expresso no livro de condolências, por manifesta incapacidade de pôr travão ao tremor das mãos.

A posteridade o testemunhará, pelas inúmeras imagens vivas aqui captadas, acto cuja realização muito de estoicismo exigiu igualmente aos jornalistas que ali estiveram, dia-após-dia, noite-após-noite, todos os dias.

São rostos convulsionados comuns ao vulgar cidadão, a familiares, a amigos, a membros do corpo diplomático, a estadistas, a toda uma dimensão humana que a

Quando deviam comemorar um ano da fundação da sua organização, os continuadores foram chorar a morte do «Papá Samora»





«Representaste os povos de todo o mundo»

figura de Samora soube conjugar em si.

Domingo à tarde, a Catedral de Maputo registaria igual enchente na missa de sufrágio realizada por



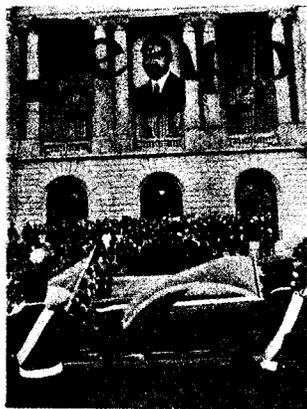
iniciativa do Arcebispado da Igreja Católica.

Segunda-feira, o Salão Nobre ressumava a perfume das inúmeras coroas de flores que foram sendo deixadas em redor da urna. O ambiente continuava no entanto a ser de consternação, de dor e luto.

Sem ser solicitado, um rasgo de nova luz se nos fez na memória, com a recordação do inocente e jovial grito de um grupo de crianças à passagem da urna por uma destas ruas: «Presidente, Presidente.»

Samora vive.





Habitam o coração de cada um de nós

● ACOMPANHANTES DO PRESIDENTE FORAM A ENTERRAR



Aspecto da chegada das urnas ao cemitério de Lhanguene

Dezassete das vítimas que pereceram no despenhamento do avião de que saiu morto o Chefe do Estado, Marechal Samora Machel, foram a enterrar na passada segunda-feira, dia 27 de Outubro findo, no Cemitério de Lhanguene, em cerimónias que se prolongaram ao longo do dia todo e contaram com milhares de presentes, entre familiares, amigos, membros do Partido e Governo e população de Maputo. A cerimónia teve o seu início no Palácio do IV Con-

gresso, donde, após a leitura do elogio fúnebre pelo membro do Bureau Político, Joaquim Chissano, as urnas foram encaminhadas para o local onde agora repousam os restos mortais daqueles cujas vidas permanecerão «na memória e no coração do povo». As cerimónias contaram ainda com a presença de delegações estrangeiras, podendo-se destacar a presença do Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, Oliver Tambo e Ramalho Eanes.

Na passada segunda-feira, dia 27 de Outubro findo, os familiares, amigos e camaradas de profissão de 17 das vítimas que pereceram no trágico despenhamento

de que viria a resultar a morte do Presidente Samora Machel concentraram-se no átrio do Palácio do IV Congresso para render uma última homenagem àqueles que

daí a algumas horas iriam a enterrar, no cemitério de Lhanguene. Presentes igualmente membros do Bureau Político, do Comité Central e das ODM's.

A cerimónia teve início pela manhã, com a contínua chegada de todos aqueles que, de um ou de outro modo, haviam conhecido os falecidos ainda em vida: «despedimo-nos de companheiros cujas vidas enriqueceram as nossas vidas» afirmar-se-ia no elogio fúnebre lido na ocasião pelo membro do BP, Joaquim Chissano, no qual se acrescentava ainda que estes foram «companheiros que souberam transformar em acção concreta, em combate ardoroso, em obra fecunda o seu amor à Pátria e ao povo».

O átrio da Sala do IV Congresso encontrava-se pejada de gente, num ambiente em que o silêncio era apenas aqui e ali quebrado pelo incontido choro de algum dos presentes, indícios de desmaio que estavam prontamente com um gesto de amparo de quem se encontrasse próximo.

As urnas estavam dispostas em duas alas distintas do átrio, a primeira das quais continha os restos mortais de Daniel Maquinasse, Alcântara Santos, Fernando Honwana, José Carlos Lobo e Aquino de Bragança, estando as restantes dispostas numa das alas laterais. Cobertas pela bandeira da RPM, as urnas contendo os restos mortais eram encabeçadas pela fotografia ampliada de cada vítima. Entretanto, uma terceira ala exibia apenas as fotografias: tratava-se das vítimas cujos corpos haviam sido solicitados pelos familiares, alguns dos quais tinham já sido enterrados.



Membros do BP rendem a última homenagem às vítimas no átrio do Palácio do IV Congresso



Os cinco corpos que foram enterrados na manhã do passado dia 27 de Outubro findo, momentos antes de descerem à terra



«Porque habitam o coração de cada um de nós, estarão sempre presentes no calor de todos os novos combates que travarmos»

No chão, ao longo dos locais em que estavam dispostos, coroas de flores de cores e feitios diversos constituíam ainda um testemunho vivo do amor que os malogrados souberam conquistar, através das suas acções em vida, com as pessoas com quem de perto conviveram: «o seu exemplo de militantes» referiria o elogio «de revolucionários, de combatentes pela liberdade, de patriotas, permanecerá para sempre vivo nas nossas memórias».

O elogio fúnebre justificava estas apreciações enaltecendo individualmente cada uma das víti-



Graça Machel, na derradeira homenagem às vítimas



Em primeiro plano, os compatriotas e familiares dos médicos cubanos que pereceram no despenhamento

mas, de quem dava um breve resumo do que de mais significativo as suas vidas tiveram. Destes resumos breves sobressaíam em comum na vida dos malogrados uma dedicação intensa ao trabalho, amor profundo pelas causas da liberdade, justiça e causa popular.

A leitura do elogio foi feita no meio de um silêncio solene e atitude digna de quantos enchiam a sala, que no fim entoaram duas canções revolucionárias, enquanto ordeiramente cediam a vez para, em frente às urnas, prestar uma última e sentida homenagem.

Pouco depois, uma a uma, as urnas deram saída do Palácio, à porta do qual recebiam honras mi-

Familiares das vítimas manifestam seu pesar, no Hospital Central de Maputo



litares prestadas por um pelotão das Forças Armadas de Moçambique (FAPLM). Os restos mortais eram então instalados em diversos carros funerários, pondo-se em seguida, em marcha lenta, a caminho do cemitério de Lhanguene, onde decorreria a segunda parte das cerimónias. Neste local, encontravam-se já presentes milhares de cidadãos e mais familiares, formando um enorme semicírculo à volta do local onde, nessa manhã, seriam enterradas cinco das vítimas do despenhamento.

Os restantes corpos teriam o seu enterro no período da tarde, em cerimónias que se prolongaram até pouco depois das 18 horas.

Depositadas em cavaletes de



O silêncio, a dor e luto no rosto de todos

TRANSLADADOS CORPOS A PEDIDO DE FAMILIARES

No elogio fúnebre proferido pelo membro do Bureau Político do Partido Frelimo e Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, dia 27 no Palácio dos Congressos no átrio da Sala do IV Congresso, declarava-se que «na nossa terra generosa da nossa Pátria repousam já os restos mortais dos nossos queridos amigos e camaradas João Tomás Navesse, Gulamo Khan, Esmeralda Luísa, Alferes Fernando Lázaro Nhanquila, Adão Gore Nhoca, Nacir Charamadane Matano, Sofia Francisco Arone e Maria Ilda Carrau».

Os dois primeiros, enterrados a pedido dos familiares antes dos demais, tiveram a sua última morada no cemitério de S. José de Lhanguene. Os outros seguiram para as províncias de que são naturais, onde seriam sepultados na presença de familiares directos e parentes próximos.

Este é o caso de Esmeralda Luísa que seguiu para o Xai-Xai, Gaza, tendo sido acompanhada pelo Secretário de Estado do Trabalho, Aguiar Mazula, em representação do Partido e Estado moçambicanos. O Alferes Fernando Nhanquila, seguiu para Inhambane, acompanhado por Raul House. Para a Beira, Sofala, foi o corpo de Adão Gore Nhoca, tendo a direcção do país sido representada pelo deputado Jorge Mabay Tembe. Nacir Charamadane Matano, foi para Pemba, Cabo Delgado, em cujas cerimónias fúnebres o Partido e Estado se fizeram representar por Eduardo Mulembué. Sofia Francisco Arone foi levada para Nacala, Nampula, acompanhada por Venâncio Mondlane, director da EMOSE. Finalmente, Maria

Ilda Carrau foi trasladada para Cuamba, Niassa, onde o Partido e o Estado se fizeram representar através do Major Cara Alegre Tembe.

Para as cerimónias fúnebres de todas estas vítimas foi prestado apoio e assistência diversa, através de uma comissão para o efeito criada e que era dirigida pelo membro do Comité Central do Partido Frelimo e Secretário-Geral da OJM, Zacarias Kupela.

De igual modo foram trasladados os corpos dos Embaixadores Cox Sikumba, da Zâmbia, e Tokwalu Batale Okulakamo, do Zaire, que juntamente com o Chefe do Estado moçambicano pereceram no despenhamento do avião presidencial a 19 de Outubro, em território sul-africano.

Outros foram os corpos dos membros da tripulação da aeronave, de nacionalidade soviética, nomeadamente Yuri Novodran, Comandante do avião, Igor Kartamychev, co-piloto, Oleg Kandrianov e Anatoli Choulipov, estes dois últimos engenheiros de bordo, cujos corpos foram trasladados.

Tal como a estes, também regressaram ao seu país os corpos dos dois médicos pessoais do falecido Presidente Samora Machel, de nacionalidade cubana, que seguiram na companhia do dirigente cubano que se deslocou a Maputo para participar nas cerimónias fúnebres do Líder moçambicano.

A todas as vítimas, nacionais e estrangeiras, foram feitas referências elogiosas à sua dedicação e zelo quando em vida, às respectivas tarefas e funções.

madeira cobertos de panos pretos ou vermelhos, as urnas iriam à cova simultaneamente pouco depois, ao mesmo tempo que uma companhia das FAM, com farda de gala, disparava salvas de tiros em derradeira homenagem. Pelo enterro de Alcântara Santos, um sacerdote católico orientou uma breve cerimónia litúrgica, numa iniciativa que seria secundada, já no período da tarde, por outras confissões religiosas em honra de outras das vítimas.

Em seguida, membros da família, dirigiram-se às covas onde, simbolicamente, atiravam um punhado de terra. Gesto idêntico teve lugar por parte dos membros do BP, do CC, da Assembleia Popular, do Governo e das Organizações Democráticas de Massas presentes à cerimónia.



As cerimónias fúnebres das vítimas do despenhamento contaram com a presença de membros das delegações estrangeiras presentes no país. Nesta imagem, pode-se ver o Presidente Aristides Pereira e Ramalho Eanes

TUPOLEV ERA TRIPULADO POR MÃOS EXPERIENTES

Profissionais de há longa data, os membros da tripulação da aeronave em que viajava o Presidente Samora Machel encontravam-se em Maputo há 18 meses, tendo efectuado até à data do despenhamento 65 aterragens no aeroporto de Maputo. Destas, cerca de 70 por cento foram aterragens nocturnas. A sua experiência pode ser ainda avaliada por uma rápida leitura das suas carreiras:

O Comandante Yuri Novodran nasceu em 1938, era piloto de primeira classe da aviação civil da URSS e tinha 13 056

horas de voo, 7523 das quais em TU-134. Como Comandante de Tupolev 134 fez 6462 horas. Formou, durante os seus 23 anos de trabalho como piloto, grande número de profissionais do ramo.

O co-piloto Igor, de 29 anos, era piloto de terceira classe, contando com 3790 horas de voo. Terminou o seu curso na Escola de Aviação em 1976 e o da Academia de Aviação em 1984.

O Navegador Oleg, nascido em 1938, era de primeira classe, contando com 12 942 horas

de voo, 6074 das quais em TU-134. Era um especialista de alto nível profissional.

O Engenheiro de Bordo Vladimir Novossolov nasceu em 1949, tem no seu activo 6203 horas e é igualmente um especialista profundo no seu ramo. Dos tripulantes é o único sobrevivente.

O rádio-operador Anatoli Shoulipov nasceu em 1937, era radista de primeira classe e contava com 14 370 horas de voo. Durante os seus 30 anos de profissão fizera voos em todo o tipo de aviões da Aviação Civil da URSS.



Yuri Novodran



Igor Kartamychev



Oleg Kandrianov



Anatoli Choulipov



Membros da família, comuns cidadãos da capital, não puderam conter as lágrimas, chorando convulsivamente



O conforto amigo, solidariedade na dor

No trajecto que levava do Palácio do IV Congresso até ao cemitério, os cortejos eram objecto de singelas homenagens por parte da população de Maputo, que se inclinava respeitosa e à sua passagem.

UMA VIDA DEVOTADA

Antecedendo as cerimónias acima referidas, foi a enterrar, no passado sábado, 25 de Outubro findo, João Tomás Navesse, director-adjunto dos Assuntos Jurídicos e Consulares no Ministério dos Negócios Estrangeiros, no cemitério de Lhanguene em Maputo. O membro do BP e titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, prestou a sua derradeira homenagem àquele quadrc.



Rostos que dispensam palavras, na profundidade do seu sentir

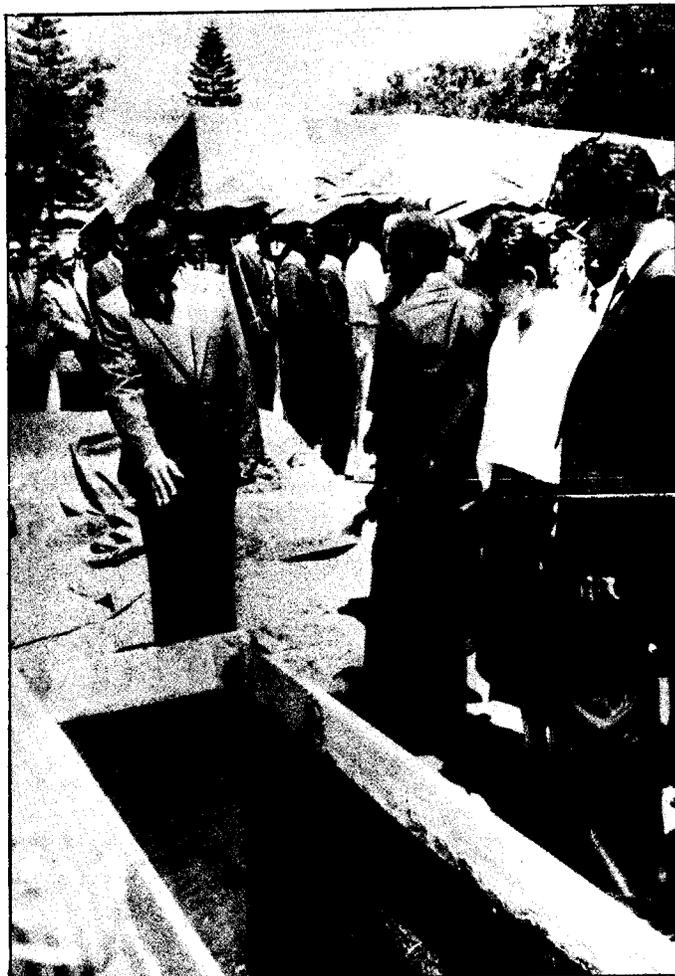


O membro do Bureau Político Joaquim Chissano lê o elogio fúnebre a João Tomás Navesse, no acto que marcou a cerimónia no cemitério de Lhanguene

Homem paciente e perseverante, soubemos, o malgrado foi militante da clandestinidade, desafiando as forças coloniais. Estudante em Portugal, desenvolveu uma luta clandestina intensa, fazendo parte dos núcleos de estudo e circulação dos documentos provenientes da FRELIMO — Frente de Libertação de Moçambique.

Em 1974, João Navesse participou activamente na preparação de condições políticas para se tomar a Casa de Moçambique, em Portugal. Integrou, depois, o grupo que habilidosamente foi neutralizando a reacção e os oportunistas de direita e de esquerda.

Ainda em Portugal, chegou a ser membro da célula da FRELI-



O último acto, o derradeiro adeus

MO. Depois regressado ao país, passou posteriormente para a carreira diplomática. Na actividade diplomática de-

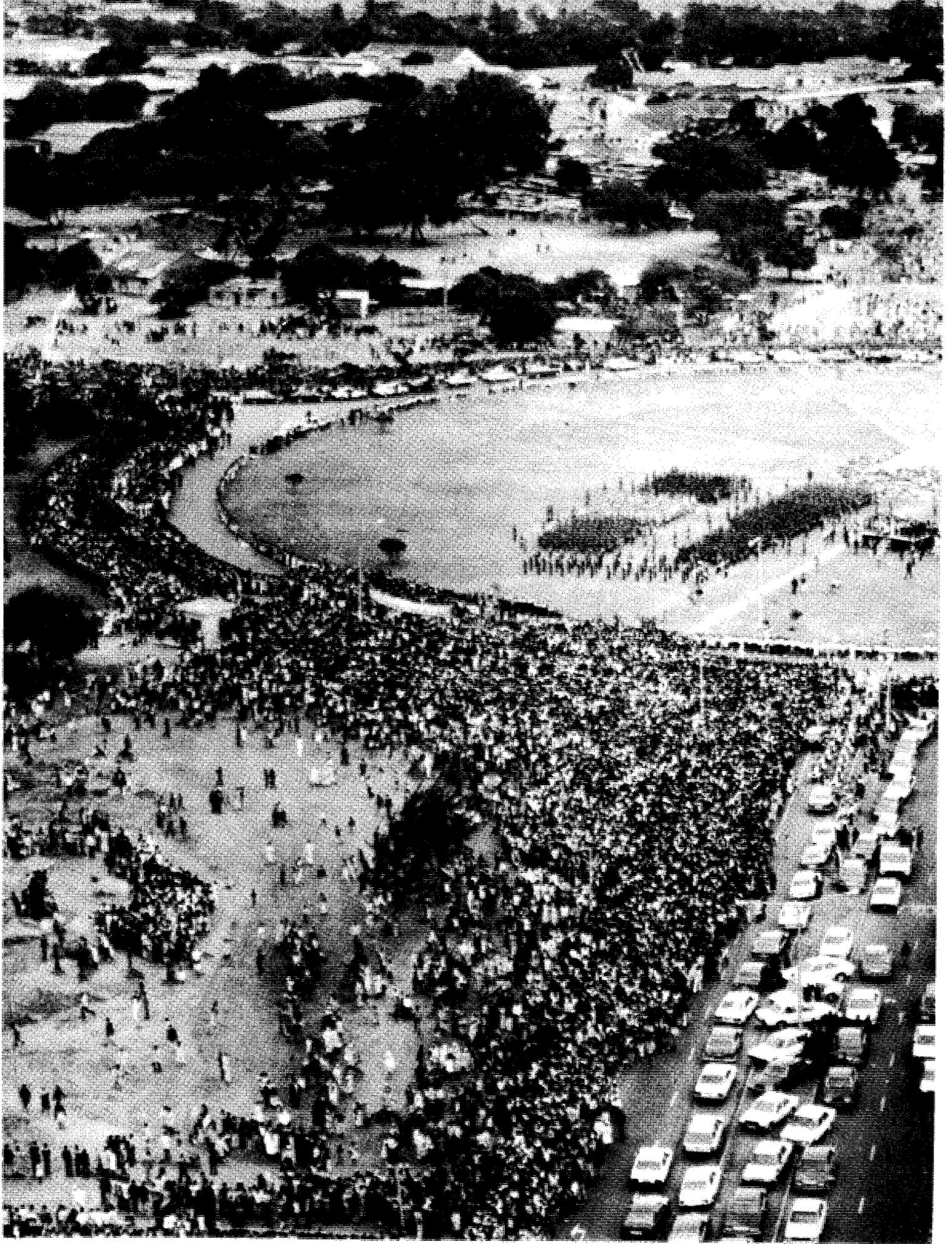
fendeu sempre e acerrimamente os princípios preconizados pelo Partido Frelimo para as relações exteriores, conforme realçou o titular dos Negócios Estrangeiros ao ler o elogio fúnebre. Na mesma ocasião, Joaquim Chissano fez saber que Navesse foi trabalhador exemplar, distinguido e votado pelos colegas para o respectivo quadro de honra, em respeito à sua dedicação e zelo na realização das tarefas recebidas. Era membro da célula do Partido naquela instituição «um dos melhores e mais queridos filhos» da nossa terra.

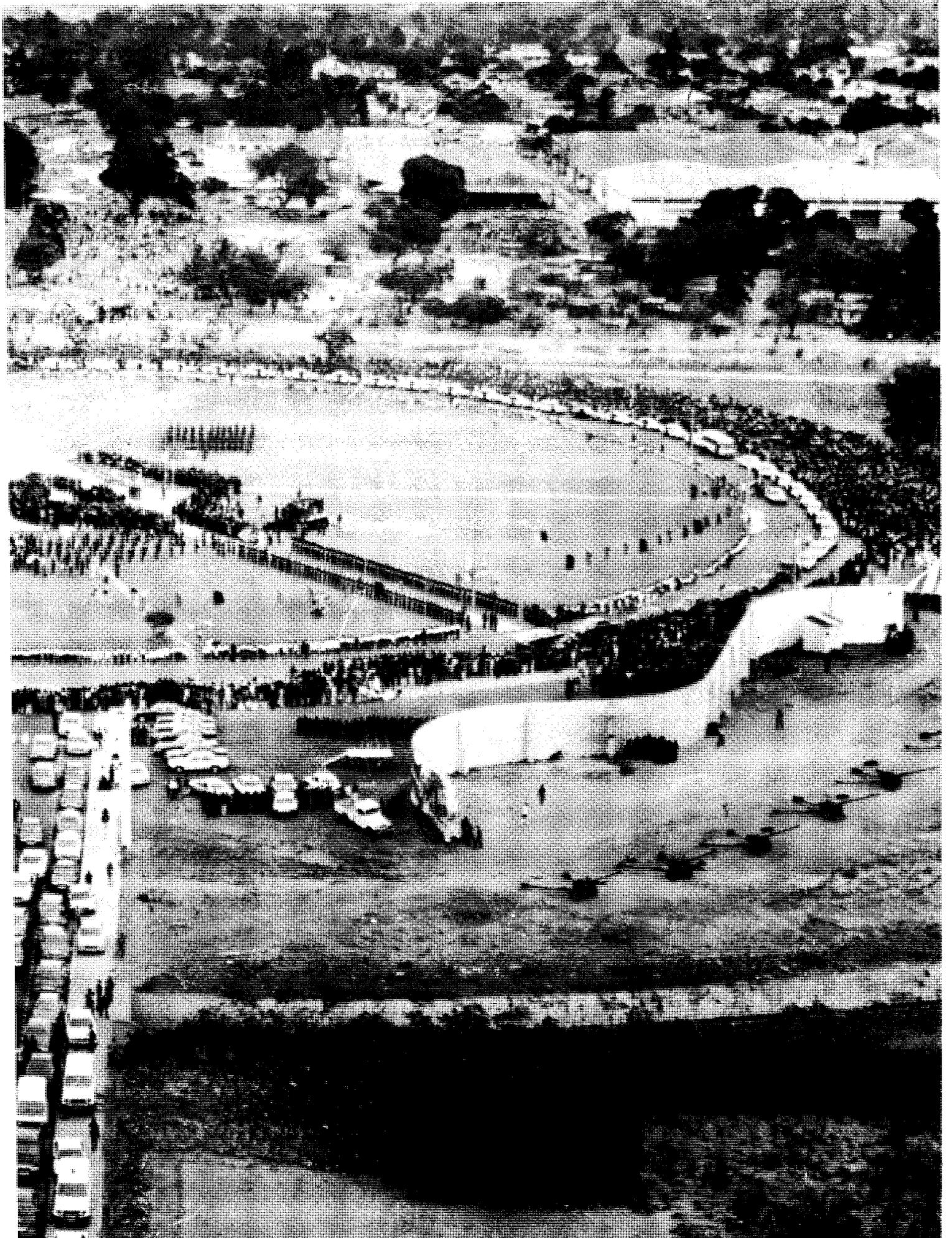
Por todas essas qualidades, o malgrado havia sido recentemente designado Embaixador da República Popular de Moçambique na Zâmbia, qualidade em que viajou com o Presidente Samora Machel nesta deslocação fatídica.

□



Um drama que atingiu toda a cidade, a Nação inteira







Vidas que enriqueceram as nossas vidas

«Despedimo-nos de companheiros cujas vidas enriqueceram as nossas vidas. Companheiros que souberam transformar em acção concreta, em combate ardoroso, em obra fecunda o seu amor à Pátria e ao povo» é o sentimento expresso no elogio fúnebre em memória das vítimas que pereceram com o Presidente Samora no trágico acontecimento do passado dia 19. O teor integral do elogio lido pelo membro do BP, Joaquim Chissano, é o que se transcreve em seguida:



«Vimos dizer o último adeus a Camaradas, a Companheiros de luta», Joaquim Chissano, lendo o Elogio Fúnebre

Camaradas e Amigos,

É um dever doloroso o que hoje nos reúne aqui.

Vimos para dizer o último adeus a Camaradas, a Companheiros de luta, a Dirigentes e Quadros do Partido e do Estado, a Combatentes internacionalistas.

Companheiros que, em diversas frentes, davam à Pátria o melhor do seu esforço e dedicação. Companheiros que souberam empres-

tar o brilho da sua inteligência, a força das suas capacidades à realização das tarefas de que o Povo os incumbiu.

Vimos para, pela derradeira vez, nos despedirmos de homens e mulheres que foram nossos pais, nossas mães, nossos esposos, nossos irmãos, familiares queridos que souberam conquistar para todo o sempre, o nosso amor.

Vimos para acompanhar à última morada amigos, estimados e respeitados, cujo desa-

parecimento físico abre nas nossas vidas uma ausência que nada poderá preencher.

Por isso é tão profundamente triste e doloroso este momento.

As mortes que hoje aqui choramos foram mortes honrosas. São mortes que têm o sentido e a dignidade da nobre missão, da qual os nossos companheiros regressavam, quando brutalmente foram arrancados à vida e ao nosso convívio.

Por isso, o Povo moçambicano inteiro se inclina hoje respeitosamente, perante a memória dos seus actos e do seu exemplo.

São companheiros que caíram no seu posto, tombaram em missão de combate. Missão que sabiam ser perigosa.

Foram de olhos abertos, conscientes dos riscos que corriam.

Foram sem hesitar, porque conscientes de que era isso que o Povo e a Pátria deles esperavam.

Tombaram gloriosamente, em missão de luta contra o colonialismo, o racismo e o «apartheid».

Tombaram como combatentes consequentes contra o terrorismo, a guerra e a agressão.

Tombaram como defensores dos mais pu-

ros e nobres ideais do nosso Povo e de toda a humanidade.

Tombaram ao lado do nosso Dirigente máximo, dia trágico que, para sempre, a nossa História evocará com as cores sombrias do luto e da dor.

Tombaram mas, para sempre, viverão na memória e no coração do Povo.

Neste momento grave da última despedida, recordamos solenemente:

LUIS MARIA DE ALCANTARA SANTOS, Ministro dos Transportes e Comunicações. Nasceu a 26 de Julho de 1928. Foi um dirigente que deixou profundamente gravado o seu nome, o seu esforço e dedicação exemplar na história da construção do sistema de transportes nacional virado aos interesses do nosso Povo.

Com uma infância e juventude difíceis, logo após a sua licenciatura em Engenharia Civil, consagrou a sua vida como engenheiro ferroviário em Moçambique.

Técnico de alta competência, participante conceituado em simpósios, jornadas e congressos de engenharia, era ainda membro vitalício da Associação Internacional Permanente dos Congressos de Navegação. Foi Professor Uni-



Aspecto de duas das alas no átrio do Palácio do IV Congresso: «tombaram, mas para sempre viverão na memória e no coração do povo»

versitário em cadeiras da especialidade de Hidráulica Marítima, com trabalhos publicados sobre esta matéria.

Fez parte do Governo de Transição, como Ministro das Obras Públicas.

Após a conquista da Independência Nacional e como Director Nacional dos Portos e Caminhos de Ferro, empreendeu uma acção marcante, conseguindo colmatar o vazio que a debandada de milhares de estrangeiros criou, mantendo operativa a estrutura ferro-portuária, de importância vital para a economia do País.

Dirigente lúcido, soube aliar a sua rica experiência pessoal aos vastos conhecimentos científicos e técnicos, à força política do seu carácter, procurando transmiti-lo aos que com ele lidavam.

Personalidade reconhecida e respeitada internacionalmente, quer pelo seu valor como dirigente, quer pela sua capacidade técnica, deixou uma importante obra.

Foi o edificador da Marinha Mercante nacional e das bases do seu desenvolvimento.

Foi o impulsionador e autor de uma política de encaminhamento do tráfego da região para os portos nacionais, dirigido aos interesses nacionais e regionais.

Foi o edificador da Escola Ferroviária de Inhambane, da Escola Náutica de Moçambique e da Escola Portuária.

Foi o construtor da estruturação do Aparelho de Estado nos sectores rodoviário e ferroviário.

Imprimindo um relacionamento com os trabalhadores na base da franqueza, da compreensão e simpatia, deixou em cada um dos milhares de trabalhadores dos Transportes e Comunicações, um amigo.

Como membro consequente do Partido Frelimo, soube sempre ajudar a desenvolver nos seus colaboradores a consciência política do dever de cumprir correctamente a tarefa atribuída pelo Partido.

Consciente da vital importância da SADCC para a independência económica dos países da região em relação à África do Sul dedicou-se profundamente à dinamização desse projecto.

Luís Maria de Alcântara Santos, era Presidente do Comité de Ministros dos Transportes e Comunicações da SADCC.

Nesta qualidade foi um dos pilares desta organização. O desenvolvimento e a credibilidade da SATCC muito se deve à sua perseverança e labor, ao seu profundo conhecimento geo-económico-político da África Austral, aliado ao seu conhecimento de toda a complexidade e problemática dos transportes na região.

Neste contexto, o projecto do «Corredor da Beira» deve muito à experiência e aos conhecimentos científicos do Eng.º Alcântara Santos, bem como ao seu dinamismo e espírito empreendedor.

Luís Maria de Alcântara Santos sempre

promoveu o desporto e muito em particular o aos clubes ferroviários. Foi Vice-Presidente do Comité Olímpico Nacional.

A granueza do seu espírito, o seu trato feito de simplicidade, de simpatia e compreensão os seus elevados conhecimentos técnicos e a seriedade do seu comportamento, fizeram de Luís Maria de Alcântara Santos um homem respeitado e querido, homem do tempo novo moçambicano.

Em 1985 a Comissão Permanente da Assembleia Popular distinguiu-o com a Ordem do Trabalho Socialista do 1.º Grau, pelas suas qualidades de trabalho e patriota destacado.

Luís Maria de Alcântara Santos deixa viúva e três filhos.

Recordamos,

JOSÉ CARLOS LOBO. Nasceu em 14/9/42, em Quelimane, filho de Carlos Lobo Chibala e de Catarina Ernesto.

Aos 11 anos de idade, sob a supervisão do pai, terminou o ensino rudimentar, prosseguindo a escola primária numa missão católica em Quelimane, para só em 1959, apesar de ter sido sempre um aluno brilhante e aplicado, terminar o 2.º ciclo do ensino secundário. Em 1963 matriculou-se no 3.º ciclo liceal no Liceu João de Azevedo Coutinho, de Quelimane, mas já as ideias de liberdade e de combate ao colonialismo germinavam activamente em si. Assim, em 1964, combinando-se com um grupo de estudantes como ele, organizou a sua fuga clandestina do País, apresentando-se no posto da FRELIMO de Malossa.

Ingressando nas fileiras da FRELIMO, fez treino político-militar em Kongwa.

Evidenciando elevado nível de conhecimentos e grandes qualidades pedagógicas é afectado ao Instituto Moçambicano para a seguir ser designado seu Deão.

Destacado para prosseguir os seus estudos no exterior, conclui em 1973 o curso de Economia e Geologia pela Universidade de Long-Beach State.

No estrangeiro, como estudante esclarecido da FRELIMO organizou sessões de esclarecimento sobre os objectivos da luta contra o colonialismo português.

Teve ainda um papel importante na comunidade estudantil moçambicana quando da crise do 1968/69 no seio da FRELIMO defendendo os princípios da linha revolucionária.

Terminado o seu curso regressa, faz treino em Nachingwea e a seguir é nomeado Reitor da Escola Secundária da FRELIMO em Bagamoyo e depois em Ribauè, após a Assinatura dos Acordos de Lusaka.

Como professor formou os seus alunos no amor e dedicação à Pátria e à Revolução, neles inculcando a sua contagiante vitalidade e alegria. Inicia a sua carreira diplomática em 1975 como Director da Divisão de Organizações In-

ternacionais no Ministério dos Negócios Estrangeiros, cargo que desempenhou com a eficiência e o brilhantismo que lhe eram próprios.

Foi o primeiro Embaixador da República Popular de Moçambique no mundo.

Como Representante Permanente junto da Organização das Nações Unidas participou em múltiplas acções de grande envergadura política, designadamente nos trabalhos do Conselho de Segurança, que determinaram o apoio internacional ao reforço da nossa capacidade defensiva. Participou activa e talentosamente nas negociações para a independência do Zimbábue e da Namíbia, no Movimento dos Não-Alinhados e na luta pela implantação da Nova Ordem Económica Internacional.

Nomeado Ministro dos Recursos Minerais em 1983, volta ao Ministério dos Negócios Estrangeiros no ano seguinte como Vice-Ministro.

Militante íntegro e consequente é eleito de-

Goa, onde concluiu o curso de Engenharia Química.

Com vinte e dois anos iniciou o itinerário que o fez correr o mundo e desenvolveu as potencialidades que transportava consigo e que o vieram a revelar como um intelectual de traço vigoroso e produtivo.

Na indignidade da discriminação racial de que foi alvo em Lourenço Marques, germinou a revolta que amadureceu em inteligência política.

De Lourenço Marques partiu para Grenoble-França, onde fez estudos superiores. Em Grenoble insere-se nos meios intelectuais, onde floresciam as ideias de libertação dos países colonizados do Terceiro Mundo.

Ngyen Kat Vienh, nacionalista vietnamita com alta responsabilidade na luta de libertação do seu país, influenciou especialmente Aquino de Bragança, fazendo nele desabrochar a di-



«Despedimo-nos
de companheiros
cujas vidas
enriqueceram
as nossas vidas»

putado à Assembleia Popular nas primeiras eleições gerais e membro do Comité Central do Partido Frelimo no IV Congresso.

Como público reconhecimento do seu engajamento desde a primeira hora na Luta de Libertação Nacional, do elevado mérito alcançado nas tarefas da Educação e Ensino, na consolidação da Independência e defesa das conquistas revolucionárias, José Carlos Lobo foi agraciado com as Medalhas de «Veterano da Luta de Libertação de Moçambique», «Bagamoyo» e «20.º Aniversário da FRELIMO».

José Carlos Lobo deixa viúva e dois filhos menores.

Recordamos,

AQUINO DE BRAGANCA, nascido em Goa em 6 de Abril de 1928. Cresceu numa família de funcionários de Alfândega, estudando em

mensagem universal de luta de libertação dos povos oprimidos.

Aquino de Bragança encontrou-se com Marcelino dos Santos e juntos vão viver para Paris, onde desenvolvem uma actividade intensa, participando na agitação e debate das ideias de libertação e nas lutas estudantis, forjando apertados laços de amizade combativa com outros nacionalistas africanos.

No turbilhão de ideias que se caldeava em Paris no fim dos anos 50 e princípios da década de 60 e com a vivência daqueles que mais tarde se revelaram os dirigentes dos países libertos da exploração colonial, Aquino ganha experiência de luta e vive intensamente o processo de libertação das colónias francesas.

A sua solidariedade de oprimido fê-lo ligar-se particularmente a Marrocos, onde se fixa quando o Rei Mahomed V regressa e onde de-

sempenhara funções de Secretário de Redacção do conhecido jornal sindicalista «Al Istiklal».

Aquino de Bragança exerce ainda funções de Secretário Particular do grande dirigente nacionalista marroquino Mhdy Ben Barca.

Em 1962 abandona Marrocos para dador da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, sendo eleito Secretário ao lado do Secretário-Geral Marcelino dos Santos.

Em 1962 abandona Marrocos para se instalar na Argélia, de onde organiza o apoio aos combatentes de libertação das colónias portuguesas. É fundador do jornal «Revolution Africaine» e colaborador no jornal «El-Moudjahid».

Em Marrocos e na Argélia organiza a recepção aos militantes em trânsito ou carecidos do seu apoio. Nessa altura conhece e convive com eminentes líderes da Revolução africana como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Nelson Mandela, Eduardo Mondlane e Samora Machel.

Os primeiros fornecimentos de armas aos movimentos de libertação fazem-se por intermédio de Aquino de Bragança, que organiza igualmente o apoio logístico aos movimentos de libertação.

É porta-voz da luta de libertação das colónias portuguesas, desenvolvendo intensa actividade de jornalista na intransigente denúncia do colonialismo e do imperialismo e na obtenção do necessário apoio internacional.

Consciente da necessidade de conjugar todos os esforços na luta, nem por isso deixou de denunciar aqueles que se mascaravam com o nacionalismo para alcançarem fins mesquinhos e vis como Holden Roberto e Jonas Savimbi.

Com firmeza, combate nos seus escritos e no seu trabalho de Relações Internacionais o racismo sul-africano e o racismo português.

Ciente da dimensão histórica da luta em todas as suas componentes, coleccionou grande quantidade de documentação que agora constitui uma fonte viva, e directa, para o conhecimento do processo da luta de libertação nacional.

Em 1974 foi chamado a participar nos Acordos de Lusaka. Nomeado em 1975 Director do Centro de Estudos Africanos então recém-criado, a partir daí organiza e desenvolve trabalho de pesquisa e análise de informação teórico-política designadamente sobre a questão rodesiana e o nacionalismo no Zimbabwe, investigação sociológica sobre o mineiro moçambicano na África do Sul e ainda outros estudos de interesse histórico e sociológico diversificados, avultando a obra «Quem é o inimigo», que o deu a conhecer como cientista histórico no mundo.

Aquino de Bragança era membro da Associação Internacional de Sociologia e participante activo de diversos fóruns internacionais,

onde se debatiam assuntos relativos à África, particularmente à África Austral e aos movimentos de libertação.

Casou-se em primeiras núpcias com Marina de Bragança, com quem teve dois filhos.

Aquino de Bragança foi agraciado com a Ordem Eduardo Mondlane, do 2.º Grau, como reconhecimento pelo alto merecimento dos seus actos de solidariedade na luta contra o colonialismo, o racismo, o fascismo e todas as formas de opressão e exploração, pelo grande mérito das acções que desenvolveu a favor da paz, amizade e solidariedade entre os povos e pelo progresso da Humanidade, e pela sua contribuição de valor no campo da educação e cultura.

Aquino de Bragança deixa viúva e dois filhos.

Recordamos,

FERNANDO HONWANA, nasceu em 24 de Novembro de 1951 no seio de uma família numerosa e muito unida, no distrito da Moamba.

Fernando Honwana fez a escola primária na Moamba.

No então Liceu Salazar, em Lourenço Marques, iniciou os estudos secundários, que interrompeu em meados dos anos 60, seguindo para a Swazilândia, onde veio a completar a educação geral de nível secundário na Waterford School.

Bom aluno, obteve uma bolsa para a Universidade de York, na Grã-Bretanha, aí fazendo o bacharelato em Ciências Políticas e Sociais no ano de 1963.

Durante a sua permanência na Swazilândia, Fernando Honwana contactou com colegas que eram da FRELIMO, o que, aliado à tradição familiar em que cresceu, o fez já membro da FRELIMO ao partir para a Universidade de York.

Terminado o bacharelato, apresenta-se em Nachingwea como recruta.

Terminada a formação militar foi afectado em Cabo Delgado a missões combativas que desempenhou com coragem e eficiência. Como combatente criava à sua volta um ambiente de amizade e alegria contagiante, transmitindo sempre os seus conhecimentos.

Em 1974, iniciadas as negociações entre a FRELIMO e o Governo português, Fernando Honwana foi convocado e assim iniciou o que seria a sua vida de trabalho com o Presidente da FRELIMO, Samora Moisés Machel.

Terminadas as conversações que conduziram ao Acordo de Lusaka em 1974, partiu para a República Democrática Alemã conjuntamente com outros camaradas, onde fez um curso militar.

Regressando ao país pouco antes do 25 de Junho de 1975, Fernando Honwana vem a fazer parte da primeira Direcção do Serviço Nacional de Segurança Popular.

A partir dessa altura, desempenhou missões de grande complexidade e delicadeza, tanto

A vós agradecemos o amor, o carinho, o desvelo, o apoio, a harmonia no lar»



no cumprimento do seu dever internacionalista, como no âmbito estritamente nacional, até ser enviado para a República Popular e Democrática da Coreia, onde fez o curso de Oficial de Comandos com excelentes resultados.

Teve uma participação de destaque internacional nas negociações de Lancaster House, vindo a dirigir a Representação da República Popular de Moçambique no Zimbábue até à Independência deste país.

Esteve ainda envolvido nas negociações referentes à Namíbia.

Pelo seu mérito pessoal e pela profunda confiança que nele depositaram os órgãos superiores da FRELIMO e do Estado, Fernando Honwana veio a ser chamado para a Presidência da República, onde exerceu desde 1974 as altas e honrosas funções de Assistente Pessoal do Presidente da República.

Foi delegado ao 3.º e 4.º Congressos do Partido Frelimo e eleito deputado à Assembleia Popular nas primeiras eleições gerais.

Em 1980, foi-lhe atribuída a patente de Tenente-Coronel.

No mesmo ano recebeu a Medalha de «Veterano da Luta de Libertação de Moçambique», medalha que premiou a sua coerente dedicação à causa do Povo, a sua generosa entrega à Revolução.

No SNASP, Fernando Honwana foi um dirigente respeitado e querido pela sua competência e humanismo.

Foi um intelectual brilhante e lúcido.

Homem de vasta cultura, de análise profunda e de sentimentos delicados, Fernando Honwana consubstancia o exemplo da ética pro-

fissional, do amor militante pela Pátria e pelo Partido.

Fernando Honwana deixa viúva e dois filhos menores.

Recordamos,

ALBERTO CANGELA DE MENDONÇA, Chefe do Protocolo Nacional, nasceu em Hoimoine a 10 de Setembro de 1941 no seio de uma numerosa família camponesa.

Cresceu amanhando a terra, pastoreando e ajudando a mãe a cuidar dos irmãos mais novos.

Aos 10 anos começa a estudar, completando a 4.ª classe numa missão católica, onde é particularmente influenciado pela personalidade de um dos seus professores.

Tira depois o curso de dactilografia e é com o dinheiro ganho de dia que continua os estudos à noite.

Homem inteligente e lúcido, vai relacionar-se com personalidades que irão contribuir para alargar o seu horizonte intelectual, umas pertencentes à oposição ao Governo colonial, outras nacionalistas e religiosas com posições progressistas. É na Beira que conhece e se relaciona com Filipe Samuel Magaia, nacionalista consequente e herói da luta de libertação.

De vítima passiva da discriminação racial, Cangela de Mendonça compreende que só através de formas colectivas de luta se pode banir o colonialismo.

Torna-se simpatizante activo da FRELIMO vindo a ser preso pela PIDE em 1966. Mantido incomunicável durante 90 dias, foi maltratado de tal modo que contraiu doença de que não mais recuperou.

Em Outubro de 1966 foi restituído à liberdade após vários meses na cadeia da Machava.

Compulsivamente transferido para Quelimane depois de saído da cadeia, só com a independência se libertou da teia que sobre ele fez impender o Governo colonial.

Em 1974 é nomeado Governador da Província de Sofala, cargo que exerceu até 1975, com a mesma dignidade, competência e zelo com que desempenhou todos os que lhe vieram

a ser cometidos depois, designadamente: o de Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros até 1977, o de Director da Empresa ROMON em Nampula até 1981, o de Director da Empresa ROMOS em Maputo até 1982 e finalmente o de Director Nacional do Protocolo desde 1982 até à infortunada data do seu falecimento. É Cangela de Mendonça que sistematiza as normas e procedimentos de Protocolo; elabora manuais e directivas para o Protocolo que permitiram melhorar este serviço.

Alberto Cangela de Mendonça fez uma trajectória de vida assente no seu esforço pessoal de autodidacta, no seu respeito pela dignidade humana, na inesgotável sede de conhecer e amor pela Pátria.

Trabalhador organizado e metódico, gostava de partilhar e transmitir conhecimentos aos colegas, assim granjeando admiração, respeito e amizade generalizados.

De personalidade cortês e afável, nem por isso deixava de exigir o estrito cumprimento das obrigações àqueles com quem trabalhava, cumprindo-as ele próprio.

Como membro do Partido, Cangela de Mendonça assumiu de forma exemplar o método e estilo de trabalho do Partido, sabendo mobilizar os seus colegas e amigos para o cumprimento das tarefas que lhes eram confiadas.

Alberto Cangela de Mendonça, deixa viúva e seis filhos.

Recordamos,

MURADHALI MAMADHUSSEN, Secretário Particular de Sua Excelência o Presidente da República.

Muradhali Mamadhussen nasceu em Ribauè, em 25 de Maio de 1950 no seio de uma família numerosa. Fez a escola primária em Iapala, completando o ensino secundário em Nampula.

Em 1970 matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, aí se mantendo até 23 de Abril de 1974, altura em que interrompeu os seus estudos.

O seu tempo de permanência em Portugal foi caracterizado por grande actividade política e intelectual, participando ele activamente, ao lado do Povo português, na luta anticolonial e antifascista, quer em trabalho político desenvolvido na própria Faculdade, quer em manifestações políticas, quer no apoio aos que clandestinamente fugiam de Portugal fascista para se juntarem à FRELIMO.

Muradhali Mamadhussen foi um activista brilhante e dinâmico, permanentemente disposto a ajudar colegas e camaradas.

Foi jornalista, chegando a ser chefe de Redacção do «Notícias da Amadora», jornal conhecido na época pelas suas vigorosas posições políticas de esquerda.

Destacou-se como dirigente estudantil, chegando a candidatar-se a delegado de curso do 4.º ano jurídico em 1973, vindo a ser suspenso nesse ano, por se ter oposto activamente à in-

ENSINAMENTOS DE ALCÂNTARA SANTOS JAMAIS PODERÃO SER ESQUECIDOS

Falar da inconfundível personalidade do Engenheiro Alcântara Santos não é tarefa fácil e, nas actuais circunstâncias é, isso sim, extremamente doloroso.

Desapareceu fisicamente do nosso convívio um verdadeiro patriota que dedicou todo o seu saber e larga experiência ao desenvolvimento deste nosso querido País.

No sector dos transportes e comunicações, onde sempre trabalhou e foi dirigente durante anos, vê-lo com invulgar competência e comprovada capacidade de trabalho.

Sabia, como poucos, que o sector foi e ainda é factor de divisão na zona e não factor de união e um instrumento poderoso do poder colonial para dividir os povos. O sector apresentava-se-lhe, pois, como o sector prioritário para a libertação económica da zona.

Os ensinamentos e lições que transmitiu a todos quantos com ele tiveram o privilégio de trabalhar jamais poderão ser esquecidos. Em todos procurava, outrossim, incutir que o

trabalho é a medida de todos os valores e do prestígio social do indivíduo e não apenas fonte de meio de subsistência.

Cauteloso e seguro, era de uma impressionante eficácia. Para ele e com ele, era forçoso ultrapassar a habitual atitude administrativa, amorfa e incharacterística e transformá-la em atitude participativa, operacional e dinâmica.

O Engenheiro Alcântara Santos deixa o seu nome ligado a numerosas realizações e projectos que muito contribuem para o nosso desenvolvimento.

Ao arranque e crescimento da SATCC não é estranho o seu papel preponderante, com o seu extraordinário dinamismo e a sua convicção na luta.

Quer na vida pública quer na sua vida particular, o Engenheiro Alcântara Santos foi um cidadão exemplar.

Armando de Brito

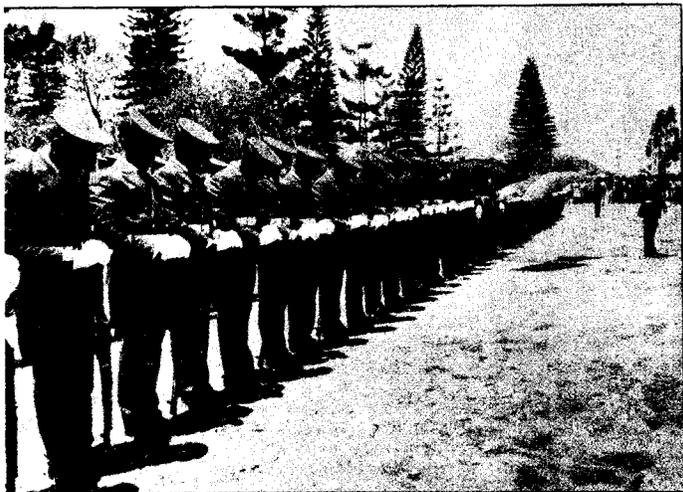
Maputo, Outubro de 1986

trodução de ex-comandos na Faculdade para intimidar e agredir os alunos.

Após o 25 de Abril fez parte da Direcção da Casa de Moçambique, onde desenvolveu importante trabalho de mobilização e esclarecimento dos moçambicanos residentes em Lisboa, combatendo as manobras de divisionismo lançadas pelos grupos fantoches e estabelecendo uma ponte de ligação e fraternal amizade com organizações portuguesas progressistas.

Em 1975 regressa a Maputo, e desempenhou até 1978 os cargos de Director da Revista «Tempo», Director da Agência Moçambicana de Informação e Director Nacional de Informação, cargos que desempenhou com dedicação, competência e probidade.

Em 1978 Muradhali Mamadhussen foi afecto na província de Cabo Delgado, aí exercendo funções de Director Provincial de Apoio e Con-



«Todos prosseguiremos o seu combate»

trolado num momento em que, por decisão superior do Partido e do Estado, foi declarado prioritário o reforço da organização e direcção do Aparelho de Estado a nível provincial.

Trabalhador incansável e dedicado, participou activamente na dinamização do processo de trabalho das Assembleias do Povo e dos Conselhos Executivos formados em 1977.

Pelas suas altas qualidades de trabalho foi nomeado por Sua Excelência o Presidente da República para exercer o cargo de seu Secretário Particular.

No exercício destas funções, revelou-se inteiramente merecedor da confiança em si depositada pelo mais alto dirigente do nosso Partido e Estado.

Pela confiança que mereceu, foi designado para cumprir muitas missões delicadas como enviado especial do Presidente da República.

Muradhali Mamadhussen foi um trabalhador dedicado que realizou com zelo e amor a sua actividade de Secretário Particular.

Muradhali Mamadhussen, personalidade viva e dinâmica — de irradiante bom-humor, trabalhador incansável, deixa em nós uma saudade

imensa. Foi um colega prestável, um profissional criativo e um camarada firme e inteligente.

Casado com Alcinda Abreu, membro-dirigente da Organização da Juventude Moçambicana, deixa dois filhos de tenra idade.

Recordamos,

IVETE LÍDIA LUISA AMÓS, foi Secretária Pessoal do Presidente do Partido Frelimo nos anos de 1979 a 1981 e era Secretária do Presidente da República desde 1982.

Jovem com um trajecto de vida íntegro e moral elevado, personalidade atenciosa e dedicada, nasceu em Chicucue em 12 de Novembro de 1959. Criada no seio de uma família com a qual mantinha laços muito estreitos de interdependência, veio a tornar-se o seu principal sustentáculo, custeando os estudos dos irmãos e transportando para o seio da família o exemplo de militante revolucionária.

Estudante aplicada e boa companheira, vai fazendo os seus estudos, neles alcançando sempre bons resultados até 1977, data em que iniciou formação político-militar, e em Ciências Sociais pela frequência do Centro de Estudos Africanos até 1979.

Trabalhadora incansável no cumprimento das suas obrigações profissionais constitui um exemplo de competência e de capacidade de transmitir com dignidade e modéstia os seus conhecimentos.

Estabelecendo relações de sã camaradagem alcançadas no trabalho, criou em cada colega um amigo.

Organizadora de toda a documentação, mantinha os «dossiers» actualizados nunca esquecendo os detalhes importantes. Acompanhando o desenvolvimento das acções resultantes das dificuldades porventura surgidas, contribuiu decisivamente para o êxito de múltiplas e delicadas tarefas.

Acompanhando o Presidente da República em muitas deslocações ao estrangeiro cuidava com alta presteza de todos os pormenores, garantindo que tudo funcionasse correctamente na hora exacta.

Foram estas altas qualidades que fizeram de Ivete Amós, o quadro de grande confiança e merecido respeito, Secretária Pessoal do nosso querido Presidente.

Recordamos,

OSVALDO FERNANDO DE SOUSA, nascido a 2 de Março de 1962, na cidade da Beira, província de Sofala.

Iniciou os seus estudos, em 1968, na cidade onde nasceu e, após ter transitado do ensino liceal para o curso geral do comércio, em 1975, conclui a sua formação em 1979.

Aluno disciplinado e com bom aproveitamento escolar, muito cedo manifestou especial interesse pela língua inglesa, vindo a ingressar em 1980 no Instituto de Línguas, onde terminou

o curso com distinção, ingressando nos quadros do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Moçambicano consciente e responsável, logo após a queda do colonial-fascismo, adere entusiasmadamente aos princípios revolucionários da FRELIMO e milita activamente, desenvolvendo intensa actividade política nos bairros e escolas.

Forjado nesta militância de base, e consciente das grandes tarefas de reconstrução nacional, Osvaldo Fernando de Sousa manifestou desde logo a sua prontidão em cumprir qualquer tarefa que lhe fosse confiada pelo Partido e pelo Estado, na defesa dos interesses do Povo e da Revolução.

Membro da OJM desde a sua criação, nesta organização se evidencia como jovem sóbrio, dinâmico, culto, estudioso e excelente intérprete de inglês.

Jovem preocupado e sedento de conhecimentos, Osvaldo Fernando de Sousa, dedica-se ao estudo de Psicologia, Economia Política e Literatura.

A sua profunda sensibilidade humanista leva-o também a procurar na poesia o meio de transmitir o seu sentir de vida e dos homens.

As altas qualidades profissionais e de militância que caracterizaram a sua dedicação à

causa do Povo, fizeram com que fosse chamado a assumir a honrosa função de intérprete de língua inglesa de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel, tarefa que executou com zelo e brio, revelando-se colaborador exemplar.

No desempenho destas altas funções encontrou a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou a sua juventude militante.

Osvaldo Fernando de Sousa, deixa viúva e um filho menor.

Recordamos,

BERNARDINO CARLOS DOS SANTOS CHICHE, nascido em 17 de Julho de 1961, na cidade de Xai-Xai, província de Gaza.

Filho de um casal de enfermeiros, inicia em 1967 os seus estudos na ex-Escola Rebelo da Silva, na então cidade de Lourenço Marques, concluindo a 9.ª classe do curso geral no ano de 1978.

Já nos bancos da escola revelou ser um aluno dedicado, com bom comportamento e aproveitamento, vindo a evidenciar-se como um dos melhores na disciplina de francês.

Este seu interesse pela língua francesa levou-o a ingressar no Instituto de Línguas. Aqui, novamente voltou a distinguir-se como o me-

EVOCÇÃO DO JORNALISTA AQUINO DE BRAGANÇA

Aquino de Bragança: conheci-o bem e, ao mesmo tempo, mal. Conheci-o mal, na medida em que não se proporcionaram ocasiões de convivermos tão longa, tão assiduamente, como seria meu desejo e proveito. Conheci-o bem, suficientemente bem, para o estimar profundamente e o admirar também.

Tal conhecimento nasceu e desenvolveu-se em função e no plano da nossa profissão comum — o jornalismo. E, justamente por estar persuadido de que o seu perfil de jornalista pode e deve ser apontado como modelar ao exercício da profissão em Moçambique, é que escrevo estas palavras de evocção, mesmo arriscando-me a que elas não consigam retratar Aquino com a dimensão que ele ganhou nesta função de intervir para melhorar a sociedade em que se inseria.

Conheci Aquino suficientemente para lhe encontrar sem equívoco nem falha a qualidade que mais estimo num ser humano — a bondade, a bondade como essência, como emanção de raiz de cada acto, de cada julgamento. Ele era, sem dúvida, uma daquelas pessoas de eleição de

quem o povo diz, na sua ancestral sabedoria e e mistura com o sentimento do mais inestimável apreço: «Por ele não vem o mal ao mundo.»

Essa bondade, assumindo o aspecto da tolerância, não impedia, porém, que o seu pensamento muito lúcido, em chegando o momento das opções ideológicas, não distinguisse inequivocamente os amigos dos inimigos, não preferisse o julgamento sereno e justo e inflexível também. Entretanto, ele funcionava, aos meus olhos, como a sua mais cativante qualidade, talvez como que a raiz profunda do seu humanismo.

Foi em 1974, em Lusaka, que conheci Aquino de Bragança. Encontrámo-nos frequentemente durante esse ano e o seguinte, por força do seu interesse pela orientação dada ao «Notícias» e também porque, naquela Redacção, o encarávamos como um abalizado conhecedor da situação do país e também um categorizado jornalista, como um mestre de pensamento ou ainda como «compagnou de route» ou, mais simplesmente: «copain», como era seu gosto e

lhor aluno, razão pela qual o Ministério da Educação lhe concedeu uma bolsa de estudos de especialização, na Universidade de Rennes, em França.

No decurso da sua especialização estagiou no Ministério dos Negócios Estrangeiros e na Comissão Nacional do Plano.

Em 1982, finda a sua formação superior, é afecto à Comissão Nacional do Plano, onde passou a exercer as funções de tradutor-intérprete de língua francesa.

Bernardino Chiche, como jovem, tornou-se membro e militou activamente na Organização da Juventude Moçambicana, participando em várias conferências internacionais, tanto no país como no exterior.

O mérito e as qualidades profissionais evidenciadas levam a que seja, frequentes vezes, solicitado a dar o seu contributo em diversos fóruns internacionais.

A seriedade e eficiência do seu trabalho, o seu comportamento e espírito patriota, conduzem a que Bernardino Carlos dos Santos Chiche, seja chamado a assumir a honrosa função de intérprete de francês de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel.

No desempenho destas altas funções en-

controu a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou a sua juventude e conhecimentos.

Recordamos,

O Major DANIEL MAQUINASSE, fotógrafo oficial do Presidente da República Popular de Moçambique e do Partido Frelimo, nascido em Manica a 11 de Novembro de 1946, filho de uma família camponesa.

Foi compulsivamente incorporado no exército colonial em 1967, donde desertou em 1968, apresentando-se em Nachingwea.

Aqui efectuou treinos militares durante os quais foi considerado apto a ser afecto a missões combativas, em Cabo Delgado.

A sua vocação pela fotografia, que já se revelava quando era criança, foi reconhecida quando se tornou prioritário organizar o sector da Informação da FRELIMO, sendo então Daniel Maquinasse chamado para Nachingwea e seleccionado para frequentar o 1.º Curso Intensivo de Fotografia, ministrado em Dar-Es-Salaam.

Nas difíceis condições resultantes da falta de meios e das dificuldades económicas que atravessava a FRELIMO, a Daniel Maquinasse e seus colegas vai ser exigido o maior engenho

hábito chamar-nos, ao jeito da camaradagem que vivera na Argélia e em Paris.

Recordo-me bem da insistência com que nos recomendava, fazendo ironia, aquela ironia que era uma forma corrente de expressar o seu pensamento, que instalássemos uma metralhadora na Redacção do jornal e implacavelmente abatéssemos os adjectivos que, então, como uma praga, infestavam as páginas do «Notícias». Como, sem paternalismo e, ao contrário: com aquela natural displicência que lhe advinha do seu porte aristocrático, nos convidava a investigar os assuntos a tratar, a aferrolhar a emotividade e a examinar a comunicação e o seu efeito na estratégia da informação moçambicana, numa palavra: como nos criticava. Receio apenas que tenhamos aplicado insuficientemente esse ensino na qualidade do jornalismo que então se ia produzindo no «Notícias», em estado de alta tensão.

No decurso das conversas, que eram a perfeita antítese do formalismo, do aparato de conhecimentos, numa palavra: que eram cabalmente terra-a-terra, Aquino dava-nos indicações preciosas, resultantes da sua vivência, do seu estudo, do seu interesse de informar e de se informar e, sobretudo, do cuidado de compreender e de julgar correctamente.

Vi-o, mais tarde, em actos públicos, com aquela encantadora modéstia que é timbre dos grandes de espírito, assumir posições de algumas vezes, contrastavam com o conformismo, com a versão unívoca, com os sectarismos. En-

tão, a sua capacidade de análise, o seu rigor de pensamento, a sua inquebrantável fidelidade aos princípios, o seu patriotismo sem jaça — como se diz na linguagem de honra do Português antigo —, conferiam às suas intervenções o valor de fecundas, lúcidas, inestimáveis, intervenções.

Nos nossos últimos encontros, Aquino continuava essa tarefa de jornalista: passar em análise se os mais recentes materiais publicados teriam sido objecto de análises frias e de larga visão no sentido de se averiguar se, ao fim e ao cabo, os seus impactos junto dos leitores, da opinião pública, seriam vantajosos ou prejudiciais à estratégia política visada. Isto é: se aquilo que se publicava teria sido examinado do ponto de vista da intervenção no local e tempo apropriados, no espaço geo-político onde deveria influir.

É, pois, o homem e o jornalista que evoco com saudade, lastimando a sua morte e destacando que ele morreu ao serviço da causa que adoptou como razão de ser da sua existência de cidadão e jornalista. Lamento que a imprensa moçambicana não tivesse chegado a aproveitar até à exaustão as potencialidades que a sua lição poderia ter proporcionado. Nem tudo se perdeu, porém, nesta morte absurda e prematura: a sua actuação deve ser evocada como exemplar e os seus escritos como material pedagógico exemplar.

Fernando Couço
Maputo, 27 de Outubro de 1986

e arte para a criação do primeiro laboratório de fotografia.

Esboçados os primeiros alicerces do sector da informação na sua componente fotográfica, Daniel Maquinasse foi enviado de novo para Cabo Delgado, onde registou importantes momentos da Luta Armada de Libertação Nacional.

Maquinasse, guerrilheiro-fotógrafo da «Voz da Revolução», esteve sempre presente munido da sua máquina fotográfica lá onde foi necessário registar a denúncia da servidão colonial, da crueldade do colonialismo e generalizada-mente a participação popular na Luta de Libertação Nacional.

Maquinasse fotografou bombardeamentos e travessias de rios, emboscadas e ataques a quartéis, transportes de material de guerra pela população em percursos longos e dolorosos, a dor pelos companheiros que caíam e a força sempre renovada dos combatentes.

Maquinasse fotografou também a cultura enraizada no trabalho nas zonas libertadas: hospitais, a produção agrícola, as escolas. As cenas de dor e as cenas de alegria.

Pela sua objectiva retivemos as imagens essenciais do desenvolvimento da luta e dos resultados nela alcançados.

Foi ele o fotógrafo dos Acordos de Lusaka e da Tomada de Posse do Governo de Transição em 1974. Foi ele o fotógrafo da proclamação da Independência Nacional e da tomada de posse do primeiro Presidente do primeiro Governo da República Popular de Moçambique.

Pelo seu trabalho profissional mostrámos ao mundo as imagens da violência das agressões rodesianas.

Com a sua câmara sublinhou a importância para a Paz dos Acordos de Lancaster House e o júbilo do Povo zimbabweano, pela proclamação da sua independência.

Daniel Maquinasse, combatente veterano da Luta de Libertação, desde 1968 e fotógrafo profissional, ganhou em 1983 o primeiro prémio da 2.ª Exposição Internacional de Fotografia na Casa de Amizade em Moscovo.

Daniel Maquinasse, pelo seu mérito, pela dedicação, talento, espírito de sacrifício e patriotismo, foi agraciado com as medalhas «Nachingwea» e «Veterano da Luta de Libertação de Moçambique». Era membro fundador e dirigente da Associação Moçambicana de Fotografia.

Daniel Maquinasse foi um companheiro profundamente respeitado pela dignidade sempre revelada no desempenho da sua profissão, pela sua iniciativa criadora na busca de soluções destinadas a melhorar o trabalho e pela sua capacidade de entusiasmar companheiros e amigos.

Daniel Maquinasse foi o amigo calmo, tranquilo e ponderado junto do qual procurávamos o conselho avisado, a sugestão oportuna. A sua personalidade afável conquistava a amizade de todos nós.

Daniel Maquinasse assumiu a verdadeira dimensão do seu povo e registou-a com a sua arte para a posteridade.

Foi um combatente dedicado à causa do Socialismo, que connosco viveu os momentos decisivos da vida do nosso Povo.

Daniel Maquinasse deixa viúva e quatro filhos menores.

Recordamos,

EDUARDO VIEGAS MAVILHA, nascido a 9 de Outubro de 1958, na localidade de Nangia — Marrupa, província do Niassa.

Oriundo de modesta família camponesa, ainda criança sentiu na carne as garras da exploração colonial ao ver-se obrigado a ir trabalhar numa cantina para apoiar os fracos recursos materiais de seus pais.

Só em 1971, com o auxílio de um tio, consegue iniciar os seus estudos primários na Misão de S. João de Brito, em Nipepe.

Como tantos outros moçambicanos, Eduardo Viegas viu-se impossibilitado de prosseguir os seus estudos. Após a conclusão do ensino primário para subsistir trabalha como empregado doméstico.

Com a queda do colonial-fascismo, novos horizontes se rasgam para este jovem oprimido e explorado.

É assim, que, com apenas 16 anos de idade, Eduardo Viegas Maviha, durante o Governo de Transição, alista-se nas fileiras das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM).

Possuidor de um grande espírito de iniciativa e responsabilidade, aquando do histórico IV Congresso do Partido Frelimo, assumiu perante os seus superiores o compromisso de recuperar importante aparelhagem das Forças Armadas, cumprindo na íntegra a sua palavra.

Revelando elevada maturidade e alto espírito patriótico, distinguiu-se pela sua disciplina, sendo seleccionado para trabalhar na Direcção de Segurança de Responsáveis.

As suas qualidades políticas e morais, o seu bom relacionamento com camaradas de trabalho, o seu aprumo militar, conduziram a que fosse destacado para prestar serviço junto de Sua Excelência o Presidente da República, Samora Moisés Machel.

No desempenho desta honrosa função encontrou a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou toda a sua juventude e energia.

Recordamos,

O Capitão PARENTE FRANCISCO MANJATE, nascido em 20 de Dezembro de 1957, na localidade de Manjacaze, província de Gaza.

Oriundo de humilde família camponesa, iniciou os seus estudos em 1966 na Escola Primária de Manjacaze. Como tantos outros moçambicanos, Parente Francisco Manjate, viu-se im-

possibilitado de prosseguir os seus estudos, após a conclusão do ensino primário.

Ainda muito jovem viu-se obrigado a procurar emprego, tendo conseguido colocação numa escola particular em Maputo, onde passou a ensinar duas turmas de 2.^a e 3.^a classes, em turmas que lhe ocupavam todo o dia. À noite tinha que dar explicações à mulher e aos filhos do patrão.

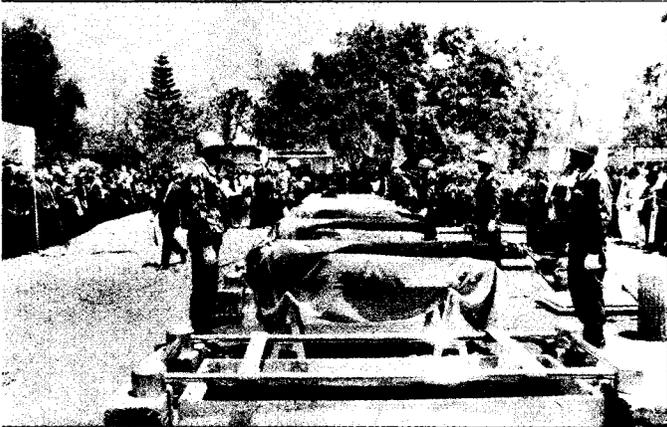
Sobre Parente Manjate abateram-se as forças da opressão e exploração coloniais.

Em busca de uma vida melhor, que o sistema colonial teimava em recusar-lhe, em 1972, com 15 anos de idade, estagia como pintor junto de um seu tio.

É com a queda do colonial-fascismo que Parente Manjate encontra novos horizontes começando a trabalhar como ajudante de laboratório, no sector de engenharia civil.

Cumprindo o seu dever sagrado para com a Pátria em 1978 ingressou nas Forças Armadas de Moçambique.

Porque revelasse qualidades de alto sentido de disciplina, de comportamento exemplar e de elevado brio no cumprimento dos deveres mi-



«Mais determinados pela memória do sangue que derramaram»

litares, Parente Francisco Manjate, é escolhido para trabalhar na Direcção de Segurança de Responsáveis.

Aquelas mesmas qualidades de patriota e militar exemplar conduziram a que, já com a patente de capitão, assumisse a honrosa função de ajudante de campo de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel.

No desempenho destas altas funções encontrou a morte ao serviço da Pátria. Da Pátria a que dedicou toda a sua juventude e energia.

Recordamos,

ALBERTO ERNESTO CHAÚQUE, nascido em 27 de Novembro de 1957, em Unguane — Magude, província do Maputo.

Teve uma infância como qualquer criança moçambicana de origem camponesa.

Iniciou os estudos primários em 1968, na Escola da Munhuana, concluindo a 6.^a classe, em 1975.

Em 1976 ingressou no professorado, leccionando na Escola Primária Unidade 30, no Bairro 25 de Junho, na cidade de Maputo.

Por ter revelado comportamento exemplar foi escolhido para responsável da Informação do Grupo Dinamizador, tendo sido eleito em 1979, Secretário da estrutura política daquele estabelecimento de ensino.

Ao mesmo tempo que exercia as suas funções de professor, como forma de alargar os seus conhecimentos, em 1977 matriculou-se na Escola Comercial.

Cumprindo o sagrado dever da defesa da Pátria, em 1979, Alberto Chaúque ingressou nas Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Como fruto da sua dedicação ao trabalho, sentido de disciplina e espírito agudo de responsabilidade, veio a ser integrado no Serviço Nacional de Segurança Popular.

Nestas funções, nomeadamente na província de Tete, revelou elevadas qualidades de militar brioso e consciente defensor da Revolução.

Por estas qualidades, foi chamado a integrar a Guarda Pessoal de Sua Excelência o Presidente da República, Marechal Samora Moisés Machel.

No desempenho desta honrosa função encontrou a morte ao serviço da Pátria.

Recordamos,

ALBINO FALTEIRO, nascido a 26 de Março de 1946, no distrito de Vilanculo, província de Inhambane.

Oriundo de modesta família camponesa, tal como a maioria dos moçambicanos da sua idade, muito cedo se viu obrigado a procurar emprego para subsistir e apoiar a sua família.

Como funcionário da Presidência da República, desde logo se destacou devido às suas grandes qualidades de dedicação ao trabalho.

Sempre desejoso de aprender a melhor cumprir o seu dever, Falteiro era um homem respeitador, simples e honesto.

O seu brio profissional e o sentido patriótico que transparecia na realização das suas tarefas concorreram para que ganhasse a grande confiança do Presidente Samora Machel. Por isso, Albino Falteiro desempenhou as funções de Chefe Adjunto da mesa Presidencial.

Era um dos hemens destacados para servir delegações estrangeiras completando, na penumbra, a sábia diplomacia do nosso Presidente, diplomacia essa, que lançou bem alto o nome da República Popular de Moçambique.

Por essa razão, o Camarada Presidente dizia:

«São estes homens que através das aparentemente pequenas tarefas permitem que eu cumpra as grandes tarefas da Nação.»

Falteiro morre quando regressa à Pátria

cumprida que fora mais uma das suas missões, acompanhando o seu Presidente. O Presidente que tanto amava.

Albino Falteiro deixa viúva e filhos.

Recordamos,

JOSÉ QUIVANHANE, nascido em 21 de Janeiro de 1941, no distrito do Bilene, província de Gaza.

Descendente de família camponesa pobre, passou uma infância cheia de privações.

Como tantos outros moçambicanos da sua geração, também ele se viu privado do acesso aos bancos da escola, ficando-se pelo ensino rudimentar indígena.

Em 1964 é admitido como empregado doméstico no Palácio do então Governador-Geral.

Trabalhador honesto, dedicado, cumpridor, José Quivanhane permaneceu nas suas funções até à queda do colonial-fascismo português.

Durante o Governo de Transição, revela todas as suas qualidades de trabalhador digno e exemplar, de moçambicano consciente, sendo por isso seleccionado para integrar o corpo de pessoal de apoio a Sua Excelência o Presidente da República, Samora Moisés Machel, exercendo a função de camareiro.

O segredo da beleza e apresentação, sempre impecável, da indumentária do Camarada Presidente residia nas suas mãos.

Ao longo destes 11 anos, afirmando-se como homem merecedor da confiança, que nele depositava o mais alto dirigente da Revolução Moçambicana, José Quivanhane mostrou ser trabalhador altamente organizado, de grande brio profissional e de apurado sentido de sigilo, em suma o melhor trabalhador.

Foi no cumprimento destas tarefas, acompanhando dedicadamente, como sempre o fez, o Camarada Presidente, que encontrou a morte.

José Quivanhane deixa viúva e 3 filhos menores.

Recordamos,

AZARIAS INGUANE, nascido a 26 de Março de 1959, em Maivene — Chibuto, província de Gaza.

Filho de modesta família camponesa transportava com ele a força tranquila e a modéstia sem servilismo dos seus antepassados.

Repórter e fotógrafo do jornal «Notícias» e do semanário «Domingo», cujas secções fotográficas chefiava, Azarias Inguane ingressou na carreira jornalística em 1979, respondendo a um apelo efectuado pelo Jornal «Notícias».

Excelente companheiro de trabalho, chefe de secção íntegro e cumpridor, soube granjear a amizade e o respeito de todos os seus camaradas de profissão, incluindo colegas de imprensa estrangeira.

Azarias Inguane amava a sua profissão, jamais discutindo a grandeza das tarefas que lhe eram atribuídas, desempenhando-as correctamente, sem olhar a horários.

A sua generosidade e dedicação profissionais levaram a que frequentes vezes substituisse voluntariamente colegas seus impedidos de trabalhar, e colocasse à disposição do próprio jornal meios e instrumentos pessoais.

Conhecendo e compreendendo as dificuldades que o País enfrenta, nunca recusou fazer caminhadas a pé, para chegar aos locais, onde tinha que realizar trabalho.

Combatente da informação, corajoso e firme, Azarias Inguane, jamais vacilou, mesmo quando efectuava trabalhos de reportagem em pleno teatro de operações.

Apesar de ter sofrido dois ataques do inimigo prosseguiu sempre com a mesma determinação e vontade a sua acção de informar o país.

Estas qualidades de profissional competente mereceram o elogio e o apreço de diversas entidades, tendo sido galardoado com diversos prémios e distinções.

Amava profundamente o seu Presidente. A seu lado pereceu, no cumprimento de mais uma missão de serviço, engrandecendo a Pátria moçambicana, a Informação e a sua profissão.

Azarias Inguane deixa viúva e filhos menores.

Recordamos,

ORLANDA JOSSIAS GARRINE CHUMAIO, nascida a 2 de Julho de 1959, na cidade da Maxixe, província de Inhambane.

Efectua os seus estudos primários e secundários em Maputo.

Não obstante a sua juventude, sente necessidade de dar o seu contributo à reconstrução do País e começa a trabalhar no Ministério da Indústria e Energia.

Como jovem consciente, assumindo o dever patriótico de defesa da Pátria, em 1979, no auge da agressão ao nosso País pelo regime ilegal e racista de Smith, Orlanda Chumaio ingressou nas fileiras das Forças Armadas de Moçambique.

Fez a sua preparação político-militar na Moamba.

Seleccionada para as fileiras da Força Aérea Popular, cedo revelou, qualidades de dinamismo, disciplina, apuro e dedicação ao trabalho que conduziram a que assumisse a função de chefe do pessoal de cabina, com a patente de 2.º Sargento.

A competência e alto sentido de responsabilidade que evidenciou no cumprimento das suas tarefas fizeram com que passasse a integrar a tripulação nos voos presidenciais.

Foi no desempenho desta honrosa missão, que Orlanda Garrine Chumaio encontrou a morte.

Orlanda Garrine Chumaio, deixa viúvo e filho menor.

Na terra generosa da nossa Pátria repousam já os restos mortais dos nossos queridos amigos e camaradas:

- João Tomás Navesse
- Gulamo Khan
- Esmeralda Luísa
- Alferes Fernando Lázaro Nhaquila
- Adão Gore Nhica
- Nacir Charamadane Matano
- Soria Francisco Arone
- Maria Ilda Carrau.

Durante os seus funerais enalteçemos a sua vida exemplar.

No momento solene em que recordamos mortos que nos são tão queridos, não poderemos deixar de falar e relembrar com a mesma dor e saudade aqueles que, lado a lado com o nosso Povo, sofrendo as nossas canseiras, regozijando-se com as nossas vitórias, aceitando todos os sacrifícios, longe do país que os viu nascer, mas partilhando conosco a Pátria universal dos lutadores da liberdade, chegaram ao sacrifício supremo de misturar o seu sangue com o do nosso Povo.

Recordamos aqui com pesar a memória dos nossos queridos camaradas:

- Henriques Bettencourt
- Ulisses la Rosa Mesa
- Yuri Novodram
- Igor Kartamychev
- Oleg Koudrianov
- Anatoli Choulopov.

A vossa memória de internacionalistas dedicados à causa dos Povos será para nós estímulo para continuarmos a luta, e a intensidade do sofrimento que a vossa ausência nos provoca, constituirá um incentivo para redobramos os nossos esforços pela paz, pelo progresso e pela prosperidade do nosso Povo.

Camaradas e Amigos,

A Nação moçambicana está de luto pelo desaparecimento físico dos companheiros:

- Luís Maria de Alcântara Santos
- José Carlos Lobo
- Aquino de Bragança
- Tenente-Coronel Fernando Honwana
- Alberto Cangela de Mendonça
- Muradhali Mamadhussen
- João Tomás Navesse
- Ivete Lídia Luísa Amós
- Osvaldo Fernando de Sousa
- Bernardino Carlos dos Santos Chiche
- Gulamo Khan
- Major Daniel Maquinasse
- Capitão Parente Francisco Manjate
- Nacir Charamadane Matano
- Adão Gore Nhica
- Eduardo Viegas Maviha
- Alberto Ernesto Chaúque
- Albino Falteira
- José Quivanhane

- Azarias Inguane
- Alferes Fernando Lázaro Nhaquila
- Sargento Orlanda Jossias Garrine Chu-maio
- Esmeralda Luísa
- Sofia Francisco Arone
- Maria Ilda Carrau.

Em nome do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo, da Comissão Permanente da Assembleia Popular e do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique, queremos apresentar às famílias enlutadas dos nossos queridos companheiros os mais profundos e sinceros sentimentos de pesar.

São sentimentos partilhados por todos os moçambicanos, que, do Rovuma ao Maputo, sentem a vossa dor de mães, de pais, de esposos, de filhos, de irmãos.

A vós agradecemos o amor, o carinho, o desvelo, o apoio, a harmonia do lar, a compreensão pelas tarefas, que tantas vezes afastavam os nossos queridos companheiros do vosso convívio.

Conhecemos bem a imensa importância, que teve a felicidade dos lares que com os vossos companheiros construístes para que eles pudessem dedicar toda a sua energia, inteligência e trabalho às suas tarefas de militantes e patriotas.

Despedimo-nos de companheiros cujas vidas enriqueceram as nossas vidas. Companheiros que souberam transformar em acção concreta, em combate ardoroso, em obra fecunda o seu amor à Pátria e ao Povo.

O seu exemplo de militantes, de revolucionários, de combatentes pela liberdade, de lutadores internacionalistas, de patriotas permanecerá para sempre vivo nas nossas memórias.

A obra que deixaram, os frutos de combate que travaram são já património da Humanidade. As suas vidas ficarão para sempre gravadas nas páginas imperecíveis do grande livro que é a memória colectiva do nosso Povo. Serão fonte permanente de inspiração das novas gerações.

Do Rovuma ao Maputo, as mãos dos moçambicanos estendem-se para as armas que só a morte impediu que os nossos companheiros continuassem a empunhar com firmeza.

Todos prosseguiremos o seu combate. Mais unidos pelo seu exemplo. Mais firmes pelo legado da sua coragem. Mais determinados pela memória do sangue que derramaram.

Porque habitam o coração de cada um de nós, estarão sempre presentes no calor de todos os novos combates que travamos, na exaltação de todas as vitórias que alcançarmos.

Viveram a Pátria.

A Pátria sempre os fará viver.

A Luta Continua!



PESAR PELA MORTE DE SAMORA MACHEL

● Mensagens de condolências pela morte do líder moçambicano chegam de todo o mundo

O Partido, Estado e Graça Machel continuaram esta semana a receber dos mais diversos pontos do mundo mensagens de condolências, expressão da mais sentida dor pela morte daquele cujo valor e personalidade ultrapassaram as fronteiras nacionais. Alinhavando as diferentes palavras de apreço e simpatia ao nosso povo neste momento de pesar, damos lugar ao apontamento que se segue e que tenta dar uma imagem do que tem sido o sentimento internacional face ao acontecimento. Os sentimentos expressos são também extensivos aos demais dirigentes e quadros que com o Presidente Samora Machel pereceram no despenhamento da aeronave, a 19 de Outubro do mês findo.

O Botswana, país pequeno e sujeito às chantagens sul-africanas, nem por isso deixou de se identificar com os interesses da região. É assim que, numa mensagem de apoio e solidariedade ao Povo moçambicano face ao transe que atravessa, indica que «esta trágica notícia afectou todo o Povo do Botswana, que sente a perda de um amigo estreito e um líder altamente respeitado da África Austral».

Seria mais ou menos nestes termos que se pronunciaria, igualmente, o Presidente Canaan Banana do Zimbabwe, numa mensagem enviada à direcção do Estado moçambicano. Numa mensagem longa onde se destaca o papel desempenhado pelo malogrado líder na luta contra o «apartheid» e o imperialismo, o Chefe do Estado zimbabweano sublinha que «o camarada Samora Machel era um bravo revolucionário, um campeão da paz e justiça, e um filho ilustre de África».

Para a Tanzania — essa nossa retaguarda na luta pela conquista da independência de Moçambique

— «a morte do camarada Machel é uma grande perda para Moçambique e para os países da Linha da Frente bem como para a África».

ca». A entrega devotada do Presidente Samora Machel na luta pela estabilidade regional foi apreciada pelo Presidente tanzaniano Ali Hassan Mwinyi, na mensagem endereçada à direcção do Partido e do Estado do nosso país.

Exprimindo a dor sentida pelos zambianos, o Presidente Kenneth Kaunda endereçou, por sua vez, uma mensagem na qual fala do que representa perder Samora Machel para a Linha da Frente, a SADCC e para o Movimento dos Não-Alinhados. No documento que enviou à direcção do Estado, o dirigente zambiano precisa que «o enorme sentimento de choque e dor que sinto presentemente é sublinhado pelo facto de que o camarada Samora Machel encontrou a morte trágica quando regressava de uma cimeira de Chefes de



O Presidente da Linha da Frente, Dr. Kenneth Kaunda, apresentou condolências a Graça Machel e aos demais familiares do Presidente Samora Machel



Através de Quett Masire, dirigente tswana, a SADCC manifestou o seu sentido pesar pela morte de um dos mais proeminentes impulsores daquela organização de cooperação regional



José Eduardo dos Santos: os «cinco» estão unidos também nos momentos de dor

Estado da Linha da Frente, realizada em território daquele país da Linha da Frente, a que justamente preside Kenneth Kaunda.

Do povo irmão de Angola, e numa mensagem de seu líder José Eduardo dos Santos, chega-nos a apreciação sincera das qualidades do Presidente Samora Machel como líder revolucionário consequente, manifestando também preocupação pelo momento que vivemos.

«Graças às suas qualidades — sublinha a mensagem — o camarada Samora Machel conduziu com êxito a heróica luta do seu povo pela independência nacional e pela construção de uma sociedade justa e isenta de exploração do homem pelo homem. Considerando prematura a sua morte, a mensagem realça que tal acontecimento ocorre num momento crucial da história dos povos da África Austral, «em que o imperialismo tenta pela via da desestabilização e da agressão», comprometer os ideais e ideários democráticos de prosperidade e soberania dos povos da região.

CAIU UM GIGANTE

Do cerne do conflito na região Austral do Continente Africano, a direcção do Partido Frelimo recebeu do ANC, Congresso Nacional Africano da África do Sul, uma mensagem em que se reafirma a convicção e certeza na vitória da luta comum dos povos da região.

Considerando Samora Machel de «nosso dirigente, camarada de armas e irmão», a mensagem do ANC indica que «este grande gi-



O Movimento dos Não-Alinhados perdeu um dos mais destacados homens. Momento em que Robert Mugabe, Presidente do Movimento, apresentava condolências a Graça Machel

gante foi morto pelo único inimigo que espera ganhar com a sua morte, o regime do «apartheid» de Pretória e seus agentes». Para o ANC, ainda, Samora Machel foi «um dos mais significativos líderes do nosso continente, um dos melhores cérebros, um lutador inultrapassável que tentou mudar a África Austral para uma zona libertada da humanidade».

Entretanto, o Presidente Aristides Pereira, de Cabo Verde, falou da coragem, inteligência e determinação que colocaram o Presidente Samora Machel «merecida-

mente nas fileiras dos mais ilustres e dedicados filhos de África».

Da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira sublinhou o papel do Presidente Samora Machel no seio dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, para além de recordar a sua personalidade como companheiro na luta anticolonial. «O seu desaparecimento físico — refere na mensagem — constitui, pois, um perda irreparável no seio dos «cinco».

Enquanto isso, o Comité Central do MLSTP, de S. Tomé e Príncipe, endereçou uma mensagem ao Par-



Africa inteira sentiu a dor de perder Samora Machel; momento em que Dennis Sassou Nguesso apresentava condolências a Graça Machel. A esquerda, e em segundo plano, Ide Oumarou, Secretário-Geral da OUA



Julius Nyerere: um encontro carregado de consternação com os dirigentes do Partido Frelimo

tido Frelimo, na qual salienta que «ontem como hoje, a nossa solidariedade militante testemunha a nossa determinação e confiança nos destinos de um povo heróico, digno do exemplo ímpar do saudoso camarada Samora Machel, a quem prestamos o preito da nossa mais reverente homenagem».

E do continente africano continuou a chegar o abraço fraterno e irmão. A solidariedade, indignação e respeito pela personalidade do malgrado dirigente moçambicano veio da Etiópia socialista, da Argélia, do Congo, da Líbia, esta que ergueu-se acusando a África do Sul de ter perpetrado o crime contra a vida do líder moçambicano, do Sahara, Zaire, Comores, Libéria, Costa do Marfim, Gâmbia.

República Centro-Africana, Djibouti e Kuwait.

O Presidente Chadli Benjedid, da Argélia, enviou uma mensagem à direcção política moçambicana, destacando os laços históricos que unem os dois países e povos.

Como destaca, por exemplo, a mensagem do Djibouti, «a personalidade de primeiro plano do Presidente Machel, a sua coragem e clarividência na análise dos conflitos da África Austral permitiram-lhe desempenhar no seio da Unidade Africana, um papel sénior no desenvolvimento da unidade de África».

Por seu turno, Dawda Jawara e Houphet Boigny, da Gâmbia e da Costa do Marfim respectivamente, consideraram que «o Presidente

Samora será recordado nos vários fóruns internacionais onde sempre defendeu a liberdade africana e a independência de África».

Foi sempre nesta tónica com que os dirigentes africanos se dirigiram, em mensagens de condolências pela ocasião de transe que se atravessa no país, sendo de destacar as da Etiópia e a do Congo. Na primeira, põe-se em relevo a infatigável luta do Presidente Samora Machel contra o colonialismo, neocolonialismo, imperialismo e racismo, e em favor da paz, liberdade e justiça.

A outra, enaltecendo as suas qualidades de revolucionário, refere que «conhecemos a sua coragem, o seu sentido de dever revolucionário, a sua intransigência



Aristides Pereira, Nino Vieira e Manuel Pinto da Costa; irmãos de sempre com Moçambique

TUDO O MUNDO FEZ-SE REPRESENTAR

Para assistir às cerimónias fúnebres do Presidente Samora Machel vieram representantes de toda a parte do mundo, num total de 160 delegações. Destas, 18 eram Chefes de Estado. Era assim a presença de Partidos, organizações pró e não-governamentais e individualidades várias.

Não foi força ideológica ou identidade política o que foi testemunhado com a presença de tão vasta representação internacional. Foi sim o prestígio internacional do Presidente Samora Machel, cuja morte foi por todos considerada uma perda irreparável para o país e para a região no seu projecto justo de cooperação, entendimento e paz.

Dentre os presentes, destacam-se os Chefes de Estado dos países da Linha da Frente, nomeadamente Kenneth Kaunda, Ali Assan Mwiny, Quet Masire, José Eduardo dos Santos e o Primeiro-Ministro do Zimbabwe Robert Mugabe. Da região estiveram ainda presentes o Rei Moshoeshe do Lesotho e o Primeiro-Ministro da Swazilândia.

De África acolhemos destacadas figuras como Daniel Arap Moi, do Quénia, Jerry Rawlings, do Gana, Thomas Sankara, de Burkina Faso, Ide Oumarou, Secretário-Geral da OUA, Dennis Sassou Nguesso, do Congo, o Primeiro-Ministro do Zaire Keng Wa Dondo, entre outros. Nota particular vai para os Presidentes dos cinco países de língua portuguesa, que também estiveram presentes.

Do resto do mundo há a referir a presença do Chefe do Estado português Mário Soares, e

altos responsáveis de países europeus socialistas e ocidentais. Inúmeras personalidades deslocaram-se igualmente a Maputo para presenciarem as cerimónias que marcaram a sepultura do falecido Chefe do Estado moçambicano. Tal é o caso de Maria Eugénia Neto, viúva do primeiro Presidente da República Popular de Angola, a esposa do Presidente do Chama Cha Mapinduzi, Julius Nyerere, o ex-Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes, o ex-Presidente da Nigéria, General Olusegun Obasanjo, o líder dos direitos cívicos nos Estados Unidos Jesse Jackson e Chief Fernandez, homem de negócios da Nigéria, radicado nos EUA. Da Nigéria esteve também presente uma representação governamental.

Outros países fizeram-se representar através de Ministros ou enviados especiais, todos movidos pela mesma razão: prestar a última homenagem àquele que se agigantou na luta pela paz, justiça, igualdade e democracia na África Austral, em todo o continente e no mundo inteiro. Exemplo para os movimentos de libertação, Samora Machel teve também no seu funeral os Presidentes do ANC, da SWAPO e da OLP.

Algumas destas delegações começaram a partir na tarde do próprio dia 28 de Outubro findo, quando terminaram as cerimónias, de regresso aos seus países. Outras permaneceram no país para contactos com as autoridades moçambicanas ou para transmitirem a nível mais restrito o sentimento de pesar aos familiares do defunto.

nos princípios e a sua habilidade política, assim como a sua grande capacidade de condutor de homens».

O EXEMPLO SERÁ PERPETUADO

O Comandante-Chefe do braço armado do ANC, Joe Slovo, igualmente Presidente do Partido Comunista da África do Sul que ao lado do ANC luta pelo fim da discriminação racial e pela instauração da democracia e igualdade naquele país vizinho, endereçou também a sua mensagem de condolências, na qual após referir-se à figura de Samora Machel, sublinha que o malgrado «não era somente o mais destacado filho e dirigente da revolução moçambicana, mas igualmente um gigante do nosso continente e figura internacionalista de proa». Para ele, o exem-

plo que inspira a vida de combatente que Samora Machel legou à África Austral e ao Continente inteiro, deverá ser perpetuado.

Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo da OLP e Comandante-Chefe das Forças da Revolução da Palestina, dirigiu, por sua vez, uma mensagem comovedora na qual enaltece a figura do já falecido Presidente moçambicano.

Para este líder do movimento de libertação palestino, a África do Sul não está inocente em relação à queda do avião presidencial. Segundo referiu, a trágica morte do Presidente Samora Machel ocorre «numa agressão feita pelo diabólico regime da África do Sul».

DOS PAÍSES SOCIALISTAS

Considerado partidário firme do progresso e do socialismo, na men-

sagem da Polónia, o malgrado Presidente moçambicano é referido como tendo sido «sempre um partidário engajado e firme da causa da colaboração de Moçambique com as forças mundiais do progresso e do socialismo».

De igual modo o aprecia a Checoslováquia na sua mensagem de condolências dirigida às autoridades moçambicanas, na qual salienta que Samora Machel foi um «intrépido lutador contra o imperialismo, racismo e «apartheid», pela paz e o progresso social no mundo».

Por seu turno, Todor Jivkov e Guéorgui Atanassov, respectivamente Secretário-Geral do Partido Comunista da Bulgária e Primeiro-Ministro daquele país, consideraram o malgrado dirigente «um dos líderes mais insígnies do movimento revolucionário na África de hoje».



Os movimentos de libertação perderam um proeminente defensor da sua causa

Igual sentimento de apreço pela pessoa do líder falecido vem contido na mensagem das autoridades soviéticas enviada à direcção do Partido e do Estado moçambicanos. Nela, mensagem longa onde se destacam as qualidades revolucionárias e internacionalistas do Presidente Samora Machel, sublinha-se que aquele dirigente «gozava de prestígio e respeito merecidos na arena internacional. Ele manifestava-se de uma forma activa e consequente pelo reforço da paz e da segurança dos povos, pelo desarmamento nuclear e pela

cooperação dos Estados em pé de igualdade».

A RDA, por sua vez, destaca que «Samora Machel foi um representante eminente do movimento de libertação nacional em África e do Movimento dos Não-Alinhados». A mesma mensagem refere o papel proeminente que a figura do líder moçambicano desempenhou nas relações internacionais.

De igual modo, a Roménia, outro país socialista da Europa do Leste, refere na sua mensagem o destacado papel do Presidente Sa-

mora Machel na luta contra o colonialismo.

Dos países socialistas são ainda as mensagens de Cuba, o primeiro Estado socialista da América, a China e o Vietname, na Ásia. Cuba exaltou a figura do falecido dirigente, e o seu proeminente papel na luta de libertação de África e no Movimento dos Não-Alinhados.

Para a República Popular da China a morte de Samora Machel tornou-se numa perda de um velho e respeitado amigo, enquanto o Vietname referiu a vida e obra do falecido Dirigente moçambica-

NELSON E WINNIE MANDELA PARTILHAM NOSSA DOR

A prisão não impediu o líder nacionalista sul-africano Nelson Mandela de se juntar à dor do Povo moçambicano. Numa mensagem rubricada por ele e sua esposa Winnie Mandela fizeram chegar a sua amizade e solidariedade neste duro e difícil momento do Povo, da África e do Mundo. Eis o texto da mensagem:

«Para o povo de Moçambique. Para a família Machel. Para a Frelimo. Para o Governo de Moçambique.

No passado nunca havíamos solicitado autorização para sair da África do Sul. Hoje, estávamos convencidos de que o nosso lugar seria ao vosso lado. Cada um de nós está preso numa cadeia diferente. Fomos impedidos de estar hoje convosco, de partilhar a vossa mágoa. De chorar convosco. Para aliviar a vossa dor. Para abraçar-vos estreitamente.

O nosso sofrimento pelo Camarada Samora

Machel é tão profundo que cala fundo o coração. Velámos convosco durante a noite. Choraremos durante o dia de hoje convosco por um soldado poderoso, por um filho corajoso e por um estadista nobre.

Devemos acreditar que a sua morte reforçará tanto a nossa, como a vossa determinação para sermos finalmente livres. Para vós, a vitória sobre os bandidos imorais e vendidos. Para nós, a vitória sobre a opressão. A nossa luta sempre esteve ligada e seremos juntos vitoriosos.

O Mundo está convosco. Não pode e não vos abandonará. Com o seu apoio e a lendária determinação do Povo moçambicano só podem sair vitoriosos.

AMANDLA!

Nelson Rolilahla Mandela e Nomzamo Winnie Mandela.»



no. Conforme salientam na sua mensagem, os vietnamitas consideram que «com a sua morte, os povos africanos e progressistas do mundo inteiro perderam um combatente consequente».

PERDA FOI PARA TODO O MUNDO

Do resto do mundo chegaram igualmente expressões de amizade e simpatia para com o Povo moçambicano neste momento de transe. Todas elas enaltecendo a personalidade do Chefe do Estado de Moçambique, referem o papel por ele jogado na luta pela paz e estabilidade na região Austral do Continente africano, bem assim a sua acção no seio do Movimento dos Não-Alinhados.

As condolências vieram dos Estados Unidos da América, de onde o Presidente Reagan e a Casa Branca expressaram ter admirado o papel relevante de Samora Machel como estadista. Chegaram, igualmente, da República Federal Alemã, do Japão e da Espanha; de Portugal, da Suíça, da Finlândia, da República Dominicana, de Trinidad e Tobago.

Da Nicarágua, onde ferve sobremaneira a tensão da América Central, veio a exaltação do papel de Samora Machel na luta pela independência e justiça social na região e no seio dos Não-Alinhados. Igual apreço foi endereçado pelo Primeiro-Ministro da Índia Rajiv Gandhi, que sublinha na sua mensagem que «o exemplo de Samora Machel continuará a inspirar-nos a todos no nosso combate pela igualdade e justiça».

Do Presidente Raul Alfonsín, da Argentina, o Estado moçambicano recebeu uma mensagem de condolências, ao mesmo tempo que acolheu do Parlamento Europeu outra que considera a morte de Samora Machel uma tragédia para a África Austral. O documento enaltece a personalidade de Samora Machel, apreciando particularmente a sua contribuição na procura de soluções para a grave situação da região.

A Rainha Isabel II da Inglaterra e o Primeiro-Ministro Margaret Thatcher enviaram por seu turno uma mensagem na qual recordam a contribuição do Líder moçambicano ora falecido nas negociações de Lancaster House, que conduziram à independência do Zimbabwe.

Também, o Presidente Khomeini, do Irão, enviou uma mensagem em que para além de evidenciar as suspeitas que o seu país tem sobre o envolvimento sul-africano no acontecimento trágico, também refere que o facto «mostra-nos o ódio que os inimigos têm

contra os honestos, sinceros e famosos combatentes da liberdade».

Com emoção elevada foi igualmente a mensagem da Suécia, endereçada pelo Rei Gustav, e da Noruega, esta subscrita pelo respectivo monarca, a Rei Olav. Ainda da Europa, chegou o sentimento italiano, subscrito por Francesco Cossiga, uma mensagem, e por Bettino Craxi noutra, respectivamente Presidente e Primeiro-Ministro. Este último considera que «desaparece um heróico combatente pela liberdade do seu país e da África e um líder político de grandíssima estatura e prestígio internacionais».

Entretanto chegaram também mensagens da Mauritânia, do Suriname, das Bahamas. Duas personalidades importantes também se pronunciaram sobre a morte do Presidente moçambicano, nomeadamente o Coronel Hashim Mbita, Presidente do Comité de Libertação da OUA, e o Presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, Mohammad Ali-Shaali. □

Palavras de conforto para Graça Machel



Ali Hassan Mwinyi,
o pesar do povo
tanzaniano

Grande apreço e simpatia foi manifestado para com a Senhora Graça Machel, Ministra da Educação do nosso país. De diversos pontos do mundo e do leque mais vasto de personalidades, Graça Machel recebeu a expressão de pesar e palavras de conforto que a seguir publicamos:

De Angola, país irmão, Maria

Eugénia Neto, viúva do Presidente Agostinho Neto, enviou uma mensagem na qual expressa que o desaparecimento físico de Samora Machel «constitui não só uma grande perda para si e para o Povo moçambicano, mas também para todos os povos amantes da paz e, em especial, para os povos que com o moçambicano lutaram arduamente lado a lado contra o inimigo comum».

De Cabo Verde chegou a mensagem do Presidente Aristides Pereira e esposa, na qual sublinham que a memória do defunto perdu-

De Portugal, o conforto de um povo irmão através do seu Chefe de Estado Mário Soares



ALBERTINA SISULO FEZ-SE OUVIR EM MOÇAMBIQUE

Albertina Sisulo Presidente da UDF, esposa do nacionalista sul-africano Walter Sisulo que juntamente com o líder nacionalista do ANC sul-africano Nelson Mandela cumprem uma pena de prisão perpétua que dura há já mais de 20 anos, nas masmorras do regime ignóbil do «apartheid», queria vir a Maputo. Queria expressar junto do Povo moçambicano os seus sentimentos de pesar. Queria juntar-se à dor e tristeza que embriaga o Povo moçambicano, pela morte do seu ilustre filho, Presidente Samora Machel. Mas, mais uma vez demonstrando o seu carácter criminoso, as autoridades do «apartheid» não a deixaram vir. Mesmo assim, Albertina Sisulo numa conversa telefónica conseguiu transmitir à Direcção máxima do nosso Partido e Governo, ao Povo moçambicano e ao Mundo inteiro o que viria dizer em Maputo.

Camaradas,

Estamos aqui esta tarde para nos inclinarmos perante um grande camarada, cuja morte não é apenas um acontecimento trágico, mas também um sério revés para a nossa própria luta. É um sério revés porque nós não víamos Samora Machel apenas como um dirigente estrangeiro ou um Chefe de um Estado Africano. Nós víamo-lo como um dos nossos próprios Comandantes, na luta contra a exploração e o racismo.

Durante as últimas décadas vimos a FRELIMO e Samora Machel lutar em grandes guerras para conquistarem a independência de Moçambique. Vimos um pequeno grupo de guerrilheiros crescer constantemente até se transformar no exército do povo e, por fim, tornar-se o governo do povo.

O heróico povo de Moçambique, em conjunto com Samora Machel, engajaram-se numa luta que inspirou todo o Subcontinente para a liberdade.

Não podemos chorar Samora Machel com lágrimas. Não o podemos chorar exprimindo simplesmente a nossa tristeza. Só o podemos chorar, aumentando a luta contra o capitalismo, garantindo que os ideais pelos quais ele viveu e lutou se tornem numa realidade permanente.

Camaradas,

Devemos lembrar-nos sempre que foi o Camarada Samora Machel que colocou o seu talento de forma que Moçambique se tornou a fonte de luta pela nossa região. Foi a fonte onde nós também bebemos.

É por essa razão que qualquer ataque contra a independência de Moçambique será um ataque contra a nossa própria luta.

Queremos dizer ao mundo que o povo da África do Sul lutará até ao fim, para defender a independência de Moçambique. Lutaremos de mãos nuas, se isso foi necessário.

Nós, o povo da África do Sul, e o povo de Moçambique lutaremos contra, e destruiremos, os criminosos do MNR e os criminosos do regime boer.

Camaradas,

O povo de Moçambique, o Continente Africano e o mundo não poderiam ter pedido mais de Samora Machel. Ele deu tudo para que os oprimidos pudessem ter uma vida melhor, um ideal pelo qual devemos lutar sempre.

**EM FRENTE PARA A LIBERDADE
AMANDLA!**

rará para sempre nas suas mentes e corações. Com igual intensidade, veio também o sentimento de pesar expresso por Raisa Gorbatchiov, esposa do líder soviético, na qual recorda a vitalidade do Presidente Samora Machel aquando dos encontros mantidos ainda este ano em Moscovo.

Raisa Gorbatchiov sublinha o desejo de «que sirva de consolação para a camarada a consciência de que o nome de Samora Machel permanecerá sempre na História».

De José Forjaz, antigo secretário do Estado do Planeamento Físico, Graça Machel recebeu sentimentos de pesar, numa mensagem em que se refere à morte do líder moçambicano como uma grande perda para Moçambique e para a Humanidade.

Da MOLISV, uma organização italiana, o seu Secretário-Geral e o respectivo Presidente manifestaram a sua «total e fraterna solidariedade» nesta hora de transe. Enquanto isso, da Grã-Bretanha Graça Machel recebeu uma mensagem de condolências enviada por Keith Rawson-Jones.

Dris Afonso Paes, enviou de Lisboa uma mensagem de condolências, na qual pode ler-se que «estamos sensibilizados pela morte do Presidente Samora Machel, um grande homem de Moçambique ao qual rendemos a nossa homenagem».

E ainda para Graça Machel,



O membro do BP, Marcellino dos Santos, com familiares de Luísa Esmeralda, uma das assistentes de bordo que pereceram no despenhamento

O membro do BP Joaquim Chissano apresentou condolências às famílias enlutadas pelo acontecimento de 19 de Outubro



chegaram mensagens de outras personalidades e entidades, tais como a família do Dr. Ivanov, da Bulgária, Júlio Gonçalo Braga, Embaixador moçambicano na RDA, do Bispo de Inhambane, de Rosana Bacci, de Reggio Emilia na Itália, de Maria Amélia Pinto da Costa, esposa do dirigente são-tomense, de Guilherme de Melo, jornalista português, de Maria Isabel Ribeiro e Carlos Ribeiro, do Arcebispo de Nampula, do vigário-geral Padre Filipe José Couto, do Conselho de Administração da TEXMANTA, do Conselho de Administração da RIOPELE, da Princesa Anne, da Inglaterra, de Lord e Lady Soames, do Embaixador da RPM na Etiópia, de Juvenal Mondlane, encarregado de Negócios da RPM em Cuba e de Silvíno da Luz, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República de Cabo Verde.

Também, e ainda na mesma linha, foram endereçadas mensagens de condolências a Graça Machel por Takeo Kondo, presidente da firma «Mitsubishi Corporation», do Japão, Eiji Toyoda, administrador da firma japonesa «Toyota Motor Corporation», Mário Soares, Presidente de Portugal, e sua esposa, Bispo de Pemba, Isabel Vieira, esposa do Presidente da Guiné Bissau, Olga e Remo Formaciari e Giuseppe Soncini, da Itália.

Outras individualidades que prestaram a sua simpatia para com a esposa do falecido Presidente moçambicano pela ocasião foram Pedro Pires, Primeiro-Ministro de Cabo Verde, Simon Manley, em nome das publicações «D'Africa — Asie e D'Africasia», Luís e Karin de Almeida, em Paris, Ale-

xandre José Maria dos Santos, Arcebispo de Maputo, Peter Jon de Vos, embaixador cessante dos EUA em Moçambique, Seyed Ali Khamenei, Presidente da República Islâmica do Irão, Raj Viraahswmy, chefe do Governo das Maurícias, Rui Mingas, Secretário de Estado de Educação Física e Desportos de Angola e Francisco Lucas Pires, Vice-Presidente do Parlamento Europeu.

Todas estas mensagens enalteceram a personalidade de combatente consequente pela liberdade, paz, justiça, igualdade e progresso que revestia o malgrado Presidente Samora Machel, manifestando simultaneamente a dor de que está tomado o mundo pela morte do dirigente moçambicano.

Calorosos e fraternos sentimentos de pesar foram manifestados para com Graça Machel, a quem foi igualmente endereçado o desejo de vê-la em breve restabelecida da dor que o momento ocasiona.

Outras personalidades e organizações que expressaram os seus sentimentos de pesar a Graça Machel, foram Bodo Weidemann, Secretário de Estado da Formação Profissional da RDA; Borry Jacqueline, Zâmbia; Florence Kga-boesele, Botswana; Viola Burnham da Guyana; Fernandez e Asela, Cuba; Sean Air Charter; Comunidade Hindu; Fodé Bérété, primeiro embaixador em Moçambique da Guiné Conackry; Maria Augusta e Victo Maria; Hermenegildo Gamito; Paulo Asrat; Jurge Niffka, do Brasil; Jorge Costa, Milão, Itália; Abdul Bassiuvman e família; Humayun Gauhun; João Quaresma Bexigas; Carlo Viola; Francisco Porto; Humberto e Marisa Fusanoli Casadei. □



Requiem por Samora

Publicamos a seguir um conjunto de textos que constituem homenagem ao Presidente Samora Machel. Reflectem a imagem que os seus autores guardam de encontros que tiveram ou de factos relacionados com a vida do Primeiro Presidente da República Popular de Moçambique.

Com o objectivo de alargar a divulgação deste género de opiniões, iremos manter esta secção aberta aos leitores que desejem enviar-nos os seus textos.

Um encontro de despedida

Foi no dia 11 de Outubro, um sábado. Era véspera da última cimeira da Linha da Frente que iria ter lugar em Maputo, essa cimeira em que saiu a declaração de Paz assinada por todos os dirigentes da Linha da Frente.

A meio da tarde chegou à minha casa o Gulamo Khan com a informação de que o Presidente Samora Machel queria falar com os directores dos órgãos de informação. Combinámos uma hora para ele passar a buscar-me e lá fomos, a pé, ao Palácio da Ponta Vermelha.

O Presidente Samora não estava no Palácio. Havia-se ausentado para uma residência na Avenida Julius Nyerere para ultimar os preparativos da cimeira que no dia seguinte teria lugar. O pessoal do protocolo conduziu-nos a essa residência. Para além dos meus colegas estava também a autora da série de artigos sob o título genérico de «Aspectos da Guerra...» publicados na «Tempo» e que o Presidente Samora tanto apreciou.

Depois de uma curta espera recebeu-nos. Com ele estavam os seus colaboradores mais próximos, nomeadamente o Director do Gabinete da Presidência, Luís Bernardino Honwana, o seu secretário particular, Muradhali Mamadhusen e a sua secretária assistente, Ivete Amós. Também estavam duas altas personalidades nacionais, nomeadamente o Primeiro-Ministro e o Professor Aquino de Bragança.

O Presidente Samora Machel falou longamente dos problemas da África Austral. Historiou-nos as relações da Frelimo com o Malawi desde os tempos da luta armada. Escutámos muitos factos que a história ainda não registou — ou, se quisermos, que Moçambique ainda não quis revelar. Mas como curiosidade registei a ida do Presidente Samora Machel àquele país, em 1965 com Filipe Magaia e em 1968 com Joaquim Chissano. Em ambas as viagens o objectivo era libertar alguns nacionalistas moçambicanos detidos no Malawi porque este país entregava os pa-

triotas moçambicanos à PIDE quando lhe pediam asilo.

O Presidente relatou-nos as ambições malawianas de expansão territorial à custa da integridade de Moçambique, ambição que se revela, pela primeira vez, em 1962 altura em que um pedido de integração do Niassa no Malawi é apresentado às autoridades portuguesas em Portugal. Até hoje o Malawi ainda não renunciou a essa e outras pretensões territoriais.

O Presidente também nos falou do Zaire, país que haveria de se representar na cimeira e que nesse sábado já havia informado ir-se representar a nível de primeiro-ministro.

O encontro foi revestido daquele calor que só o Presidente Samora Machel sabia dar e tornou-se também numa aula sobre a conjuntura política da África Austral. Falando da África do Sul, disse que a mina (a tal que feriu quatro soldados sul-africanos) terá sido colocada pelos próprios sul-africanos para terem um motivo de desencadear a campanha que se seguiu. Uma campanha, recorde-se, cheia de ameaças de invasão à RPM e que culminaria num boato internacional segundo o qual o Governo moçambicano havia caído e (coincidência?) o Presidente Samora Machel havia sido assassinado. Alguns jor-

nais chegaram, na semana de 12 a 19 de Outubro, a publicar essa notícia em parangonas.

Mas voltemos ao encontro com o Presidente: segundo afirmou, a 28 e 29 de Setembro deste ano, depois do encontro com a Linha da Frente, o Malawi «despejou» todos os bandidos que tinha dentro do território moçambicano. E interrogava-se sobre qual seria o objectivo dessa medida adiantando a seguinte constatação:

1 — Tudo o que é roubado em Moçambique aparece à venda no Malawi;

2 — Todos os estrangeiros raptados pelos bandidos são libertados no Malawi;

3 — A bomba que matou Mondlane saiu do Malawi.

O Presidente continuou a falar e disse muita, muita coisa que não importa para aqui. Por vezes parecia angustiado. Recordo-me quando analisando o banditismo afirmou que a África do Sul se estava a precipitar devido à resistência do povo moçambicano. Disse que eles, os sul-africanos, vêm-se obrigados a «compactar» as várias fases do plano de agressão que tinham para com Moçambique. Dizia:

1.º mandaram os bandidos para provocar desestabilização

2.º procuraram tomar os lugares históricos da Frelimo

3.º tentaram criar ideia de uma guerra civil em Moçambique.

Depois disto tudo que lhes resta fazer? — interrogou o Presidente. Ele próprio não respondeu a esta pergunta.

Carlos Cardoso, da AIM, diria: — Depois de tudo o que têm feito também poderão tentar uma eliminação física da sua pessoa.

Respondeu o Presidente:

— Ah, isso. A primeira vez que o tentaram foi em Setembro do ano passado (e não Novembro como já referiu um colega) quando armaram bazookas contra a minha comitiva.

Mas não revelou pormenores. Continuou:

— É preciso ser optimista. Eu sou sempre optimista.

O Director do Gabinete da Presidência fez lembrar ao Presidente que no dia seguinte teria um dia em cheio e, por isso devia ir repousar.

— Está bem Luís, mas deixe-me conversar com vocês. Eu gosto de vocês todos e nem sempre temos oportunidade de estarmos assim juntos. Durante a luta armada eu estava habituado a jantar com trinta e mesmo cem homens. Conversávamos. Hoje estou prisioneiro. Quando sair daqui vou para o palácio. Lá só tenho a minha mulher. Não é que não goste dela, gosto. Mas também gosto de vocês.

Dáí a momentos:

— Ivete, vá para casa, minha filha. Falta pouco para começar o Bem-Amado. O Odorico — «Embora...».

Rimo-nos. O Presidente prosseguiu:

— Porque não dizer embora? O Povo não está amarrado a gramáticas.

A Ivete carregou as pastas e saiu.

O Presidente Samora Machel continuou a falar, respondendo a uma pergunta sobre o Uganda. Enquanto falava Aquino de Frangança foi-se aproximando do Primeiro-Ministro e, muito no seu estilo, começou a falar quase ao ouvido de Mário Machungo. O Presidente repara e, sorrindo, diz:

— Primeiro-Ministro, venha aqui ao meu lado.

— O Aquino está-me a mobilizar. Excelência.

Voltámos a rir.

Muradhali recorda, de novo, ao Presidente que no dia seguinte terá de receber os Chefes de Estado da Linha da Frente e, por isso, deve ir repousar. Já passava muito da hora programada para o



repouso do Presidente Samora Machel. Ele, visivelmente contrariado, prepara-se para ir embora. Aperta-nos as mãos, um a um. Saímos.

Foi a última vez que o vi. Foi a última vez que vi a Ivete, o Muradhali e o Mestre Aquino. Precisamente nove dias depois morriam. Da conversa com o Presidente depreendia-se que ele sabia que algo estava a ser preparado contra a sua pessoa. Não recuou porque era dotado daquela sua lendária coragem, uma coragem de soldado de primeira hora.

ALBINO MAGAIA

Inspirador do povo

29 de Setembro de 1933, Xilembene dá à luz um homem que durante a sua vida dedicou-se, por inteiro, à luta pela liberdade do seu povo. Esse homem que se chama Samora Machel, filho querido do povo moçambicano, deixou na memória do seu povo um pano

preto que irá sempre marcar aquela noite de 19 de Outubro cheia de lua e de angústia. Noite traiçoeira que arranca, sem pedir o soldado que vinha de uma missão libertadora, que vinha da luta por restituir a dignidade dos explorados. Aquela noite levou consigo o

baluarte da luta contra o «apartheid» e das ideias da classe operário-camponesa.

Samora Machel, compreendendo a dominação colonial a que o seu povo estava subjugado, integra-se na luta com todo o afinco, pela independência do seu povo. Cimentado na defesa dos interesses dos explorados combateu na frente de combate todas as barreiras raciais, todos os preconceitos antinacionalistas. Soube criar nos seus companheiros de luta o espírito de defesa pelo povo e pela Pátria. Samora foi sempre imparcial, objetivo e metódico na tomada de decisões.

O seu exemplo permanecerá nos corações de todo o povo e tornará este povo cada vez mais heróico e certo de vitórias em todas as frentes de combate.

Xilebene é de novo aquele solo que acolhe Samora, é o solo que fará nascer uma flor que jamais murchará, flor da história do povo moçambicano, flor de exemplo de patriotismo para toda a comunidade.

Samora é um soldado vivo que vai penetrar a floresta para dizer todo o bandido armado, que vai inspirar o povo na defesa dos seus interesses.

ANTÓNIO ELIAS

na colectânea de poemas «Poesia de Combate» dão-nos as luzes de uma luta ligada à dimensão do homem fazedor das transformações revolucionárias que se iam impondo na nossa terra.

Nesta terra, que tão repentinamente nos lega por entre a angústia causada pela sua morte a 19 de Outubro, fica-nos pois através das suas obras a lição de que a arte é também uma arma de libertação, porque os escritores, os poetas, os pintores e outros tantos artistas se querem livres para poderem exteriorizar o que lhes vai dentro da alma, para registar a história para as gerações vindouras, tal como ele fizera.

De facto, escritos como os que patenteia a obra «A nossa luta», são já uma herança dos moçambicanos para quem o Presidente Samora Machel se bateu por dar prosperidade e Paz, pois como advoga naquele livro «os nossos princípios estratégicos e táticos, embora beneficiando enormemente da experiência teórica e prática das outras lutas revolucionárias, são sobretudo o produto da nossa luta, das situações específicas, militares, económicas, culturais e sociais que vivemos no nosso país».

PAULO SÉRGIO

Na Literatura e nas Artes

Samora Machel dinamizou com o exemplo

Neste momento que se marca com indignação, os moçambicanos não deixam de rever as páginas da História que o Presidente Samora Machel imprimiu com a sua liderança nas inúmeras batalhas que decorreram da afirmação prática dos ideais da nossa libertação. Uma daquelas batalhas foi evidentemente a da arena literária e artística que dinamizou e encorajou com exemplos.

São ainda vivos e registados para todo o sempre, o apoio material em equipamento sonoro que concedeu em 1983 aos jovens músicos do Niassa e a sua visita às exposições de Naguib e de Malangatana, numa missão de apreciação que em termos de significado e dimensão cultural catalisou o conjunto dos nossos artistas para uma cada vez melhor e livre criação artística.

São também inesquecíveis os seus cânticos em toda a parte, em contacto com o povo. Valorizava a cultura porque, como afirmava, «a cultura é sol que nunca desce».

O exemplo do Presidente Samora Machel estendeu-se inclusive ao domínio literário. Os seus ensinamentos patentes em obras como «A nossa luta», em brochuras da colecção «Estudos e Orientações», em muitas outras publicações e

Lacuna difícil de colmatar

Não consigo conter a emoção triste que senti quando tomei conhecimento da tragédia que vitimou o dirigente máximo da Revolução Moçambicana que sempre admirei desde a fundação da República Popular de Moçambique.

Samora Machel conheci pela primeira vez, na noite memorável do

dia 25 de Junho de 1975, quando proclamava a Independência Nacional. Tinha 15 anos de idade. Eu, juntamente com os meus parceiros de infância não conseguimos manter-nos nas nossas casas naquela noite fria do 25 de Junho de 1975. Deslocámo-nos ao Estádio da Machava para conhecer de

perto o homem que sempre nos impressionava pelos seus importantes discursos que atentamente seguíamos pela rádio, antes da Independência Nacional.

O papel que desempenhou na procura da dignidade do homem moçambicano, constitui para mim, uma acção bastante inesquecível. A sua admiração pelo desporto foi provado quando, fora de todas as previsões, recebeu, cordialmente, no Palácio da Ponta Vermelha, o ex-futebolista do Sport Lisboa e Benfica, Eusébio Ferreira da Silva.

No acto, Samora Machel mostrou ser um homem que reconhece aqueles que embora estiveram ao

serviço do desporto português, contribuíram antes da Independência para conhecimento das potencialidades de Moçambique.

Samora Machel que sempre teve orgulho de personalidade africana e moçambicana, em particular, deixa um vazio bastante difícil de colmatar. A sua arma mobilizadora e a intransigência na sua conduta dum numeroso povo deste grande país, ficará, indiscutivelmente, na memória de todos que pretendem que o nosso país seja, no futuro, próspero e cheio de felicidades.

PEDRO MUCAVELE



O meu primeiro encontro com o velho

Conheci-o pessoalmente fez precisamente agora, em Outubro, 12 anos. Em Setembro de 1974 vários jornalistas foram convidados a seguir até Dar-Es-Salaam onde, depois de contactarmos para conhecermos de perto a organização, as instituições e realizações da Frente de Libertação de Moçambique, acompanháramos o Presidente Samora Machel para uma visita a três países socialistas, a primeira após a tomada do Governo de Transição.

Estávamos nessa manhã de Outubro no átrio entre os dois blocos no Instituto Moçambicano na capital tanzaniana. Sérgio Vieira viera avisar que o Presidente havia de nos receber dentro de momentos.

Quando esperámos que nos chamassem para entrar num gabinete, eis que por detrás de nós, uma voz forte e amiga nos saúda: «Olá Amigos!» Era Samora Machel em pessoa, trajando simplesmente uma calça escura e camisa clara. Conhecia já todos os nossos no-

mes apenas faltava conhecer as pessoas.

Aliás, uma das facetas mais extraordinárias que tive a oportunidade de apreciar do Camarada Presidente durante todos estes anos até à sua morte, foi a espantosa capacidade de fixar milhares e milhares de nomes das mais diversas pessoas retendo também a sua imagem de tal modo que em qualquer visita ou encontro posterior chamava sem hesitar essa pessoa e recordava-lhe em que circunstância a tinha conhecido.

A pessoa do velho — como era tratado com respeito e carinho entre todos os militantes — transmitia comando, firmeza mas também amabilidade. Ficámos todos como que varados pela sua personalidade. Posso afirmar que eu e meus colegas jamais nos esqueceremos desse primeiro encontro, onde rapidamente traçou um programa que levaria uns para Nachingwea e outros pa-

ra Bagamoyo. Coube-me Bagamoyo.

Todos os quadros da FRELIMO com quem tive o privilégio de contactar nessa altura, todos eles falavam do Presidente com uma admiração que não tinha absolutamente nada de fingida. Pude também verificar que sob a sua direcção a Frente era uma máquina que funcionava com operacionalidade, rapidez e eficiência. Havia até na altura quem perguntasse se o Presidente não dormia, porque a qualquer hora do dia ou da noite e sempre que fosse necessária a sua intervenção ou presença lá estava o Camarada Presidente.

Ainda nesse já distante ano de 1974 tive também o ensejo de testemunhar o respeito internacional pelo nosso Presidente, a admiração e solidariedade dos povos para com a FRELIMO. O seu tacto diplomático e a força da sua personalidade apareceram nessa ocasião destacadas em jornais da RDA, Roménia e Bulgária, os três países que o Presidente visitou naquela histórica viagem.

Recordo-me que na Roménia depois da apresentação de cumprimentos por parte do corpo diplomático e durante um brinde com os embaixadores, um deles, creio

que dum país ocidental, perguntou ao Presidente Samora Machel se também era protagonista de uma «África só para africanos».

O Camarada Presidente olhando-o fixamente nos olhos, como foi sempre o seu hábito, e sem um segundo de hesitação, respondeu-lhe: «Tal como todos os outros continentes, a África é para a humanidade.» Pude captar esta frase pois estava mesmo ao lado e verifiquei o ar quase de menino apanhado em falta do aludido embaixador.

À medida que os anos foram passando e tendo eu, como jornalista, a oportunidade de acompanhá-lo nas mais distintas oca-

sões, vi crescer cada vez mais a imagem interna e internacional do Homem, do Político, do Estratega, do Diplomata, do Estadista, do Líder Revolucionário na pessoa do Presidente Samora Machel.

Por isso e por muito mais ele para mim também não morreu, tal como foi dito no elogio fúnebre que não se trata a própria história. Da minha parte e se a saúde me ajudar terei um dia o prazer e a honra de contar factos de que fui testemunha deste muito querido filho de Moçambique e de África. Para já e numa das próximas crónicas recordarei a minha última conversa com o Velho.

Calane da Silva

À medida que o cortejo passava muitas pessoas não conseguiam conter as lágrimas, outras permaneciam mudas, acabrunhadas.

Terminado o cortejo, as pessoas dispersaram-se, cabisbaixas, vendo-se nos rostos de cada uma consternação.

Uma senhora trajada de negro, trazendo pela mão uma criança, virou-se para deixar o local, com uma lágrima no canto do olho e profundamente abatida, exclamou: «Morreu mesmo!». Dava-se conta naquele momento de que toda a tragédia se abatera sobre ela. Embora há cinco dias se estivesse a anunciar que Samora morreu não tinha ainda acreditado.

Muitas outras pessoas deste imenso país, tal como aquela cidadã anónima só depois de verem a urna e toda a solenidade do acto é que acreditaram de facto, que Samora desaparecera das vidas dos milhões de moçambicanos que tanto amava e por quem tanto lutara. Samora cujos olhos brilhantes e prenhes de futuro nos levavam a lutar por esse futuro.

FÁTIMA ALBUQUERQUE

“Morreu mesmo!”

Não por simples curiosidade, mas, certamente para muitos, por necessidade de prestar a última homenagem ao Chefe do Estado, centenas de pessoas pertuaram ao longo da Avenida Eduardo Mondlane.

Minutos antes, apercebendo-se de que o cortejo fúnebre iria passar, as pessoas, espontaneamente foram-se concentrando, silenciosas, à espera.

Senhoras com bebês às costas, homens e crianças em correria, vindos de vários pontos, queriam também chegar a tempo de ver pela última vez a passagem daquele que para muitos, foi um amigo, um irmão, um líder estimado, «um ilustre filho de África», como o caracterizou o seu amigo Aristides Pereira.

Samora Machel a todos tocou de alguma forma e seria custoso deixá-lo passar por aquela Avenida, que em vida, durante tantos anos o aclamou em ocasiões importantes, sem uma última despedida.

Os batedores, à frente davam toda a dimensão da desgraça que

se abatera sobre o Povo, pois já não mais silvavam as sirenes, estavam tão mudas como o corpo inerte de Samora Machel.

Crime de desumanidade

A tragédia caiu de repente sobre um povo atordoado pelo espanto. Naquela semana Moçambique parou.

A dôr sentia-se nos passos, nos gestos, nos olhos de cada pessoa. Até as crianças silenciaram seu risc.

A mesma angústia, a mesma raiva, a mesma pergunta: como foi possível?

De repente ficámos no centro do mundo pela mais terrível das razões: a morte do nosso Presidente.

O domingo 19 de Outubro, para nós, foi um dia igual aos outros: praia, sesta, descanso, Odo-rico ao jantar.

Aqueles que têm jantar e que podem ver televisão. Não são muitos.

Para todos, um domingo tranquilo, sem história.

Ninguém nos preparou para o que estava para vir.

Segunda-feira acordámos para a dor. Todos suspensos naquele comunicado que não tinha fim, na

música a anunciar o drama, na esperança a insistir para ficar.

À noite, o luto instalou-se no coração de cada moçambicano.

Toda a semana ficou parada no tempo. Foi um longo pesadelo de que ainda não acordámos.

Sempre a mesma pergunta: como foi possível?

Sempre a mesma angústia: houve crime?

A incompreensão, a dor imensa de ter perdido um pai varria a Pátria moçambicana. Com ele, morreu um pouco de cada um de nós.

Vieram amigos e irmãos de todos os países da terra, para compartilhar o nosso sofrimento. Vieram flores, lágrimas e mensagens. Vieram presidentes, vieram ministros. Veio gente de toda a parte do mundo.

Outros gostariam de ter vindo: não os deixaram.

Das grades da sua prisão, Nelson Mandela mandou-nos recado da sua mágoa, grande como a nossa. À sua mulher, a Albertina Sisulu, a essas não lhe permitiram que viesse.

Que pode o inimigo contra a solidez dos laços que nos unem? Que sabe ele da fraternidade dos povos que estão do mesmo lado das barreiras?

Acaso há distância no tempo ou no espaço entre nós?

Aviões carregados de ofertas, chegavam e partiam.

O Povo moçambicano sentiu que não estava isolado.

Mas de todas as partes do mundo vinha também a mesma estranheza: porque foi aquele avião cair tão longe do solo moçambicano, se já estava visível nos nossos radares? Se não havia avaria a bordo e tinha pedido permissão para aterrar?

Com bom tempo, com uma tripulação experiente que conhecia muito bem o caminho, posto que aqui estava há mais de um ano. Com instruções correctas, tudo em ordem. Teria ele sido desviado da sua rota por meios electrónicos?

A dúvida é legítima. A história desse voo foi-nos mal contada. Há muitas dúvidas e interrogações a

que só a África do Sul poderia responder. E não responde. Não podemos ainda fazer acusações formais. Ainda não foram analisadas as caixas negras, a Comissão de Inquérito ainda não se pronunciou.

O que não evita que façamos perguntas. Que tenhamos suspeitas.

Depois de uma campanha de ameaças directas contra a vida do nosso Presidente, depois do envio de comandos, de agressões constantes e de violações seguidas ao nosso espaço aéreo, depois de sabermos quem arma e treina os bandidos que queimam as nossas aldeias e cidades, semeando a morte na Pátria moçambicana, o avião do Presidente vai cair em território sul-africano.

Vai cair precisamente a 30 quilómetros das nossas fronteiras, perto de Ressano Garcia, ali onde fora assinado um Acordo para ficar no papel. Um Acordo que era sabotado e violado todos os dias. Não por nós.

Ironia do destino. Não há remédio para o irreparável. Mas podemos pensar.

E se ainda é cedo para acusações, podemos contudo, tirar conclusões de factos conhecidos.

Quando um avião se aproxima da fronteira, recebe sempre um aviso dado pela África do Sul de que está quase fora do seu espaço aéreo.

Não houve nenhum aviso desta vez, porquê?

Se o avião foi visto e seguido no radar sul-africano — eles próprios o confirmaram — porque não o foram procurar quando desapareceu?

Ou tinha p o u s a d o ou tinha caído.

Acaso não tomam conhecimento quando um avião proveniente da República Popular de Moçambique viola o seu espaço aéreo e desaparece?



Tomaram. Para eles, nós somos o inimigo. As suas forças estão em permanente alerta ao longo das nossas fronteiras.

Mas não tinham pressa nenhuma.

E em vez de uma equipa de socorros com médicos e enfermeiros mandaram uma equipa de soldados e polícias, para recolher os nossos documentos.

E enquanto os feridos gritavam e morriam, eles recolhiam calmamente os filmes, as fotografias, os papéis pessoais do nosso Presidente.

Não, eles não tinham pressa nenhuma.

Se morressem todos naquele avião, melhor seria. Ficavam sem testemunhas.

Portanto, se ainda não podemos acusá-los de assassinos, nada nos impede de afirmar bem alto: houve gente que poderia ser salva e não foi, porque não teve assistência médica a tempo.

Podemos acusá-los de desumanidade.

Teresa Sá Nogueira

Samora tu és eterno

Samora morreu. Morreu em combate pela Paz, no Ano Internacional da Paz. Morreu porque amava a Humanidade. Sim! Samora amava a Humanidade. Acreditava na eternidade do Povo e dizia (quantas vezes o disse?):

— O povo não morre. Os homens passam mas o Povo não morre.

E era do Povo de Moçambique, da África, do Mundo que falava.

Samora, arauto da Paz, da Fraternidade, do anti-racismo, morreu. Semanas antes da sua morte, muitas palavras se lançaram em sua ameaça. Nove dias antes da sua morte, alguém lhe perguntou que comentava sobre a evidência de que se preparava a sua eliminação física. A sua resposta foi:

— Sei. Já em Setembro do ano passado atentaram contra mim ... Eu sou um elemento a liquidar, sou o alvo principal ...

A sua voz ao dizer isto não perdeu o dinamismo, a força, a incisão que teve sempre. Não tinha medo.

E a voz de Samora perdeu-se na morte. Silenciou.

Samora Machel que libertou a Pátria criada por Mondlane; Samora Machel que tendo a sua Pátria livre disse que isso não bastava; não bastava ter a Pátria Moçambicana livre, quando irmãos do mesmo sangue, da mesma árvore, do mesmo ramo, frutos do Gigante África continuassem com a Pátria ocupada. E levantou a sua voz, a sua coragem, o seu amor, a sua determinação. E ganhou mais uma batalha: Zimbábue ficou livre.

Morreu Samora que escutou Namíbia chorar, viu a África do Sul ardendo em fogo, fogo do racismo, do desprezo pelo Homem, da ausência de fraternidade e paz, e, disse que não. Disse que não e avançou. Avançou com força, com determinação, com amor, com a certeza da vitória. E a sua voz gritou alto ABAIXO O RACISMO! VIVA A LIBERDADE DOS

POVOS. E porque gritou muito «abaixo o racismo, viva a liberdade dos povos» fizeram silenciar a sua voz.

Calou-se a voz que definiu o não-alinhamento: ser não-alinhado é estar-se alinhado no combate pelo bem-estar dos povos, no combate pela Paz e progresso; ser não-alinhado é estar-se alinhado contra os inimigos da liberdade dos Povos.

Silenciou a voz que dizia:

— O que é que julgam? Lutámos para passar fome? Não, não lutámos para isso. Lutámos para comer, dormir e vestir bem. Nós não lutámos para sermos pobres e miseráveis. Lutámos para sermos ricos. Quem tem medo de ser rico?

Aquela voz que declarou:

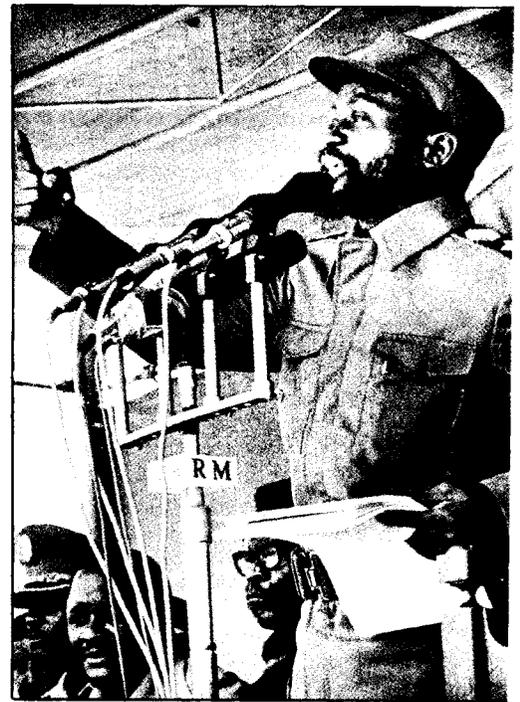
— Somos Moçambicanos, somos Africanos, pretos, brancos, amarelos ... Nós não temos raças, a nossa raça é uma só: A raça Humana. Temos cores diferentes, mas somos todos Homens. Todos!

Samora, a quem lançaram cães raivosos, os vende-Pátria, isentos de amor, da fraternidade, lançados a pilhar, a matar, a pilar, a carbonizar os filhos de Moçambique, os filhos de Samora. E queriam com isso dividi-lo do seu Povo. Fazê-lo recuar na luta, emudecê-lo do seu grito de amor; fazê-lo recuar da luta pela liberdade dos Povos, do exercício do Poder do Povo, da Democracia Popular. E porque Samora não recuou, morreu.

Yo! Samora morreu! Com ele morreram a sua voz, a sua inteligência, a sua coragem, o seu conhecimento de cada um que o rodeava, o seu amor pelo Homem! Morreu sem tribo: ganhara todas as nacionalidades. Era filho de Moçambique, cidadão da Terra, cidadão do Planeta ...

Porque firme, decidido, amante da Paz, encontrou a morte em busca da Paz ...

Ah! ... Será que Samora morreu? A sua voz terá silenciado?



O Povo que não morre, de Moçambique, da África, do Mundo, esse Povo que o ouviu, guardará em cada célula o amor de Samora. Transmitirá aos vindouros, em progressão geométrica, as palavras, as crenças, a força, a coragem, o amor, a luta e a vitória de Samora.

Moçambique e a sua História passarão de geração em geração com os ensinamentos de Samora.

A História do Século XX passará de século em século carregando consigo o Gigante Samora.

O Povo que não morre, esse que «escreve no coração» não calará.

Eh, Samora! Como podes tu morrer? O teu corpo foi. Mas tu és eterno porque da idade do mundo o desejo da liberdade. A luta pela liberdade, desde o primeiro Homem continua. Até ao último Homem a luta pela liberdade continua.

E porque esta luta continuará, Samora, és eterno.

Sim! Estarás, estarás sempre presente. E isto é a vida eterna. Ser eterno é isso, meu amigo, meu pai, meu Presidente.

LINA MAGAIA



Samora Machel Morreu um homem ... não os ideais

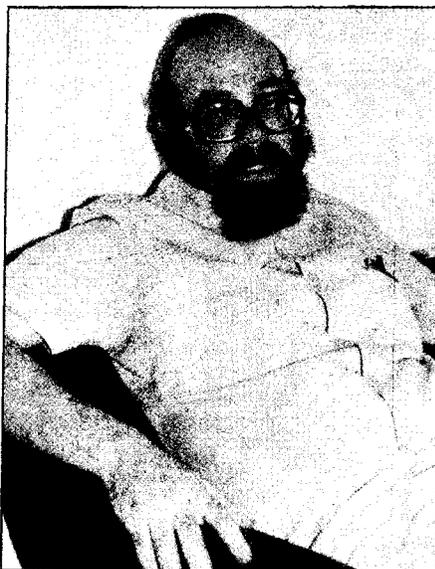
Falecido o Presidente Samora Machel, o momento é de dor, certamente, mas este manto negro que cobre o país tem de dissipar-se, porque o caminho é ainda longo e para todos há carga a transportar. Assim sentem e o disseram inúmeros cidadãos nacionais e estrangeiros, dos quais registámos algumas opiniões e depoimentos. Se matar um homem não é eliminar os ideais, tudo aquilo por que morreu o mais alto dirigente moçambicano «continuará em cada um de nós», como declararam os nossos entrevistados.

Marejavam os olhos de Paul Fauvet quando o contactámos, na AIM, onde labuta. Cidadão britânico, jornalista de profissão e correspondente para os países de expressão inglesa, o nosso interlocutor começou a trabalhar com a FRELIMO em 1970, ainda decorria a luta de libertação.

Visivelmente emocionado, como aliás o afirmou, este cidadão britânico denotava a surpresa com que o colheu a triste ocorrência. Tivemos o privilégio, segundo nos fez saber, de sermos os primeiros a sentarem-se para uma apreciação cuidada do facto.

O estado de consternação que encontrámos, era o mesmo em muitos dos cidadãos britânicos que conosco trabalham. Também, na Grã-Bretanha, os órgãos de comunicação de massas debruçavam-se sobre o assunto de maneira atenta e fraterna, de acordo com informações de Paul Fauvet.

Outro cidadão estrangeiro, homem dedicado a esta terra, disse-nos a propósito do falecimento do mais alto dirigente moçambicano, que «esta morte, tão inesperada como brutal, assume uma na-



Paul Fauvet: «Eu não acredito na ideia de um despenhamento ocasional»

tureza dramática a vários títulos, já pelo que em si mesma representa a perda do homem e do dirigente moçambicano, já também pelo preocupante vácuo que abriu na direcção do país, já até porque, consigo, arrastou um elevado número de vítimas. E algumas destas eram meus amigos pessoais. Trata-se de Fernando Couto, português, e que tem vindo a dar

imensa contribuição na Escola de Jornalismo do país, quer transmitindo a sua experiência, quer investindo aquela instituição de métodos organizativos e administrativos louváveis.

E como estes, sentem igualmente muitos outros estrangeiros que vivem temporariamente ou não em Moçambique, com quem contactámos.

UM SONHO INACABADO ...

O malgrado Presidente Samora Machel, acarinhava os jovens. E estes o amavam. É disso exemplo a fascinação com que deixou Nelson Saúte, estudante na Escola Secundária Francisco Manyanga, ora na 11.ª classe, aquando da visita que Samora fez àquele estabelecimento em 1981.

Nelson conta que estava ainda na sexta classe quando surgiu essa oportunidade de contactar, de perto, com o defunto Chefe do Estado. Conforme declarou «o Presidente



Para Nelson Saúte, o sonho de reencontrar Samora Machel terminou



Durante a sua primeira e derradeira visita de trabalho a Tete: um dirigente carismático

visitou a nossa sala. Foi a primeira de toda a escola». Como que tomado de elucubrações, o nosso interlocutor recorda que «ele entrou a cantar e também assobiava».

Naquele dia, tido como invulgar, o jovem estudante conta que Samora Machel conversou com os alunos durante muito tempo. Ele chamou nove alunos para a frente, entre os quais Nelson Saúte, junto à secretária do professor onde se sentara. Depois de uma conversa com a chefe de turma, o falecido Presidente dialogou com os restantes do grupo.

Segundo o nosso interlocutor, «o Presidente deixou em nós a imagem dos seus infinitos predicados». Opinando que foi «impressionante», o jovem estudante diz ter admirado «desde a farda que trajava à maneira como falava e gesticulava. Depois, a forma como expunha as suas ideias fascinava de tal forma que mereceu comentários prolongados após a visita».

Em Nelson Saúte nasceu então «o desejo de reencontrar o Presidente Samora Machel. Ainda na semana passada, quando comentávamos a última conferência de

imprensa que ele deu em Maputo, eu virêi-me para os meus colegas e disse-lhes que um dia voltaria a encontrar Samora Machel, para lançar-lhe um grande desafio: uma entrevista».

O jovem, sentido, conclui tristemente que «quando soubemos da sua trágica morte, um dos meus colegas disse-me: já não é possível o teu sonho». Saúte acrescenta que só então «comecei a aceitar esta nova e dura realidade: jamais



«É preciso chorar, mas que dessas lágrimas não nasça a lama que nos obstruiria a passagem», Hélder Muteia

reencontrarei Samora Machel. Ele está morto!».

Outro estudante, desta feita um universitário que cursa Veterinária e frequenta já o segundo ano afirmou que, «a morte do camarada Samora Machel é para mim um momento de reflexão. Com Samora aprendemos que o pó a que nos reduzimos após a morte, é só isso e nada mais. Que a verdadeira grandeza de um Homem são os feitos que se alimentam de vontade férrea e obstinação, ao serviço do Povo».

Hélder Muteia de seu nome, este universitário opina que «por isso é preciso chorar, mas que dessas lágrimas não nasça a lama que nos obstruiria a passagem, que nos impediria de avançar. Samora estará sempre entre nós. Dizer Frelimo conotará sempre a sua vida, e a nós resta apenas continuar a luta que ele representou».

DIFÍCIL ACREDITAR!

E a sensibilidade de escritores também se junta ao sentir de todos, quando Pedro Chissano, coordenador da revista literária «Charua», nos fala a propósito da morte do Presidente Samora Machel.

Segundo nos disse, «creio estar mergulhado num sonho. Mas se fosse sonho preferiria ficar e adiar longamente a hora fatal de acordar perante a realidade amarga, num salão enorme cheio de flores, com o povo inteiro chorando a perda irreparável do Presidente amado. Ai, diante dos seus restos mortais, seria forçado a aceitar que Samora morreu. Que não é sonho, é realidade.

Para Eduardo White, poeta, «ninguém pode sentir dor tão maior, como nós moçambicanos, tomados por consternação tão profunda neste trágico momento». O impacto da morte daquele que reunia em si a diversidade do nosso país, também foi estimado de maneira particular por este jovem escritor.



Pedro Chissano: «Se me obrigam a aceitar que o nosso Presidente morreu num despenhamento aéreo em território sul-africano, então direi que Samora caiu em combate na maior trincheira de luta em África, porque ele era combatente da África inteira»

Segundo nos fez saber, «com ele estávamos preparados para tudo, fosse o que fosse e viesse de onde viesse». O nosso interlocutor acrescentou depois que «toda a gente sabe e não me deixa mentir, que nossos piores momentos de crise, na vida política como na económica, bastava que ele nos falasse, que aparecesse em público e com toda aquela espontaneidade nos dissesse alguma coisa, para que em nós se restabelecessem a coragem e, acima de tudo, a vontade de vencer».

Para White, que recorda o Presidente «discursando e de quando em vez intervalando suas palavras



«Com ele estávamos preparados para tudo», Eduardo White

com um assobio ou uma cantiga; com uma oportuna e feliz brincadeira, enfim, com todas aquelas coisas tão originais e inéditas como so pode ver, na verdade, um homem do Povo», é opinião que que «não teremos jamais um homem tão numano, um génio tão infinitamente grande como o nosso saudoso Samora Machel».

Muitos outros tiveram dificuldades de acreditar na morte daquele que foi o primeiro Presidente da República Popular de Moçambique. Foi assim com Abílio Mondlane, que milita na Organização da Juventude Moçambicana e trabalha como escriturário. Para ele, «ao longo de todo o dia 20 de Outubro, esforcei-me por me convencer que estava a sonhar. Mas em cada momento que me apercebia de estar acordado, o desespero tomava conta de mim».

Por sua vez, Mariana Moiana conta que sentiu um misto de espanto e incredibilidade, de tal sorte que «quase ficava paralisada». Como disse, «olhei em meu redor e senti que não tinha quem me consolar: toda a gente estava sentida». Aludindo ao malogrado dirigente moçambicano, a nossa interlocutora declarou que se tratava de um ídolo, um homem carismático.

E nesta linha de incredibilidade e surpresa falaram muitos outros cidadãos por nós contactados. Para todos, esta foi uma partida prematura do Presidente Samora Machel, quando a situação conturbada do país e da região clamam,

imperativamente, pela sua clarividência e vitalidade, já idos...

QUEM GANHA COM A MORTE DE SAMORA?

Só o «apartheid» tem a ganhar com a morte de Samora Machel, como é opinião de operários, de estudantes, de intelectuais e demais trabalhadores. Segundo Carlos Bambo, operário nas oficinas da Tempográfica, «o Presidente era um grande dirigente e líder africano. Para nós moçambicanos era aceite por todos, e o prestígio que ele granjeou fazia com que mesmo os inimigos o temessem».

Questionando «a razão que faz os sul-africanos apressarem-se a declarar que aceitam uma comissão internacional para investigar



Para Mariana Moiana, como demais pessoas, é difícil acreditar na morte do Presidente Samora Machel

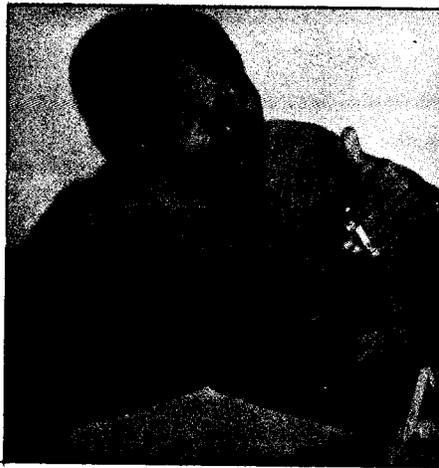
as circunstâncias da ocorrência», aquele operário interrogou: **Qual a pressão que os obriga a tal procedimento?**

Depois opinou que o facto de só terem comunicado o despenhamento do avião no dia seguinte de manhã, sugere que se tenham entregue a uma sofisticada eliminação de vestígios de envolvimento, pela calada da noite. Ressalvando contudo qualquer acusação, salientou que «gostaria que este inquérito não fosse como todos os outros. É preciso que nos digam, de facto, o que aconteceu com o nosso chefe. Só assim saberemos defender os nossos interesses».

Enquanto Hélder Muteia diz que as coisas aconteceram tão de repente e tão obscuramente a ponto de ser difícil, ainda, apreender as bases que conduzam às causas e circunstâncias do despenhamento, ele mesmo refere que «a causa primeira é a vida de luta que levou um homem como ele a expor-se a morrer numa cilada». É mais ou menos isto que afirma Abílio Mondlane, quando declara: — se eu fosse capaz de compreender as causas do despenhamento, talvez estivesse um pouco consolado.

Entretanto, o jornalista Paul Fauvet e Mariana Moiana afirmaram não acreditar «que tenha sido um despenhamento ocasional». O primeiro sublinha que «não posso dissociar a África do Sul deste acontecimento, sobretudo se uma semana antes o regime do apartheid» proferiu ameaças dirigidas à vida do líder moçambicano».

Para ele, «essa coisa de mau tempo de que a África do Sul fala é falsa. Eu no domingo não vi mau tempo nenhum em Maputo». Também, Fauvet considera que «seria coincidência demais esta morte de Machel, quando basta verificar quem ganha com o desaparecimento do Presidente Samora



Abílio Mondlane: «Se ao menos pudesse compreender as causas do despenhamento teria um consolo»

Machel, de Moçambique e da região».

NO CONTEXTO REGIONAL

Se no plano nacional ele «era um homem decidido», unificava o mosaico nacional e transmitia a certeza da vitória e o ímpeto da luta, no contexto regional assim o era igualmente. «O maior estadista da África Austral, o mais influente da SADCC e o mais representativo na luta pela democracia, justiça e igualdade», como o

considerou Paul Fauvet, Samora tornar-se-ia obviamente um alvo dos racistas agonizantes, como opinou Carlos Bambo.

Tal linha de raciocínio passa pela apreciação de duas importantes fases de relacionamento entre Moçambique e África do Sul, após a assinatura do Acordo de Nkomati. É sobre esse aspecto que fala o jornalista moçambicano Joaquim Salvador, atento observador da situação regional.

Para ele, a primeira dessas duas fases é aquela que se pode considerar «o período da graça, em que o Governo moçambicano acredita e cumpre o Acordo de Nkomati». Tal período dura cerca de ano e meio «e mesmo nesse momento começam fortes suspeitas de violações sul-africanas, através da manutenção de logística aos bandidos armados».



«É preciso que nos digam o que aconteceu ao nosso Chefe», Carlos Bambo



O Presidente Samora Machel marchou sempre, pela paz, igualdade e justiça no nosso país e na região

Uma segunda etapa iniciar-se-á com a evidência do envolvimento sul-africano, «que acontece na tomada da Casa Banana, em Gorongosa». De acordo com Joaquim Salvador «faz-se, nesse momento, a evidência de que o Governo sul-africano ou pelo menos facções militares violam o acordo e utilizam o Malawi como factor de desestabilização da zona centro-norte do país».

É ainda dentro desta segunda etapa, e com os acontecimentos nela inseridos, que o isolamento



Os bastidores da Cimeira dos Não-Alinhados em Harare, ainda este ano: uma vitalidade contagiante

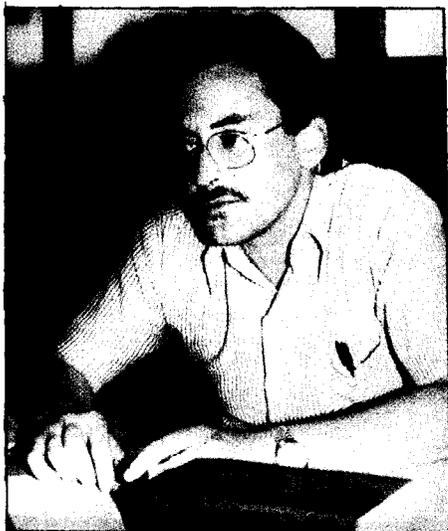
tica, conseguirá reunir a coesão necessária para levar a cabo a ciclópica tarefa de, a um tempo, obter a paz, reconstruir a economia, proporcionar ao povo moçambicano um clima de bem-estar, abundância e felicidade. Ainda que essa tarefa se insira e complementemente a que, a nível mais amplo, se deverá realizar na África Austral.

Para Pedro Chissano, «se Samora partiu de verdade, há todavia uma herança poderosa que deixou para nós: o seu pensamento rico e clarividente que deve ser estudado e continuado. Assim, todas as consequências eventualmente possíveis seriam frustradas. Uma coisa é certa: todos nós sen-

da África do Sul dentro da comunidade internacional se intensifica e alastra, equanto a aplicação de sanções económicas a Pretoria ganha dimensão internacional.

Para que todo este processo tenha ganho o ímpeto que o caracteriza nos últimos tempos «foi importante a posição de Moçambique no seio dos países da Linha da Frente, na SADCC e nos Não-Alinhados, bem como o prestígio do nosso país a nível internacional». Agora, esquecer o papel que o Presidente Samora Machel jogou dentro de todo este processo «seria miopia política», conforme o classificou o nosso interlocutor.

Para Joaquim Salvador «a vitalidade e o pragmatismo do Presidente Samora Machel a este nível foi decisiva, de tal forma que se começa a assistir, talvez pela primeira vez, a uma Linha da Frente



Joaquim Salvador: «Que mais dizer senão que Samora Machel se tornava num alvo a abater?»

Partida prematura



a responder a todos os níveis de exigência da situação na África Austral: política, diplomática, económica e mesmo militar.

Portanto «que mais dizer senão que Samora Machel se tornava um alvo principal a abater?».

PARA FRENTE É O CAMINHO!

«Ocorrendo em plena crise da nação moçambicana — opina Fernando Couto — esta desastrosa perda do seu timoneiro em nada contribui para ajudar a resolver ou sequer a debelar essa crise. Pelo contrário: poderá até agravá-la ou ampliá-la».

Entretanto, como nos fez saber o nosso interlocutor, «acredito e veementemente o desejo, que o patriotismo dos dirigentes moçambicanos, aliando-se à sua maturidade política, formação cívica, preparação técnica e visão pragmá-

tiremos com dor e saudade a ausência física do Presidente Samora».

Este sentimento é comungado por inúmeros cidadãos: nacionais e estrangeiros. Paul Fauvet diz acreditar que «o Comité Central do Partido Frelimo vai tomar as medidas adequadas para colmatar a situação». Como disse «eventualmente se vá ter um período difícil pela frente. Mas, da minha parte, a minha intenção é ficar no meu posto de trabalho e divulgar todas as informações sobre Moçambique, para os países de língua inglesa».

Há o sentimento de que «agora é preciso que nos juntemos, unamos e tornemos num só e indestrutível corpo, para dar realidade e vida aos projectos que com ele arquitectámos», como disse Eduardo White. □



Jornalista Moçambicano Previa

“Samora um alvo possível”

POR CARLOS CARDOSO (AIM)

O jornalista da AIM, Carlos Cardoso, num artigo de 15 de Outubro (quatro dias antes da morte do Presidente Samora Machel) jogando com informações que tinha em mão previa a possibilidade de assassinato do Presidente Samora Machel. Esse artigo, escrito para publicação no exterior, rodou mundo, foi citado, transcrito, comentado e, após a confirmação do trágico acontecimento, tornou-se, indubitavelmente, num artigo histórico. Esta a razão porque o transcrevemos aqui, na íntegra.

A este artigo segue-se um texto reproduzindo declarações de alguns dos sobreviventes do trágico despenhamento, que acusam as autoridades sul-africanas de não terem prestado assistência imediata a alguns dos feridos, preocupando-se antes em recolherem pastas com documentos espalhados pelo local. Um terceiro texto, dá conta das reacções internacionais às circunstâncias da queda do avião em que morreu o Presidente Samora Machel.

O Presidente Samora Machel poderia vir a ser um dos alvos da hierarquia militar sul-africana no caso de as forças armadas da África do Sul concretizarem a ameaça de Malan de uma agressão directa a Moçambique.

Observadores em Maputo afirmam que o assassinato do líder moçambicano parece estar na agenda dos chefes militares sul-africanos, havendo já alguns indícios públicos disso.

Na sua ameaça a Moçambique, terça-feira da semana passada, o Ministro da Defesa da África do Sul, Magnus Malan, declarou: «Começa a parecer que o Presidente Machel perdeu o controlo da situação». Mais adiante, Malan ameaçava que se o Presidente moçambicano «escolher o terrorismo e a revolução a África do Sul reagirá adequadamente».

Toda a ameaça de Malan era dirigida contra Samora Machel, ao

contrário do que acontecia no passado quando ataques verbais dos chefes militares sul-africanos eram dirigidos ao Governo moçambicano ou a Moçambique.

Quarta-feira da semana passada, o Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Ron Miller — um político conotado com a facção militar do regime sul-africano — reiterou as ameaças de Malan, apondo também o dedo ao líder moçambicano.

Seguiu-se então uma campanha na imprensa, rádio e televisão sul-africanas com dois sentidos fundamentais: contra Samora, e por uma intervenção directa das forças armadas da África do Sul em Maputo.

A rádio do Governo, a SABC, por exemplo, divulgou amplamente uma notícia de fontes duvidosas que procuravam implicar directamente Samora Machel com o grupo armado FP-25 de Portugal,

presentemente com membros seus a serem julgados em Lisboa acusados da prática de terrorismo, sem dúvida, um passo no sentido de equacionar Samora Machel com pessoas como o Coronel Kadhafi que, aos olhos do Ocidente, surge como um «promotor do terrorismo internacional», sem dúvida uma forma clássica de fazer anteceder um assassinato por uma campanha de propaganda que leve a aceitação pública do assassinio.

No outro sentido, o da intervenção directa, há inúmeros exemplos.

O jornal governamental «Citizen», de Joanesburgo dizia sexta-



General Malan

«Toda a ameaça de Malan era dirigida contra Samora Machel, ao contrário do que acontecia no passado quando ataques verbais dos chefes militares sul-africanos eram dirigidos ao Governo moçambicano ou a Moçambique»



«Slovo não vive em Maputo e as suas visitas a esta cidade são do domínio público, ao contrário da aura de clandestinidade com que a imprensa sul-africana tem rodeado a ligação Slovo-Maputo»

-feira haver na capital moçambicana alvos do ANC claramente identificáveis que podiam ser «atacados» pelas forças armadas da África do Sul, sugerindo assim que tal viesse a acontecer.

Domingo, dois artigos no «Sunday Times» de Joanesburgo, faziam acentuar em Maputo esta leitura das ameaças sul-africanas.

Um dos artigos dizia que Joe Slovo, líder do Partido Comunista da África do Sul e Chefe do Estado-Maior do Umkhonto We Sizwe — braço armado do ANC — «reside permanentemente em Maputo há dois anos».

No passado, todos os raids sul-africanos a Maputo foram antecedidos de campanhas de preparação da opinião pública sul-africana e internacional baseadas em acusações sobre a existência de «bases do ANC» na capital moçambicana e sobre a presença de Slovo em Maputo.

Slovo não vive em Maputo e as suas visitas a esta cidade são do domínio público, ao contrário da aura de clandestinidade com que a imprensa sul-africana tem rodeado a ligação Slovo-Maputo. Numas das suas últimas passagens pela capital de Moçambique, ele

deu uma palestra sobre a sua mulher, Ruth First, assassinada em 1982 pelos Serviços de Inteligência Militar da África do Sul. No fim da palestra ele foi cumprimentado por muitas pessoas, entre elas o Sr. Paterson, representante comercial do Governo de Pretória em Maputo.

Mas o mesmo artigo ia mais longe. Afirmava que «fontes sul-africanas dizem que Slovo, operando do seu apartamento na Avenida Julius Nyerere, está de novo por detrás do aumento das actividades terroristas do ANC».

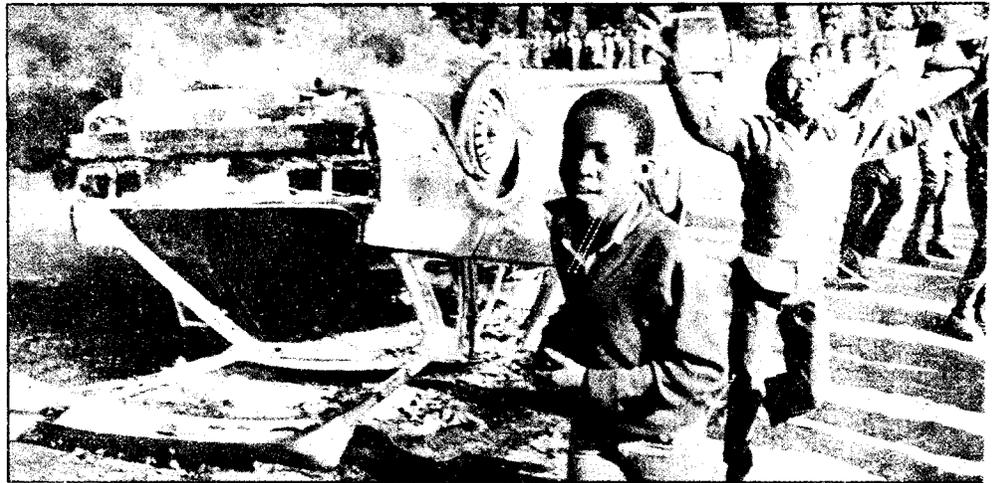
Acontece que quem vive e trabalha na Julius Nyerere — que possa ter algum significado para Pretória — é o próprio Presidente Samora Machel.

No que diz respeito a um ata-

operações lançadas pelos bandidos armados, dizendo que as suas acções têm aumentado substancialmente para concluir: «é claro que é a RENAMO a ditar o curso da guerra».

E depois adiantava: «analistas militares sul-africanos afirmam que as hipóteses, a curto e médio prazos, de a RENAMO conquistar um lugar num futuro Governo moçambicano ou de obter uma vitória militar total, são excelentes».

A anteceder isto, houve trabalho semelhante no resto da imprensa do «establishment» sul-africano — já não mais liberal desde a imposição da censura —, com o mesmo tom: o Governo de Moçambique está para cair. O general Malan viria a afirmar quarta-feira



«Quanto à tese de Pretória de que o perigo para o regime vem de fora — «bases do ANC» em Moçambique ou no Zimbábue — ela tem poucas possibilidades de surgir no Ocidente agora que o vulcão popular interno não dá mostras de poder apagar-se sem o fim do apartheid»

que directo a Maputo, este artigo dizia, entre outras coisas, que «Pretória ... insiste que o ANC está a operar impunemente a partir da capital moçambicana».

O artigo, assinado por Stephan Terblanche — pessoa ligada à Inteligência Militar, segundo fontes sul-africanas —, citava fontes militares sul-africanas e dizia: «Estima-se que a curto e médio prazos a RENAMO possa forçar o Governo de Machel a aceitar uma coligação».

O mesmo Terblanche escrevia, num outro artigo publicado na mesma edição do «Sunday Times» que, «de dia para dia a RENAMO está a ganhar a guerra». O articulista citava números — fornecidos pela Inteligência Militar — de

ra que «Moçambique está à beira do colapso».

Dedução lógica: para que isso aconteça basta que as forças armadas da África do Sul intervenham directamente ou aumentem ainda mais o seu apoio aos bandidos armados do MNR. É esta a mensagem que tem aparecido nos principais órgãos de informação da África do Sul. A correspondente da AIM em Joanesburgo confirmava segunda-feira que «a imprensa sul-africana criou este fim-de-semana um certo estado de espírito de que o Governo moçambicano está para cair».

A vida em Maputo decorre normalmente, isto é, sob as condições anormais de enormes dificuldades a que as pessoas se foram habi-

tuando e que já produziram um anedotário muito razoável. À noite, as pessoas juntam-se em casas de amigos com televisão para se deliciarem com o português «sui generis» do Coronel Odorico, a principal figura da telenovela brasileira «O Bem Amado» e a cidade acaba de festejar a subida de Moçambique ao Grupo «A» do hóquei mundial após a vitória por 3-0 sobre a Colômbia.

Quanto à guerra, ela voltou a ser «lá mais para norte». Notícias provenientes da Zambézia e de Tete dão conta da autêntica invasão que se operou a partir do Malawi nas últimas três a quatro semanas e que levou o Presidente zambiano Kenneth Kaunda a afirmar, domingo, após uma cimeira da Linha da Frente em Maputo, que se devia agradecer a Moçambique o facto de ter sido até aqui «tão paciente com o seu vizinho Malawi».

Digo «lá mais para norte» porque a situação militar e de segurança em Maputo melhorou substancialmente desde Março deste ano quando os bandidos armados sofreram algumas dezenas de mortos em incursões na zona periférica da cidade. A única «agitação» palpável na capital foi causada pelo anúncio sexta-feira e sábado de que «um grupo de comandos» proveniente da África do Sul já se tinha infiltrado para preparar uma acção directa pelas forças armadas da África do Sul.

Há também uma nova preocupação: o ressurgimento de acções de sabotagem sul-africanas contra a linha férrea Maputo - África do Sul.

Observadores em Maputo examinam a campanha de propaganda sul-africana precisamente à luz desta falta de ataques espectaculares por parte dos bandidos armados. Uma fonte governamental disse à AIM que «a Operação Maputo lançada pela África do Sul em 1984 falhou e agora querem envolver directamente as suas forças armadas».

Em Janeiro e Fevereiro de 1984, antes da assinatura do Acordo de Nkomati, e em violação de um «gentlemen's agreemen» entre os Governos moçambicano e da África do Sul, Pretória «despejou» cer-

ca de 2 mil bandidos armados a partir do leste do Transvaal directamente — e pela primeira vez — para a província do Maputo. O objectivo, segundo os dirigentes moçambicanos declararam na altura, era lançar um processo desestabilizador militar e psicológico em redor e dentro da capital, processo esse que levasse à queda do governo.

Até princípios de 1986 Maputo viveu realmente dias de preocupação profunda, com cortes frequentes da linha de Alta Tensão que transporta energia de Komatiport para Maputo, e com acções terroristas regulares nas zonas da Matola e Machava. Seguiu-se a colocação de minas nas praias e outros locais públicos da cidade. Mesmo nessas alturas a cidade não entrou em pânico e, actualmente, a situação é muito mais estável.

O que hoje preocupa os analistas locais é o conjunto de ameaças proveniente de Pretória. No passado, tais ameaças foram sempre seguidas de ataques directos, incluindo pela Força Aérea sul-africana.

Mais preocupante ainda é a possibilidade de, face à actual capacidade do ANC e do movimento de massas dentro da África do Sul, os chefes militares como Malan, Van Der Westhuizen, Viljoen e outros terem finalmente imposto a sua linha de pensamento e resolvam remover aquele que sem-

pre consideraram ser o maior obstáculo a uma África Austral em hegemonia sul-africana: O Presidente Samora Machel.

Qualquer ataque a Maputo que tenha por objectivo substituir o Governo moçambicano por um outro cliente de Pretória, ou qualquer acção militar que vise acentuar tragicamente a desestabilização de Moçambique no plano da condução política do país, tem de tomar em conta a necessidade de impedir um reagrupamento da Frelimo na mata para o lançamento de uma segunda guerra de libertação tem, portanto, que eliminar o homem que é o símbolo da resistência vitoriosa anticolonial e anti-rodésiana, e da actual luta política anti-apartheid em Moçambique: Samora Machel.

Que as chefias militares sul-africanas nunca aceitaram o acordo de Nkomati é hoje do conhecimento público. Os documentos da Gorongosa tornaram isso muito claro. Mas o equilíbrio em Pretória entre políticos pró-Nkomati e militares anti-Nkomati baseava-se no argumento falacioso, bastante alimentado pelo Ocidente, de que o pragmatismo de Samora Machel era, não a prática política do seu fortíssimo sentido de soberania e independência, mas a sua «inclinação» para o clientelismo em relação ao Ocidente — e, por tabela, a Pretória. Durante muito tempo, depois de Nkomati e particularmente após a visita de Samora Ma-

«Até princípios de 1986 Maputo viveu realmente dias de preocupação profunda, com cortes frequentes da linha de Alta Tensão que transporta a energia de Komatiport para Maputo, e com acções terroristas regulares nas zonas da Matola e Machava. Seguiu-se a colocação de minas nas praias e outros locais públicos da cidade»





«Durante muito tempo depois de Nkomati e particularmente após a visita de Samora Machel aos EUA em 1985 a imprensa sul-africana e ocidental apresentaram um presidente moçambicano pró-ocidental»

chel aos EUA em 1985, a imprensa sul-africana e Ocidental apresentaram um Presidente moçambicano pró-Ocidental» deseioso de encontrar um «patrão» algures entre Londres e Washington. Foi a fase dos elogios ocidentais ao líder moçambicano, inclusive, dos elogios de Pretória.

Mas todo o projecto hegemónico de Pretória que homens como Pik Botha pretendiam reconquistar pela via negocial, se esfumou. Samora Machel continuou a ser pró-moçambicano, ou seja, rejeitou a «acomodação política» com os bandidos armados que Pretória e alguns Governos Ocidentais tentaram (e tentam) impor como via para o fim da experiência de soberania de Moçambique, rejeitou aliar-se ao apartheid, e rejeitou desnacionalizar a Saúde, a Educação, a Terra, tidas como conquistas básicas do processo popular moçambicano e garantia da soberania.

Rompe-se, então, o equilíbrio entre «militares» e «políticos» — passe o simplismo da dicotomia. Cada vez mais analistas moçambicanos apontam para este facto: O poder político das chefias mili-

tares sul-africanas reside precisamente no facto de elas chefiarem processos de guerra e desestabilização, implicando um peso enorme no processo decisional de Pretória ao mais alto nível. Por outras palavras, sem a desestabilização de Moçambique, e de outros países da Zona, sem a ocupação militar da Namíbia e de parcelas do território angolano, sem a condução de acções de chantagem económica pela inteligência militar, os chefes militares perderiam o poder político em Pretória, ficariam desempregados. As guerras de agressão e desestabilização são, portanto, também produto de uma situação política específica dentro dos círculos de poder na África do Sul.

Hoje, Malan e os seus colegas nas Forças Armadas da África do Sul, parecem apostados numa operação que remove não só o obstáculo Samora Machel como o obstáculo que é a tentativa moçambicana de criar, no Terceiro Mundo, mais um estado soberano, independente, democrático e popular, um estado cujas decisões, correctas ou erradas, sejam tomadas na sua capital. É assim que mui-

tos moçambicanos analisam as mais recentes ameaças sul-africanas.

Há também a considerar a questão das sanções contra a África do Sul. No caso de elas virem a ser aplicadas Pretória tem que garantir que os estados do Norte continuem dependentes das suas linhas férreas e portos. Torna-se pois necessário eliminar a possibilidade da criação de estabilidade ao longo das linhas férreas moçambicanas.

Quanto à tese de Pretória de que o perigo para o regime vem de fora — «bases do ANC» em Moçambique ou no Zimbabwe — ela tem poucas possibilidades de singrar no Ocidente agora que o vulcão popular interno não dá mostras de poder apagar-se sem o fim do apartheid. Mas estas ameaças são, sem dúvida, mais uma tentativa de colar os governos ocidentais a essa tese.

Poucos países no mundo tiveram o seu nascimento como nações tão conturbado como Moçambique. Guerras de agressão, calamidades naturais sucessivas e vários erros graves de governação têm marcado a história moçambicana nos últimos onze anos mas não fizeram cair o Governo. E qualquer crise política que tenha afectado o Partido Frelimo não se traduziu pelas tradicionais lutas pelo poder e golpes de Estado que têm marcado a ascensão de África a um conjunto de nações unificadas e estáveis. Tirada a prova dos nove é um exemplo raro na história da criação das nações.

Mas a história da Frelimo encerra um exemplo do que procurei desenvolver neste artigo. Quando o regime colonial fascista português, em fins de 1968, começava a sentir que lhe fugia a condução do processo em Moçambique, deu-se, dentro de escassas semanas, o assassinato do Presidente Mondlane. As forças que o assassinaram procuravam, na eliminação do líder, eliminar as raízes da resistência anticolonial. Falhas de imaginação e verdadeiras a sua natureza criminosas, forças idênticas parecem hoje apostadas em fazer o mesmo na figura de Samora Machel. □



Falta de assistência imediata fez aumentar número de mortos?

● Sobreviventes falaram à Informação



Da esquerda para a direita: Daniel Cuna, Fernando Manuel João e Almeida Pedro, quando falavam à informação

Alguns dos acompanhantes do Chefe do Estado moçambicano, no voo em que o Presidente Samora Machel perdeu a vida, poderiam ter sido salvos se os sul-africanos que primeiro chegaram ao local onde se encontravam os destroços do avião tivessem providenciado de imediato a necessária assistência em vez de se terem preocupado em recolher pastas com documentos, papéis e dólares, pertencentes à delegação.

momento em que peritos moçambicanos, sul-africanos e soviéticos prosseguem com o inquérito para apurar as causas da queda do avião presidencial e do seu despenhamento em território da África do Sul.

Os sobreviventes — Fernando Manuel João, Almeida Pedro e Daniel Cuna — ainda visivelmente combalidos narraram a forma como decorreu a viagem até à altura em que a hospedeira Orlanda «comunicou-nos que estávamos para aterrar em Maputo».

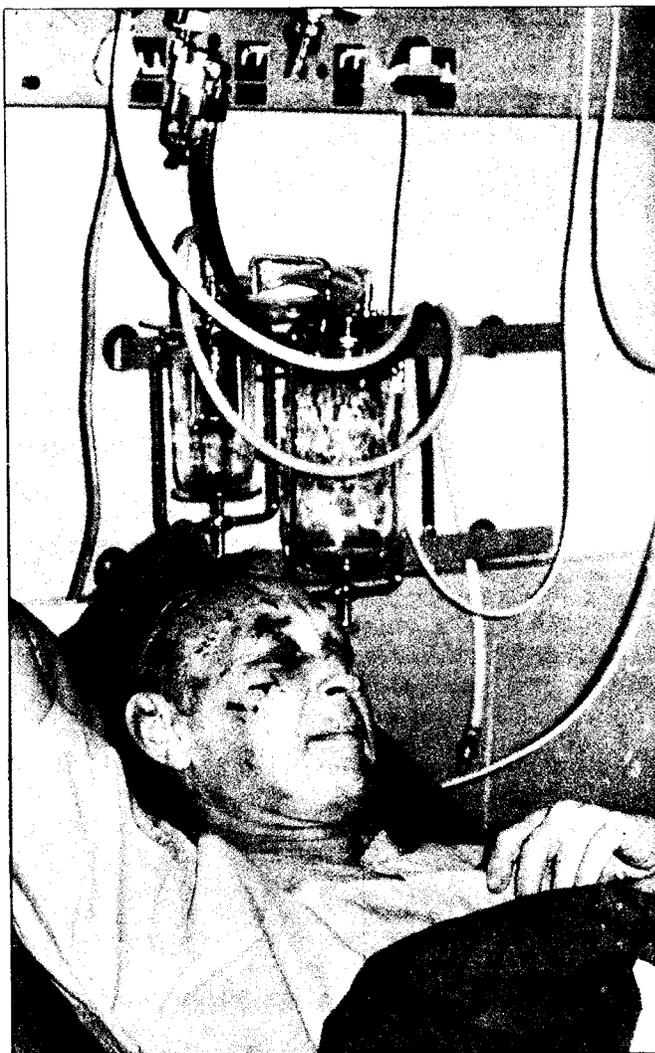
Esta é a primeira conclusão a tirar das afirmações feitas por três dos sobreviventes durante uma conferência de Imprensa realizada no passado dia 26 de Outubro findo, em Maputo, num

Conta Fernando Manuel João que «quando o avião afocinhou» a cauda partiu-se e ele foi cuspidado juntamente com a cadeira em que vinha sentado. Conseguiu desaperstar o cinto que o prendia à cadeira e manteve-se de pé alguns minutos após o que desmaiou. Quando recuperou os sentidos, devido à acção do frio e da chuva que se faziam sentir, avistou uma casa com luzes acesas. Quando se dirigia para lá, as luzes apagaram-se e só ao segundo contacto com residentes no local conseguiu ser levado ao induna, que se limitou a fazer-lhe um prolongado interrogatório. É pouco depois que lhe aparece o capitão Rendição muito ferido. Juntos caminharam 15 quilómetros até ao posto de socorros onde receberam os primeiros tratamentos. Ali existia um rádio através do qual foi comunicado com Komatipoort donde veio o chefe da polícia que, deixando os feridos no posto, se deslocou ao local onde o avião se havia despenhado, voltando mais tarde.

Informou Fernando Manuel que às 6 horas apareceu uma ambulância para os levar para o hospital mas que ele disse que «não posso ir sem ver o local onde caímos», acrescentando que «a minha preocupação foi de saber da vida do Comandante-Chefe». Infelizmente, estava morto.

Foi então que, perante o desinteresse dos sul-africanos presentes em socorrerem os feridos, Fernando Manuel João procurou salvar alguns companheiros que se encontravam entalados na chaparia. A seu pedido, o chefe da polícia mandou vir um helicóptero para transportar feridos para o hospital, mas quando começou a perder as forças, ele próprio viria a ser transportado de ambulância para o hospital.

Por sua vez, Almeida Pedro, que desmaiou quando se deu o embate do avião no solo, diz que depois de ter recuperado os sentidos procurou socorro em vão e que os polícias sul-africanos que apareceram mais tarde com lanternas não se preocuparam em socorrer os feridos mas sim em apanhar papelada, pastas e dinheiro que se encontravam espalhados pelo local.



Vladimir Vonosselov, único tripulante sobrevivente, quando se encontrava internado num hospital de Pretória. (Ver mais informação sobre este tripulante na página 40)

Um dos polícias aproximou-se de Almeida Pedro e perguntou-lhe se conhecia a cara do Presidente Samora Machel. Perante a resposta de que não estava em condições de fazer o reconhecimento, procurou outro sobrevivente e foi Carlos Jambo quem lhes indicou onde se encontrava o corpo do Chefe do Estado moçambicano.

Entretanto, continuaram a recolher pastas e papéis que liam e metiam dentro do carro, tendo um dos sul-africanos, que falava português, dito para não se preocuparem que iriam mandar tudo para Maputo.

Diz ainda o mesmo sobrevivente que os sul-africanos «quando chegaram não prestaram socorro. Ouvi gritos e houve pessoas que

morreram por falta de assistência», enquanto apanhavam papéis.

Perante estas afirmações dos sobreviventes, pode-se perguntar quais as verdadeiras intenções dos primeiros agentes da autoridade sul-africanos a chegarem ao local onde o avião se despenhou. Mas, quaisquer que tenham sido e sem que se pretenda tirar conclusões precipitadas, não ficam dúvidas, se elas ainda existissem, sobre a desumanidade de um regime que permite não prestar assistência imediata a feridos nas condições descritas.

Mais ainda: Que permite que os suspeitos autores desta barbáridade possam não ser acusados de crime de homicídio e como tal julgados. □



"Até prova em contrário eu acuso-os abertamente!"

● **Presidente Kaunda em Lusaka, apontando a África do Sul como responsável pela morte de Samora Machel**

Para a morte prematura que arrancou do seu povo o Presidente Samora Machel, a 19 de Outubro passado, individualidades de vários pontos do mundo e personalidades aqui radicadas apontam a África do Sul como responsável por aquilo que qualificaram de «bárbaro e covarde crime». Homem coerente e de grande prestígio internacional, Samora Machel embarçava o regime do «apartheid», o qual se abateu sobre a sua vida em retaliação pelo crescente isolamento internacional.

As reacções internacionais começaram pouco tempo depois que foi anunciada a morte do Presidente Samora Machel na sequência do despenhamento do avião em que viajava de regresso a Maputo. O Líder moçambicano regressava de uma cimeira próximo do Lago Tanganyika, em Mbala, na Zâmbia, com os Presidentes Kenneth Kaunda, do país anfitrião, José Eduardo dos Santos, de Angola, e Mobutu Sese Seko, do Zaire.

Ponderadas as circunstâncias da queda do avião, embora não existindo ainda dados da comissão de inquérito que sustentem a acusação, muitos foram aqueles que declararam não ser possível dissociar a África do Sul da queda fatal do avião presidencial.

Kenneth Kaunda, actual Presidente em exercício dos países da Linha da Frente, pronunciou-se, com os olhos vertendo lágrimas sentidas, em termos duros contra a África do Sul, a quem acusou de terem perpetrado um crime contra a vida de Samora Machel. Conforme disse, «eu acuso-os aber-

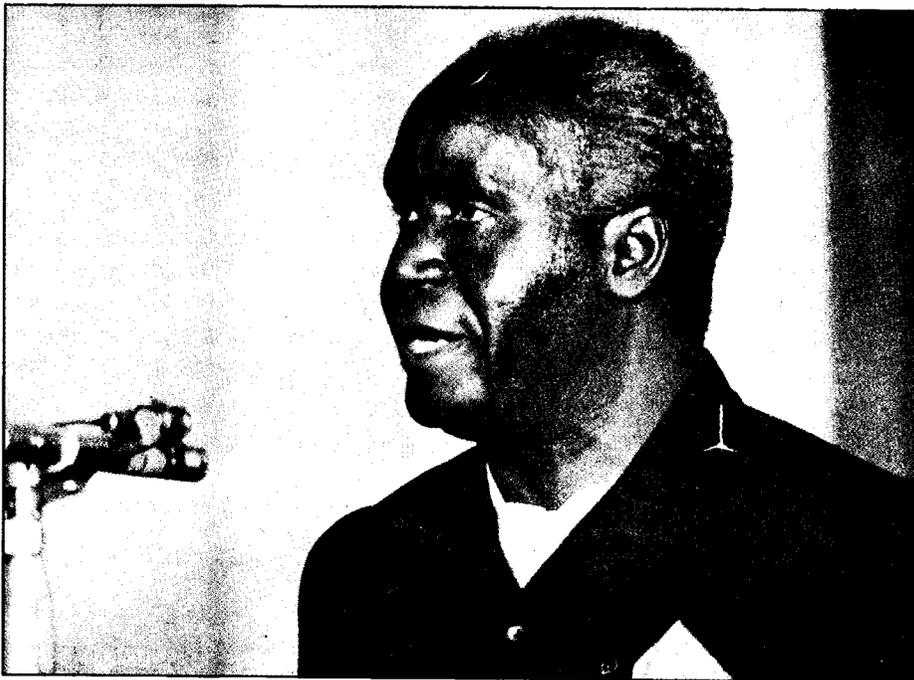
tamente», acrescentando que estarão no banco dos réus até prova em contrário.

De igual modo, Robert Mugabe, Primeiro-Ministro do Zimbabwe e

Presidente em exercício dos Não-Alinhados, realizou vários encontros com cidadãos do seu país em que acusou Pretória pela morte do Dirigente moçambicano. Canaan Banana, Chefe do Estado zimbabweano, repetiu, por sua vez, tal acusação.

Em Angola, o Presidente José Eduardo dos Santos realizou um comício em que o povo denunciou e condenou o crime que considerou ter levado ao despenhamento do avião presidencial. Ao mesmo tempo, o Ministro do Interior prestava declarações em Maputo, referindo que todos os dados apontam para os racistas.

No Gana, Jerry Rawlings afir-



○ Presidente Kenneth Kaunda foi um dos primeiros a acusar a África do Sul



Para o Presidente Canaan Banana (à esquerda) e o Primeiro-Ministro Robert Mugabe (em cima), do Zimbábue, por detrás do acontecimento esconde-se um crime de Pretória

mou que «a morte de Samora Machel ocorre em circunstâncias misteriosas e no contexto da luta contra as forças do imperialismo e do «apartheid».

ATENTADO À ÁFRICA INTEIRA

Este sentimento não ficou apenas pela África Austral, zona quente e onde reside a tensão e a confrontação directa com o «apartheid». Estendeu-se por África inteira.

De Burkina Faso, chega-nos a denúncia do capitão Thomas Sankara, numa posição vigorosa de acusação. Rejeitando as hipóteses veiculadas pela África do Sul de que se trataria de um erro de pilotagem ou efeito de mau tempo, o dirigente daquele país africano disse que o avião caiu em consequência de um plano deliberado preparado pelo regime de Pretória. Ele falava num comício que culminava uma manifestação popular de repúdio ao crime e de solidariedade para com Moçambique.

Atitude idêntica havia já sido registada no Zimbábue, onde os estudantes universitários e de escolas politécnicas enfurecidos pela notícia marcharam pelas ruas empunhando dísticos e cartazes e gritando que «alguém terá de pa-

gar pela morte do camarada Samora Machel». Na ocasião atacaram instalações da companhia aérea sul-africana sediada em Harare e os do alto comissariado malawiano. No Botswana e na Zâmbia, os estudantes realizaram igualmente marchas de protesto, só que desta feita foram pacíficas e não violentas.

Ainda de África, o Uganda e a Líbia ergueram-se veementemente contra a África do Sul, a quem acusaram de ter perpetrado criminosamente a tragédia. O Partido Socialista Bath, do Sudão, também se pronunciou nestes termos, ao lado das posições de denúncia e condenação assumidas também pelo ANC da África do Sul e pela OLP. Este movimento de libertação, através do Presidente do seu Comité Executivo, considerou o acontecimento «crime do diabólico regime da África do Sul».

E o resto do mundo suspeita e acusa, também, juntamente com os africanos o regime.

O resto do mundo suspeita e acusa, também, juntamente com os africanos. Para o Irão, de acordo com o seu Presidente, as alcargações de Pretória de que se trata de «acidente» ocasional apresentam sinais duvidosos. O Secretário-Geral da Commonwealth, Shridath Ramphal, sublinhou que «a

morte de Machel foi uma consequência da política governamental sul-africana de desestabilização dos Estados da Linha da Frente».

É assim que jornais americanos, britânicos, franceses e indianos se referiram ao acontecimento com destaque, imputando a Pretória a responsabilidade do trágico acontecimento. Esse é o caso do «Washington Time» e do «Sun», de Baltimore, que sustentam as suas acusações nas recentes ameaças proferidas pela hierarquia militar sul-africana contra o nosso país e a vida de Samora Machel.

Outros exemplos são os «The Independent», britânico, que escreveu ser a África do Sul «culpada da morte do Presidente Machel» e do «L'humanité» que descreveu como inscrevendo-se na estratégia de desestabilização promovida pela África do Sul. Outros jornais que adoptaram igual posição foram o «Times of India» e o «Hindustan Times», ambos indianos, que se referem particularmente à hostilidade de Pretória em relação ao Governo e pessoa de Samora Machel.

COINCIDÊNCIA DEMAIS

A 17 de Outubro corrente, dois dias antes da tragédia, a AIM pu-

blicou um artigo no qual denunciava que o Presidente Samora Machel poderia ser um alvo de assassínio, face às ameaças da hierarquia militar sul-africana. (Ver artigo na pág. 84)

Declarações de Magnus Malan, Ministro sul-africano da Defesa, tentavam a todo o custo e contra a evidência dos factos, acusar Samora Machel de acolher bases do ANC em Moçambique. Também, com testemunhos falsos e argu-

Esta era, a juntar a outras e diversas declarações com a mesma tónica, uma campanha de propaganda destinada a criar um perfil psicológico favorável a um ataque a Moçambique e ao assassinato do Presidente Samora Machel. Esta campanha assente em duas linhas fundamentais: oposição ao Líder moçambicano, e um clamor por uma intervenção a Moçambique, só pode deixar transparecer duas leituras possíveis.



Aspecto da visita de Thomas Sankara, dirigente de Burkina Faso, a Moçambique em 1984. O capitão Sankara dirigiu um comício no seu país, no culminar de uma marcha de condenação ao regime de Pretória e de solidariedade com Moçambique

mentos inconsistentes, a SABC, corporação estatal de rádio e televisão de Pretória tentou em vão implicar o já falecido estadista nas actividades do grupo armado FP-25, de Portugal.

Tudo isto deve ser visto à luz das declarações de Malan de 7 de Outubro último, nas quais afirmava que o dirigente moçambicano «perdeu o controlo da situação» no país e que assim sendo teria de escolher entre «a paz e a confrontação», como escreveram alguns jornais conotados com o regime. Exemplo desses órgãos foi o «Citizen», jornal governamental, um diário que em 10 de Outubro clamou pela intervenção sul-africana em Moçambique, para atacar alvos do ANC que alegou existirem em Maputo.

Para Jerry Rawlings, do Gana, a morte de Samora Machel inscreve-se no plano geral de desestabilização da região pela África do Sul



Uma, a de que a estratégia de desestabilização através de grupos fantoches não obstante os danos e atraso em que se tem saldado para o país, não oferece a segurança de um triunfo. Aliás, tal ilação pode ser feita a partir dos comentários que o serviço em língua portuguesa da estação radiofónica RSA tem vindo a repetir nos últimos tempos, segundo os quais as forças em Moçambique e em Angola estão equilibradas aos grupos de bandidos que a soldo do racismo, devassam ambos os países, pelo que, sugerem, as conversações seriam a solução.

Outra, seria a de que encontrando em Samora Machel uma figura política de estatura regional e internacional, estaria eliminado com a sua morte um obstáculo às tentativas da diplomacia, forças armadas e serviços de segurança sul-africanos para impedir a aplicação de sanções económicas cada vez mais generalizadas e perpetuar o regime. Também, uma vez implementadas as sanções económicas contra o regime de Pretória, os países do «hinterland» na região teriam em Moçambique a sua saída natural para o mar, subtraindo-se assim a qualquer bloqueio sul-africano.

CAUSAS PRÓXIMAS

Para entender as circunstâncias do acontecimento é preciso analisar que nos últimos tempos,



O Presidente Samora Machel tombou em solo sul-africano, ao lado de outras vítimas do «apartheid» face à intensificação da contestação da sua política segregacionista

o Presidente Samora Machel e os líderes da Linha da Frente estavam envolvidos numa acção enérgica para assegurar a actividade do «Corredor da Beira» contra o que a África do Sul havia incrementado através de sabotagem através dos bandidos armados. O «Corredor da Beira» poderia romper com a dependência à África do Sul dos países do «hinterland», tornando efectivas as sanções económicas.

Ao mesmo tempo, crescia o isolamento do regime de Pretória pela comunidade internacional, intensificando-se o boicote económico, financeiro e político à África do Sul. No interior do seu país, a irreversível contestação popular a que uma brutal violência não consegue pôr cobro concorreu, também, para que o desespero se abatesse sobre as autoridades sul-africanas levando a uma desestabilização generalizada, militar e económica, na região, e contra Moçambique e Angola especialmente.

Vendo a hegemonia furtar-se-lhe quando o Presidente Samora Machel joga importante papel na persuasão do Zaire para, colocando-se ao lado dos interesses regionais, da África e da humanidade, juntar-se às sanções contra Pretória usando os portos angolanos e a via férrea de Benguela,

depois de ter apelado ao Malawi para parar o apoio que presta à desestabilização de Moçambique, a África do Sul não se detém perante a barreira moral planeando e executando a eliminação física daquele que considera o principal impulsionador da «rebeldia» na região: Samora Machel.

ACIDENTE OU CRIME?

A ideia alardeada pela África do Sul de que o avião presidencial terá caído em consequência de um acidente ocasional tem estado fora das hipóteses de observadores atentos. Enquanto uns defendem que em caso de sabotagem ou ataque à aeronave, os autores apenas podem ser encontrados entre os sul-africanos, outros acreditam na possibilidade de uma interferência nas comunicações com a torre de controlo, anulando-as e atraindo o avião para uma pista inexistente em território sul-africano.

Aliás, foi confirmado pela AIM junto a um oficial norte-americano que pediu o anonimato, que a África do Sul possui equipamento capaz de mudar a rota de um avião. Um rádio-farol falso, deli-

beradamente criado pode ser instalado desviando assim uma aeronave. Mas, segundo um observador por nós contactado, a caixa negra do avião caiu em território sul-africano. Será que nada há a temer quanto a isto?

Os «acidentes de avião» não são novos na história da luta pelo progresso. Omar Torrijos, comandante-chefe da guarda nacional do Panamá assim morreu, depois que reivindicou a restituição do canal do Panamá à propriedade do seu país. De igual modo, Haime Roldos, Presidente do Equador, foi vítima deste tipo de «acidente» por obstinadamente se pronunciar e agir pelo apoio às lutas populares da Nicarágua e El Salvador. Também, o General Raphael Moyos Rubios, chefe das tropas terrestres do Peru, encontrou a morte em semelhantes circunstâncias, por causa do seu nacionalismo cujo intento era introduzir na política económica do seu país.

Hoje, a história repetiu-se, como consideraram individualidades várias por nós contactadas, e outro «acidente aéreo», mais um, tirou prematuramente para sempre Samora Machel do seu povo. □



Linha da Frente Prosseguir com os ideais de Samora



Leitura do Comunicado Final pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros da Zâmbia, L. Mwanashiku: «A luta irá continuar, de uma forma mais vigorosa». (Foto: Nafta Ussene)

Os Chefes de Estado e Governo dos países da Linha da Frente, presentes nas cerimónias fúnebres do Presidente Samora Machel, reuniram-se em Cimeira em Maputo no passado dia 29 de Outubro findo. Na declaração final lida logo após o encontro, ficou expressa a garantia de continuidade do apoio destes países à RPM, na prossecução do combate pela eliminação do apartheid, luta na qual afinal pereceu «o líder dos líderes»: Na abertura do encontro, Kenneth Kaunda afirmou que «a história nunca nos perdoará se não seguirmos os seus passos»

A Cimeira da Linha da Frente, realizada no dia seguinte ao das cerimónias fúnebres do Presidente Samora Machel, teve a participação dos Chefes de Estado de Angola, José Eduardo dos Santos,

do Botswana, Quett Masire, da República Unida da Tanzânia Ali Hassan Mwinyi, da Zâmbia, Kenneth Kaunda, do Primeiro-Ministro do Zimbabwe, do membro do BP do Partido Frelimo, Marcelinho

dos Santos, bem como dos líderes dos movimentos de libertação da África Austral. Intervindo na abertura do encontro, Kenneth Kaunda, Presidente em exercício da Linha da Frente, afirmaria que «encontramo-nos aqui para prestar homenagem ao grande líder de África «que foi Samora Machel, a quem classificou de «homem dotado».

No seu conjunto, a intervenção de Kenneth Kaunda seria o testemunho da imensa admiração que Samora Machel soube, através da sua acção consequente, conquistar no mundo não só para si como para o país cujos alicerces em

muito ajudou a erguer: «Ele ultrapassou África», ganhando uma dimensão universal. Na afirmação de que «Samora Moisés Machel jaz morto na Praça dos Heróis mas a sua alma continuará a marchar connosco» está a manifestação expressa de que a missão dos vivos é continuar a obra imensa com ele iniciada.

Este aliás o tom do comunicado final lido após a cimeira, perante membros de parte das delegações estrangeiras presentes em Maputo, quadros do Partido e jornalistas. O comunicado indica com efeito a determinação dos países da Linha da Frente em continuarem a garantir ao Povo moçambicano o seu apoio e solidariedade na defesa das conquistas da Revolução e da herança de Samora Machel».

A declaração recorda que dias antes do trágico acontecimento que viria a ceifar a vida do Presidente Samora Machel, «os fazedores da guerra de Pretória, várias vezes repetiram ameaças contra Moçambique e particularmente contra a pessoa do Presidente». É, assim, com convicção que os Chefes de Estado e Governo da Linha da Frente declararam que

Kenneth Kaunda,
Presidente em
exercício da
Linha da Frente:
«A história nunca
nos perdoará se
não seguirmos os
passos», de Samora
Machel. (Foto:
Naíta Ussene)



«o Presidente Samora Machel foi vítima do apartheid», ao mesmo tempo que manifestam o facto de que «a luta irá continuar de uma forma mais vigorosa».

Condenando a atitude da França e outros países ocidentais que recebem no seu território o chefe da UNITA, Jonas Savimbi e pelo apoio material e diplomático concedido à RAS, os líderes da Linha da Frente «assinalaram a necessidade da condenação particularmente dos actos criminosos patrocinados pela África do Sul e pelos EUA, as acções dos bandidos da UNITA em Angola e as acções sul-africanas de terrorismo perpetradas pelos bandidos ar-

mados em Moçambique». É nesta ordem de pensamento que a Cimeira saudou a posição do Congresso dos Estados Unidos, pela sua atitude de anular o veto de Ronald Reagan à aplicação de sanções contra a África do Sul.

Atitude que encontra na RPM o sentimento manifestado por Marcelino dos Santos no início da Cimeira: «Somos fortes e unidos» afirmou, «tal como no passado, saberemos ocupar o nosso lugar aqui em Moçambique, na África Austral, no continente africano como um todo e na comunidade das Nações». A memória de Samora, «viverá sempre».

F. Manuel

ÁFRICA DO SUL É RESPONSÁVEL

● Reafirma Kaunda

O Presidente da Zâmbia e Presidente em exercício da Linha da Frente, Kenneth Kaunda, reafirmou no passado dia 29 de Outubro findo, que as autoridades sul-africanas continuam no banco dos réus pela morte do Chefe do Estado moçambicano, «até que provem o contrário». Kaunda respondia a uma pergunta formulada por jornalistas no final da cimeira que reuniu em Maputo os Chefes de Estado e Governo desta organização da África Austral.

Em relação ao despenhamento, afirmou que «recebemos informação detalhada», acrescentando ainda que «naturalmente o Governo deve esperar pelos resultados oficiais da investigação», o que foi referido como não constituindo impedimento a que «alguns países membros tenham as suas posições claras». Estas, segundo Kaunda, que esclareceu, não se tomarem com a intenção de «envolver os nossos anfitriões», apontam para o facto de que «a África do Sul é responsável» pela queda do avião «da mesma maneira que é

responsável por todos os problemas que estamos a enfrentar nesta região».

«Não ficámos impressionados pelas lágrimas dos dois Bothas», afirmou Kenneth Kaunda, que referiu existirem «provas circunstanciais claras» que fundamentam a convicção do seu directo envolvimento na queda do avião presidencial. Recordou neste quadro as afirmações do Ministro da Defesa sul-africano Magnus Malan no passado dia 15, segundo as quais se iria «encarregar dos países da Linha da Frente», com ênfase especial para a RPM e o Presidente Samora Machel, a quem se referiu como «introduzir uma revolução do tipo soviético» na região.

Fora isto, há o facto de que a aeronave «estava a ser controlada pelos radares sul-africanos». Kenneth Kaunda concluiria a enumeração dos dados com a manifestação da certeza de que «também sabemos que é possível, por meios electrónicos, interferir nos comandos de uma máquina como o avião».

F. M.

Confiança no futuro

Passada a hora mais brutal da dor, os olhos dos moçambicanos perscrutam o futuro. Legitimamente se interrogam sobre quem irá, mais directamente, empunhar a arma de Samora. Quem nos irá dar a voz de comando e contribuir decisivamente para enxugarmos as lágrimas que ainda teimam em cair.

A República Popular de Moçambique é um Estado de direito. Rege-se por leis a mais importante das quais é a Constituição. Ela é a Lei Fundamental, a lei das leis.

O Artigo 53 da nossa Constituição estabelece que «O Presidente da República Popular de Moçambique é o Presidente da FRELIMO.

O Presidente da República Popular de Moçambique é o Chefe de Estado. Simboliza a unidade nacional e representa a Nação no plano interno e internacional».

O Artigo 57 enuncia que «Em caso de morte, renúncia ou incapacidade permanente do Presidente da República, as suas funções serão imediatamente assumidas pelo Comité Central da FRELIMO, que deverá designar, no mais curto prazo possível, o novo Presidente da República».

Estes dois artigos têm um ponto em comum: é o papel relevante desempenhado pelo Partido, quer através do seu Presidente, quer através do seu Comité Central.

Todos acompanhamos o evoluir dos acontecimentos desde a trágica morte do Presidente Samora Machel. E podemos dizer que efectivamente, a Constituição foi cumprida na medida em que não houve um vazio no exercício do poder. Com efeito, o Comité Central, através do seu Bureau Político, assumiu o comando dos destinos da Nação provando, uma vez mais, que é o Partido quem dirige o Estado. A sede do CC ganhou um movimento e um ritmo nunca vistos. Eram as várias comissões a funcionar na organização das cerimónias fúnebres. Mas era também o Bureau Político, quase que reunido vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, a estudar a situação criada no

país, a comandar as várias comissões, a receber dirigentes nacionais e estrangeiros, a comunicar ao país os factos mais relevantes.

Numa altura em que a Nação chorava viu-se que o Partido não é uma abstracção e que é nele, na verdade, onde repousa o poder dos operários e camponeses. O Partido é um corpo vivo, com autoridade, com o martelo do comando — para usar uma imagem tão cara ao Presidente Samora Machel.

E foi o Partido que fez cumprir a Constituição. Por isso é para o Partido que neste momento convergem os olhos de todos os moçambicanos esperando a orientação correcta, a decisão justa, a mão do timoneiro. No Partido o Povo reconhece Samora Moisés Machel e nele deposita toda a confiança. E para este voto de confiança não é pré-condição ser membro do Partido. A condição é ser moçambicano apenas, ser patriota. Moçambique, mais do que nunca está unido. A unidade nacional é palpável. O sangue de Samora cimentou-a.

Resta-nos encarar o futuro com confiança. Poderão os inimigos da nossa Pátria tecer todas as conspirações, urdir todas as emboscadas políticas. O Povo moçambicano sairá vitorioso porque é um povo adulto (se tal é permitido dizer) um povo que busca um grande e imorredoiro objectivo: viver em paz e em paz construir o seu destino.

Poderá o apartheid armar exércitos contra nós tirando, enfim, o véu que encobre o seu rosto por detrás dos bandidos armados. É pública a vontade que os belicistas sul-africanos têm de invadir e semear a destruição no nosso País. Tudo isto não nos tira a confiança no nosso futuro porque sabemos que os grandes ideais porque morreram Mondlane e Samora entraram no coração de cada moçambicano. Os exércitos racistas poderão matar milhares mas não poderão matar o Povo. O Povo não morre e os seus ideais são sagrados e triunfarão.



